



# DO VAZIO AO CENTRO DO VALE

A REGENERAÇÃO DO VALE DE CHELAS A PARTIR DA “TINTURARIA PORTUGÁLIA”

**Ana Raquel Fonseca Silva**

(Licenciada)

**Projeto Final de Mestrado**

para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

**Orientação Científica**

Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

**Júri**

Presidente, Professora Doutora Maria Manuela Ferreira Mendes

Vogal, Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Documento Definitivo

**Lisboa, FA ULisboa, Março de 2019**





**DO VAZIO AO CENTRO DO VALE**  
**A Regeneração do Vale de Chelas a partir da “Tinturaria Portugália”**

**Ana Raquel Fonseca Silva**  
(Licenciada)

**Projeto Final de Mestrado**  
para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

**Orientação Científica**  
Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa  
Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

**Júri**  
Presidente, Professora Doutora Maria Manuela Ferreira Mendes  
Vogal, Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Documento Definitivo  
Lisboa, FA ULisboa, Março de 2019

*Não é segurando nas asas que se ajuda um pássaro a voar.*

*O pássaro voa simplesmente porque o deixam ser pássaro.*

Mia Couto *in* Jerusalém (2009)

## Resumo

*Título*

**Do Vazio ao Centro do Vale**

*Subtítulo*

**A Regeneração do Vale de Chelas a partir da “Tinturaria Portugália”**

*Autora*

**Ana Raquel Fonseca Silva**

*Orientação científica*

Professor Doutor **José Aguiar**

Professor Doutor **José Luís Crespo**

*Mestrado Integrado em Arquitetura*

FA, ULisboa, Março 2019

Memória de um lugar outrora fulgurante, o Vale de Chelas é hoje um território *esquecido* e *marginalizado*, onde permanecem ao abandono as antigas estruturas industriais que constituem parte do conhecido *cemitério das fábricas* de Lisboa.

Em *Do Vazio ao Centro do Vale* procura-se desenvolver uma base de estudo e reflexão sobre a origem dos vazios urbanos e a possibilidade destes se regenerarem numa nova centralidade. A este, acresce o estudo sobre o processo de regeneração sócio-urbana, através das políticas de sustentabilidade social e da reconversão do património industrial. O Vale de Chelas surge assim como objeto de estudo para uma intervenção ao nível urbano e arquitetónico na cidade de Lisboa, focando-se a análise teórica também nas componentes históricas e sociais que estiveram na origem do panorama atual do vale.

A componente prática do trabalho incide na aplicação dos conceitos teóricos e da sua resolução através do desenho de um novo parque urbano no Vale de Chelas, que procure restituir as valências naturais e arquitetónicas do vale, tendo como princípios a valorização do meio ambiente e do património industrial.

Como proposta arquitetónica, surge a reconversão da antiga *Fábrica da Tinturaria Portugália* num novo centro comunitário e cultural, assim como a conceção de um novo fórum ocupacional para a população sem abrigo. A proposta pretende valorizar não apenas o património industrial, mas também os diferentes estratos sociais da população do Vale de Chelas, procurando reunir dois programas que auxiliem não apenas no crescimento, como na reintegração social da população do vale na cidade de Lisboa.

---

**PALAVRAS-CHAVE**

Património Industrial, Regeneração Urbana, Sustentabilidade Social, Vale de Chelas, Vazios Urbanos



## ***Abstract***

*Title*

**Do Vazio ao Centro do Vale**

Memory of a once-effluent place, the Chelas Valley is now a *forgotten* and *marginalized* territory, where the old industrial structures that form part of the well-known *cemetery of the factories* of Lisbon remain abandoned.

*Subtitle*

**A Regeneração do Vale de Chelas a partir da “Tinturaria Portugália”**

In *Do Vazio ao Centro do Vale* it is tried to develop a base of study and reflection on the origin of the urban voids and the possibility of these to regenerate in a new centrality. To this is added the study on the process of socio-urban regeneration, through policies of social sustainability and the reconversion of industrial heritage. The Chelas Valley thus emerges as an object of study for an intervention at the urban and architectural level in the city of Lisbon, focusing on the theoretical analysis also on the historical and social components that were the origin of the current panorama of the valley.

*Author*

**Ana Raquel Fonseca Silva**

The practical component of the work focuses on the application of the theoretical concepts and their resolution through the design of a new urban park in the Chelas Valley, which seeks to restore the natural and architectural valences of the valley, based on valuing the environment and the industrial heritage.

*Scientific Supervision*

Professor Doutor **José Aguiar**  
Professor Doutor **José Luís Crespo**

*Integrated Master's in Architecture*

FA, ULisboa, March 2019

As an architectural proposal, the old *Fábrica da Tinturaria Portugália* is being converted into a new community and cultural center, as well as the design of a new occupational forum for the homeless population. The proposal intends to value not only the industrial heritage, but also the different social strata of the population of the Chelas Valley, seeking to combine two programs that help not only growth but also the social reintegration of the population of the valley in the city of Lisbon.

---

### **KEY-WORDS**

Industrial Heritage, Urban Regeneration, Social Sustainability, Chelas Valley, Urban Voids



## **Agradecimentos**

Ao longo dos últimos anos, Arquitetura não me trouxe apenas conhecimentos e cultura, mas sobretudo pessoas e memórias que não serão esquecidas.

Agradeço por isso todo o apoio e orientação dada pelos meus professores, sobretudo pelos meus orientadores. Ao professor José Aguiar por incentivar o sonho e a criatividade através do seu pragmatismo e entusiasmo por esta arte. Ao professor José Luís Crespo pela disponibilidade e pela sua boa disposição que alegraram sempre as nossas conversas.

Agradeço também àqueles que, desde os primeiros dias desta jornada, me acompanharam nas mais variadas aventuras. À Mafalda e ao Pedro por ouvirem os meus desabaços sobre a vida de estudante de arquitetura. Ao grupo de meninas que este curso me deu, que não só apoiaram como fizeram parte do meu crescimento enquanto pessoa.

Por último, mas tão ou mais importante, agradeço à minha pequena grande família, em especial à minha mãe, por todas as horas de apoio e amor incondicional, pela compreensão, e por ser a prova de que quando queremos muito, conseguimos. Obrigada mãe.





# Índice

<b>Resumo .....</b>	<b>I</b>
<b><i>Abstract</i>.....</b>	<b>III</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>V</b>
<b>Índice .....</b>	<b>VII</b>
<b>Índice de Figuras .....</b>	<b>IX</b>
<b>I. Introdução .....</b>	<b>1</b>
1. Enquadramento e Objetivos.....	3
2. Metodologia.....	5
3. Estrutura e Organização .....	7
<b>II. Os Espaços Expectantes e a Sua Regeneração .....</b>	<b>11</b>
1. De vazios urbanos a novas centralidades .....	15
2.1. O Bairro como centro económico-social e cultural .....	19
2. A Regeneração Sócio-Urbana.....	21
2.1. O Papel da Sustentabilidade Social na Regeneração Urbana .....	24
2.2. O Papel da Reconversão do Património Industrial.....	29
<b>III. Projetos de Referência.....</b>	<b>37</b>
1. Plano 22@ Barcelona.....	41
2. Cultuurpark Westergasfabriek .....	43
3. Evergreen Brick Works .....	49
4. Can Ribas .....	53
5. Museu Can Framis.....	57
<b>IV. O Vale de Chelas.....</b>	<b>65</b>
1. O Vale Rural e o Vale Industrial.....	69
1.1. O Vale dos séculos XX e XXI .....	75

1.2. De fábrica a vapor a ruínas industriais .....	77
1.3. O caso da Tinturaria Portugália .....	83
2. As Pessoas do e no Vale de Chelas.....	85
2.1. As pessoas e o vale: um percurso de observação .....	89
2.2. A população sem abrigo .....	95
3. O Vale como Território.....	99
3.1. Os planos para o vale.....	101
1. Plano De Urbanização Do Vale De Chelas, 1997/98 - 2015 .....	101
2. Área de Reabilitação Urbana no Vale de Chelas, 2015 .....	103
3. O Corredor Verde Oriental, 2012-2020 .....	105
3.1. Estudo de Viabilidade do Corredor Verde Oriental – Vale de Chelas, NPK, 2014-2016 .....	107
<b>V. Proposta de Intervenção no Vale de Chelas .....</b>	<b>111</b>
1. A Indústria e a Expansão do Parque Urbano do Vale de Chelas .....	115
2. A Reconversão da “Fábrica da Tinturaria Portugália” .....	119
<b>VI. Considerações Finais .....</b>	<b>137</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>143</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>151</b>

# Índice de Figuras

1. Fotografia: Vista parcial do vale. Ao centro, as antigas instalações da Fábrica da Tinturaria Portugália. Vale de Chelas, Lisboa, 2018. Fonte: autora .....	XVIII
2. Esquema: Levantamento da cidade de Lisboa. Assinalado a vermelho, a zona do Vale de Chelas. Fonte: MIARQ B 2015/2016 .....	2
3. Fotografia: Vista parcial do terreno da Fábrica da Tinturaria Portugália, 2018. Fonte: autora..	9
4. Fotografia: Terrain vague em Saatwinkler Damm, Charlottenburg. Berlim, Alemanha. Fonte: <a href="http://www.kregenow.com/terrain_vague.php">http://www.kregenow.com/terrain_vague.php</a> (consultado a maio/2018) .....	14
5. Fotografia: Vazio urbano junto à Estrada de Chelas. Vale de Chelas, Lisboa, 2018. Fonte: autora .....	14
6. Fotografia: Vista da cidade de Lisboa a partir do Miradouro da Graça. Fonte: <a href="https://www.vortexmag.net/os-5-bairros-mais-bonitos-de-lisboa/5/">https://www.vortexmag.net/os-5-bairros-mais-bonitos-de-lisboa/5/</a> (consultado a maio/2018) .....	18
7. Fotografia: Transformação urbana do Parque Madrid Rio – antes (2007) e depois (2011). Madrid, Espanha. Fonte: <a href="http://doyoucity.com/proyectos/entrada/1637">http://doyoucity.com/proyectos/entrada/1637</a> (consultado a maio/2018) .....	20
8. Fotografia: Reconversão da antiga fábrica de gás Westergasfabriek – antes (em cima) e depois (em baixo). Amesterdão, Holanda. Fonte: <a href="https://creativecities.nl/2014/11/28/gasholder/">https://creativecities.nl/2014/11/28/gasholder/</a> e <a href="http://www.westergasfabriek.nl/en/practicalinfo/directions/">http://www.westergasfabriek.nl/en/practicalinfo/directions/</a> (consultados a maio/2018) .....	28
9. Fotografia: Vista da Fábrica da Samaritana, pela encosta do Alto de S. João. Vale de Chelas, Lisboa. Fonte: autora, 2018 .....	31
10. Fotografia: Vista da Fábrica da Tinturaria Portugália. Vale de Chelas, Lisboa, 2018. Fonte: autora .....	32
11. Fotografia: Interior da Fábrica da Samaritana. Vale de Chelas, Lisboa, 2018. Fonte: autora .....	35
12. Fotografia: Vista aérea de Poblenou. Barcelona, Espanha. Fonte: <a href="http://www.22barcelona.com/documentacio/Dossier22@/Dossier22@English_p.pdf">http://www.22barcelona.com/documentacio/Dossier22@/Dossier22@English_p.pdf</a> (consultado em janeiro/2019) .....	40

13. Fotografia: Vista aérea do Culture Park Westergasfabriek. Amsterdão, Holanda. Fonte: <a href="http://www.westergasfabriek.nl/en/practical-info/directions/">http://www.westergasfabriek.nl/en/practical-info/directions/</a> (consultado em outubro/2017)	42
14. Monografia: Monografia histórica do complexo da Westergasfabriek. Fonte: <a href="http://www.westergasfabriek.nl/en/about/history/">http://www.westergasfabriek.nl/en/about/history/</a> (consultado em outubro/2017)	43
15. Monografia: Vista aérea da Westergasfabriek no século XX. Fonte: <a href="http://www.westergasfabriek.nl/en/about/history/">http://www.westergasfabriek.nl/en/about/history/</a> (consultado em outubro/2017)	44
16. Fotografia: Interior de um dos edifícios históricos da fábrica. 1990's. Fonte: <a href="https://www.herbestemming.nu/projecten/westergasfabriek-amsterdam">https://www.herbestemming.nu/projecten/westergasfabriek-amsterdam</a> (consultado em outubro/2017)	45
17. Desenho: Planta do projeto Changeмент, da arquiteta Kathryn Gustafson. Fonte: <a href="http://www.gp-b.com/cultuurpark-westergasfabriek">http://www.gp-b.com/cultuurpark-westergasfabriek</a> (consultado em outubro/2017)	46
18. Fotografia: Vista do exterior dos edifícios industriais. Fonte: <a href="http://www.gp-b.com/cultuurpark-westergasfabriek">http://www.gp-b.com/cultuurpark-westergasfabriek</a> (consultado em outubro/2017)	47
19. Fotografia: Vista de um dos planos de água do novo parque. Fonte: <a href="http://www.gp-b.com/cultuurpark-westergasfabriek">http://www.gp-b.com/cultuurpark-westergasfabriek</a> (consultado em outubro/2017)	47
20. Fotografia: Vista do complexo Evergreen Brick Works e da sua envolvente verde. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018)	49
21. Monografia: Monografia histórica da Brick Works. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018)	50
22. Fotografia: Vista do novo edifício Centre for Green Cities. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018)	50
23. Fotografia: Vista para o conjunto do antigo e do novo edifício. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018)	50

24. Desenho: Corte pelo antigo e novo edifício da Evergreen Brick Works. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018).....	51
25. Fotografia: Vista do interior do mercado (esquerda) e para o exterior do conjunto a partir da varanda do novo edifício (direita). Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018) .....	51
26. Fotografia: Nova praça junto à antiga Fábrica Can Ribas. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018) .....	52
27. Fotografia: Pavilhão de vapor e fachada de parte de outro edifício do complexo (à esquerda). Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018) .....	53
28. Fotografia: Vista para a parede integrada (à direita). Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018) .....	53
29. Desenho: Esboço do conceito da intervenção. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018) .....	54
30. Fotografia: Novas molduras dos vãos da parede integrada. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018) .....	54
31. Fotografia: Cobertura que faz a ligação entre os antigos pilares e a fachada antiga da fábrica. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018) .....	54
32. Desenho: Render tridimensional das preexistências do complexo industrial Can Ribas. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018) .....	55
33. Desenho: Planta, cortes e alçados das preexistências (à esquerda). Planta, cortes e alçados da nova intervenção (à direita). Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery</a> (consultado em agosto/2018) .....	55

34. Fotografias: O antes (à esquerda) e o depois (à direita) da Can Framis. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia">https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia</a> (consultado em agosto/2018).....	56
35. Fotografia: O novo volume de betão e a sua ligação às preexistências. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia">https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia</a> (consultado em agosto/2018) .....	56
36. Fotografia: Vista aérea do novo museu e da sua envolvente. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia">https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia</a> (consultado em agosto/2018) .....	57
37. Fotografia: Tratamento de uma das fachadas preexistentes da antiga fábrica. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia">https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia</a> (consultado em agosto/2018) .....	58
38. Fotografia: Vista para a praça de entrada do museu. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia">https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia</a> (consultado em agosto/2018) .....	58
39. Fotografia: Fachada poente do novo volume de betão. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia">https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia</a> (consultado em agosto/2018) .....	58
40. Fotografia: Inserção da antiga chaminé industrial da fábrica numa nova praça. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia">https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia</a> (consultado em agosto/2018) .....	59
41. Fotografia: Ligações entre a preexistência e o novo volume. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia">https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia</a> (consultado em agosto/2018) .....	59
42. Fotografia: Vista para a praça de entrada a partir do novo jardim envolvente. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia">https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia</a> (consultado em agosto/2018) .....	59
43. Fotografia: Vistas do interior do novo museu. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia">https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia</a> (consultado em agosto/2018) .....	60

44. Desenho: Corte longitudinal pela preexistência a norte. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia">https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia</a> (consultado em agosto/2018) .....	60
45. Desenho: Planta de implantação do projeto. Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia">https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia</a> (consultado em agosto/2018) .....	60
46. Fotografia: Palácio da Quinta do Lavrado e do viaduto ferroviário do Vale de Chelas, 1963. Fonte: Artur João Goulart, Arquivo Municipal de Lisboa .....	66
47. Fotografia: Entrada de pátio na Estrada de Chelas. Vale de Chelas, 1963. Fonte: Artur João Goulart, Arquivo Municipal de Lisboa.....	66
48. Fotografia: Viaduto ferroviário do Vale de Chelas pela Estrada de Chelas, 1961. Fonte: Artur João Goulart, Arquivo Municipal de Lisboa .....	68
49. Fotografia: Panorâmica para o Vale de Chelas e suas fábricas, 1949. Fonte: Eduardo Portugal, Arquivo Municipal de Lisboa .....	70
50. Fotografia: Entrada do antigo Pátio do Inglês pela Rua Gualdim Pais, 1966. Fonte: Artur João Goulart, Arquivo Municipal de Lisboa .....	72
51. Fotografia: Conjunto habitacional na Estrada de Chelas, junto à Travessa da Amorosa, 1967. Fonte: Augusto de Jesus Fernandes, Arquivo Municipal de Lisboa .....	73
52. Fotografia: Pátio da Vila Flamiano. Vale de Chelas, 2018. Fonte: autora. ....	73
53. Fotografia: Inundações no Largo Marquês de Nisa. Vale de Chelas, 1945. Fonte: Ferreira da Cunha, Arquivo Municipal de Lisboa .....	74
54. Fotografia: Viaduto ferroviário de Xabregas, 1968. Fonte: Arnaldo Madureira, Arquivo Municipal de Lisboa .....	74
55. Desenho: Localização da Fábrica da Tinturaria Portugália nas plantas cartográficas de Lisboa. Da esquerda para a direita, Planta Cartográfica de Lisboa por Filipe Folque (1859/58), Planta Cartográfica da Câmara Municipal de Lisboa (1871), Planta Cartográfica de Lisboa por Silva Pinto (1911). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa .....	76
56. Desenho: Desenhos da ampliação realizada a sudeste na fábrica, na ala nascente, 1898. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.....	78

57. Fotografia: Panorâmica sob o cemitério do Alto de S. João, com a localização parcial da Fábrica da Tinturaria Portugália (à esquerda), 1933. Fonte: Vasco Gouveia de Figueiredo, Arquivo Municipal de Lisboa .....	79
58. Desenho: Plantas, cortes, alçados e pormenores da Casa das Caldeiras, 1920. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa .....	80
59. Desenho: Alçado parcial da imponente fachada em arco da fábrica, 1923. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa .....	80
60. Desenho: Planta geral do complexo, do arquiteto Manuel Mendes Taínha, 1949. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. ....	80
61. Desenho: Cortes transversais da fábrica, da autoria de Manuel Mendes Taínha, 1957. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. ....	80
62. Fotografia: Muro da antiga Tinturaria Portugália, 2018. Fonte: autora .....	82
63. Desenho: Planta topográfica do projeto de uma fachada junto à casa das caldeiras, com indicação dos respetivos proprietários de cada edifício, 1938. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. ....	82
64. Fotografia: Percurso do arco da Vila Dias e ao viaduto ferroviário de Xabregas, 1940. Fonte: Eduardo Portugal, Arquivo Municipal de Lisboa .....	84
65. Esquema: Percurso de observação. 2018. Fonte: autora.....	88
66. Fotografia: Convento de Chelas (a), Largo de Chelas, 2018. Fonte: autora .....	92
67. Fotografia: Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora .....	92
68. Fotografia: Viaduto ferroviário do Vale de Chelas (c1), Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora .....	92
69. Fotografia: Beco das Taipas (b), Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora .....	92
70. Fotografia: Conjunto de casas na Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora .....	92
71. Fotografia: Interior da Quinta de Santa Catarina (d), Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora .....	92
72. Fotografia: Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora .....	92



73. Fotografia: Paragem de autocarros na Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora .....	92
74. Fotografia: Palácio da Quinta do Lavrado (e), junto ao viaduto ferroviário (c2), Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora .....	92
75. Fotografia: Viaduto ferroviário do Vale de Chelas (c2), Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora .....	92
76. Fotografia: Fábrica de Fiação e Tecidos de Lã de Inácio de Magalhães Basto & Cia (f), Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora.....	92
77. Fotografia: Bifurcação entre Estrada de Chelas e Rua Gualdim Pais, 2018. Fonte: autora .	92
78. Fotografia: Antiga Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora .....	92
79. Fotografia: Antiga Estrada de Chelas junto ao Cemitério do Alto de S. João (o), 2018. Fonte: autora .....	92
80. Fotografia: Vista para a Fábrica da Tinturaria Portugália (h), Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora .....	92
81. Fotografia: Fachada da Tinturaria Portugália (h), Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora .	92
82. Fotografia: Antiga Estrada de Chelas, 2018. Fonte: autora .....	92
83. Fotografia: Vista para a encosta da Madre de Deus (g), Travessa da Amorosa, 2018. Fonte: autora .....	92
84. Fotografia: Pessoas sem abrigo a pernoitar na rua. Fonte: <a href="https://tvi24.iol.pt/sociedade/frio/lisboa-plano-de-contingencia-para-sem-abrigo-ativo-ate-segunda">https://tvi24.iol.pt/sociedade/frio/lisboa-plano-de-contingencia-para-sem-abrigo-ativo-ate-segunda</a> e <a href="https://www.cvidaepaz.pt/2017/01/17/15337/">https://www.cvidaepaz.pt/2017/01/17/15337/</a> (consultado em novembro/2018) .....	94
85. Desenho: Plano de Urbanização do Vale de Chelas, 1997/98 – planta de usso (em cima) e planta de localização das UPG'S (em baixo). Fonte: CML .....	100
86. Desenho: Planta de delimitação da ARU do Vale de Chelas. Fonte: CML .....	102
87. Esquema: Corredor Verde Oriental. Esquema elaborado pela CML, 2018. Fonte: <a href="http://www.cm-lisboa.pt/viver/ambiente/corredores-verdes/oriental">http://www.cm-lisboa.pt/viver/ambiente/corredores-verdes/oriental</a> (consultado em janeiro/2019) .....	104

88. Esquema: Fase 1 do Estudo de Viabilidade do Corredor Verde Oriental - Vale de Chelas. NPK, 2014-2016. Fonte: NPK .....	106
89. Esquema: Plano de arborização da fase 2 do Estudo de Viabilidade do Corredor Verde Oriental - Vale de Chelas. NPK, 2014-2016. Fonte: NPK.....	108
90. Desenho: Planta sem escala da proposta urbana, 2019. Fonte: autora .....	114
91. Esquema: Programa para o património industrial no vale, 2019. Fonte: autora.....	118
92. Esquema: Estrutura original (à esquerda) e intervenção proposta (à direita), 2019. Fonte: autora.....	119
93. Fotografia: Estrutura monolítica da Fábrica da Tinturaria Portugália, 2018. Fonte: autora .....	120
94. Fotografia: Interior atual da nave sul, 2018. Fonte: autora .....	120
95. Fotografia: Interior atual da ala nascente-norte da fábrica, 2017. Fonte: Fábio Castelhana .....	120
96. Fotografia: Interior da oficina de betão, 2017. Fonte: Fábio Castelhana.....	120
97. Desenho: Corte pela Fábrica (núcleo norte) – relação das novas coberturas com a cobertura em betão preexistente. 2019. Fonte: autora .....	122
98. Desenho: Planta parcial do piso térreo da Fábrica – relação do novo auditório-miradouro com a preexistência. 2019. Fonte: autora .....	123
99. Desenho: Corte pela Fábrica (núcleo sul) – relação das novas coberturas com o interior dos espaços e galerias, e com o pátio. 2019. Fonte: autora .....	123
100. Desenho: Corte pela Fábrica (núcleo norte) – relação entre o edifício predial preexistente e a fábrica, assim como da ligação da fábrica com a casa das caldeiras. 2019. Fonte: autora ....	124
101. Desenho: Planta do piso térreo da casa das caldeiras. 2019. Fonte: autora .....	125
102. Desenho: Corte pelo Fórum Ocupacional do Beato – relação da volumetria com a volumetria (em fundo) da fábrica. 2019. Fonte: autora .....	125
103. Desenho: Alçado nascente (em cima) e alçado poente (em baixo) da Fábrica e do Fórum Ocupacional do Beato. 2019. Fonte: autora .....	126

104. Esquema: Axonometria explicativa do programa da proposta. 2019. Fonte: autora .....	128
105. Esquema: Plantas explicativas dos usos programáticos. 2019. Fonte: autora.....	128
106. Desenhos: Planta do piso térreo do conjunto (em cima) e plantas do piso 1 e superiores do conjunto (em baixo). 2019. Fonte: autora .....	130
107. Desenhos: Alçado parcial nascente e planta parcial da Fábrica – materialização. 2019. Fonte: autora .....	132
108. Desenhos: Alçado parcial nascente e planta parcial do Fórum Ocupacional do Beato - materialização. 2019. Fonte: autora.....	135



1. Vista parcial do vale. Ao centro, as antigas instalações da Fábrica da Tinturaria Portuguesa. Vale de Cbelas, Lisboa.

## I. Introdução

Situado no lado oriental da cidade de Lisboa, o Vale de Chelas é atualmente um território físico e socialmente fragmentado, *marginalizado* e *negligenciado*, consequência das sucessivas ocupações e apropriações a que foi sujeito ao longo do tempo. Após décadas de *desindustrialização* e de *encolhimento urbano*, o Vale é hoje um território esquecido e envelhecido, onde permanecem ainda as estruturas industriais, símbolos de um passado outrora fulgurante e que constituem parte do conhecido *cemitério das fábricas* de Lisboa.

O presente documento espelha assim o interesse por este território e pela invocável *dúvida* que surge sempre perante ele, nomeadamente no que diz respeito às origens da sua *marginalidade* espacial e social na cidade lisboeta. A proximidade pessoal da autora a ele e a abordagem do mesmo no âmbito da unidade curricular de Laboratório de Projeto VI vieram desencadear outro tipo de questões mais formais de nível arquitetónico, ecológico, social e urbano, às quais se pretende aqui responder.

O outrora lugar de origem da industrialização oriental de Lisboa, o Vale de Chelas, com todas as suas valências arquitetónicas, biológicas, ecológicas e históricas, carece há muito de uma reestruturação urbana que lhe devolva a vitalidade que chegou um dia a ter. Tal reestruturação inclui também um enfoque na questão social, que não pode continuar ignorada, sendo através dela e da sua relação com todas as outras questões mais técnicas que se geram oportunidades para este território.

Nesse sentido, o presente documento tem como foco a *regeneração* desta área da cidade, através da *reabilitação* e *requalificação* dos espaços (na sua maioria) inativos que constituem a antiga “Fábrica da Tinturaria Portuguesa”<sup>1</sup>, assim como dos antigos pátios e vilas industriais conexos a ela e que ainda permanecem – muito degradados – no Vale de Chelas.

Assim, o principal objetivo do trabalho será perceber como reabilitar uma estrutura natural altamente afetada pela indústria, de modo a devolver ao vale as suas características naturais e biológicas; perceber como a *reconversão* do património industrial

---

<sup>1</sup> Como desenvolvido no capítulo IV, a investigação realizada veio demonstrar que a estrutura arquitetónica intervencionada se trata afinal da *Fábrica de Fiação e Tecidos de José Pedro Mattos*. Optou-se por continuar a associá-la à *Tinturaria Portuguesa* pelo simbolismo que esta apresenta na *memória* da população local.

se articula com a construção social do lugar, no sentido de regenerar e devolver o vigor a este território, contribuindo também para a restituição de parte da sua história; e, finalmente, perceber de que forma um programa comunitário, cultural, e educativo pode influenciar e garantir novos usos e funções que contribuam para o melhoramento não só da vida dos locais, como também da imagem do Vale de Chelas e, consequentemente, da cidade de Lisboa.



2. Levantamento da cidade de Lisboa.  
Assinalado a vermelho, a zona do Vale de Chelas.

## 1. Enquadramento e Objetivos

---

O presente trabalho apresenta a possibilidade de uma intervenção urbana e arquitetónica na outrora área industrial a jusante do Vale de Chelas, mais concretamente entre o *Alto de São João* e o *Alto da Madre Deus*. Neste território estão presentes elementos de elevada importância patrimonial, como são o caso da *Fábrica da Samaritana* e da *Fábrica da Tinturaria Portuguesa*, das ainda presentes vilas operárias *Emília* e *Flamiano*, e do *Convento e Igreja da Madre de Deus* (atual Casa Pia e Museu do Azulejo) e do *Convento de Xabregas* (atual Teatro Ibérico), que devem ser preservados e valorizados.

O vale apresenta-se hoje como sempre o foi: uma área de baixa altitude, cercada por duas colinas, onde percorre (pelo solo) a *Ribeira de Chelas*, que desagua no rio Tejo. Trata-se, portanto, de uma área de características físicas singulares, a nível espacial, morfológico e ambiental, que necessita de ser cuidada e preservada, no sentido de lhe restituir alguma da sua fauna e flora. Para além disso, é necessário ter em consideração a sua proximidade tanto à frente ribeirinha como ao centro histórico de Lisboa, aspetos relevantes a ter em conta na sua intervenção.

Sendo atualmente um território *esquecido e marginalizado*, constitui uma *falha urbana e social* no caminho oriental que une Santa Apolónia ao Parque das Nações. Por essa razão, representa uma oportunidade de devolver e restituir um lugar, outrora cheio de pessoas e vida, à cidade de Lisboa, valorizando, simultaneamente, o património cultural e industrial.

**Do Vazio ao Centro do Vale** surge então como uma hipótese de intervir num território necessitado, procurando restaurar e promover um processo de inclusão física e social no território do Vale de Chelas.

O presente trabalho apresenta como objetivo a conceção de uma proposta urbana para o território em questão, com o propósito de restituir as suas valências naturais, proporcionando também espaços públicos que promovam o convívio e valorizem o território. A *reabilitação* e *reconversão* de um antigo complexo industrial num equipamento de carácter comunitário, cultural e educativo, que funcione como centro da *regeneração* deste território, assim como o desenho de um novo fórum ocupacional para a população sem abrigo inspirado na ideia de vila operária, apresentam-se também como objetivos deste trabalho.

Assim, no trabalho a desenvolver pretende-se atingir os objetivos gerais e específicos, permitindo a definição de um quadro conceptual e teórico de estudo. A apresentar:

- Perceber a influência da *reconversão* de espaços industriais na criação de uma nova centralidade que ajude na estruturação social de uma zona atualmente fragmentada e isolada física e socialmente.
- Analisar as relações (ou falta delas) da população local com o passado industrial do Vale de Chelas, de forma a perceber qual a memória ainda presente dos usos das antigas estruturas industriais.
- Dissipar as barreiras físicas e sociais para a reintegração do território jusante do Vale de Chelas na cidade de Lisboa.
- Reconverter o antigo complexo da *Tinturaria Portugália* num novo espaço local que promova as relações entre a população local, os bairros vizinhos e a população sem-abrigo local.
- Garantir a integração do novo objeto arquitetónico, tanto como referência na cidade, como elemento da identidade local.
- Integrar dinâmicas sociais entre os diversos estratos etários e sociais, proporcionando uma maior integração física, social e económica.
- Requalificar o espaço urbano e devolver ao vale as suas características naturais e biológicas, através da criação de um novo parque urbano, que auxilie também na reintegração deste território na cidade de Lisboa.



## 2. Metodologia

---

Para a elaboração e desenvolvimento do projeto adota-se uma metodologia de estudo de caso, que terá como base uma abordagem de carácter qualitativo, onde se recorrerá a um conjunto de instrumentos e técnicas de recolha e análise de informação, que permitam que o tema em estudo esteja coberto em todas as suas dimensões.

Como forma de definir o quadro conceptual e teórico, procedeu-se à recolha e análise de referências bibliográficas, assim como a realização de observações exploratórias, que permitiram contextualizar as diferentes interações entre as pessoas e os espaços urbanos e arquitetónicos da cidade.

Procurou-se também realizar uma investigação, recolha e análise de trabalhos e projetos de referência nacionais e internacionais, assim como de planos e projetos de estudo, municipais e nacionais: esta fase permitiu contextualizar o tipo de abordagem definida para a área em estudo, apoiando a proposta em termos de referências ao nível arquitetónico, urbano, morfológico e geográfico. Neste sentido, procurou-se perceber como foram realizados e quais os resultados que estes planos e projetos obtiveram, e que princípios aqui se estabeleceram que possam ser adotados de forma a dar resposta às hipóteses e questões de partida do presente documento.

Numa outra fase, fez-se a recolha e análise de bibliografia, cartografia e outros documentos históricos, que auxiliaram no entendimento da história e perceção do lugar, aspetos preponderantes para qualquer intervenção a realizar para o território em questão. Simultaneamente, foi também realizada uma caracterização da população da área em estudo, com recurso a informação estatística, a técnicas de observação direta e à realização de uma entrevista a uma associação <sup>2</sup>: uma observação direta às práticas espaciais e sociais da população, assim como um contato mais direto através da realização de entrevistas, permitiu perceber, através dos seus resultados, a adequação dos espaços e a sua configuração ao perfil da população.

A fase de interligação entre a parte teórica com a proposta projetual foi a que se revelou de maior importância, uma vez que permitiu que a investigação realizada anteriormente

---

<sup>2</sup> Entrevista realizada à Doutora Rita Farias da Associação CRESCER – ver anexo III.

sirva de fundamento à proposta de projeto, que consiste na definição de uma estratégia urbana, que integre a reconversão de um complexo industrial num equipamento multifuncional, e o desenvolvimento de outro equipamento de carácter ocupacional e de integração social.

Numa fase final, foi desenvolvida a solução projetual, através da elaboração das propostas de programa, desenho urbano e anteprojeto, que culminaram no desenvolvimento das conclusões finais do presente documento, com a elaboração da proposta arquitetónica final.

### 3. Estrutura e Organização

---

A estrutura do trabalho é constituída por uma componente teórica e uma componente prática.

A componente teórica corresponde às fases de análise e investigação que sustentam a realização da proposta projetual como forma de demonstração e verificação desses elementos no decorrer do desenvolvimento do trabalho.

A esta componente corresponde o capítulo *Os Espaços Expectantes e a sua Regeneração*, onde se desenvolveu os conceitos do presente documento. Inicialmente, desenvolveu-se o tema dos *Vazios Urbanos*, como surgem e que tipo de oportunidades geram na estrutura das cidades; é também explorada a questão da *centralidade urbana*, de que forma figura e qual o seu papel, nomeadamente numa cidade como a de Lisboa. Posteriormente, analisou-se o tema da *Regeneração Urbana* e de que forma esta pode ter um papel importante na imagem das cidades e dos seus territórios. Procurando uma aproximação ao território em estudo, analisou-se também dois componentes deste tema – o foco social e o foco arquitetónico. Procurou-se não só definir o que são *sustentabilidade social* e *património industrial*, mas sobretudo o peso que podem ter em territórios sujeitos a uma política urbana como a *regeneração urbana*.

No capítulo *Projetos de Referência*, são apresentados os casos de estudo selecionados, com o objetivo de verificar conceitos e linhas de ação abordados na investigação teórica e conceptual. Pretendeu-se analisar exemplos práticos de arquitetura e urbanismo que se assemelhem às singularidades do território em estudo, reunindo diferentes tipos de abordagem e pensamento, contribuindo desta forma para a linha de conceção do desenvolvimento projetual.

Como último apontamento da componente teórica surge o capítulo *O Vale de Chelas*, onde se faz a contextualização física, histórica e social do território a intervir. Procurou-se perceber melhor a memória do lugar, assim como a caracterização da população, nomeadamente no que diz respeito às relações que existem entre os dois tipos de estratos sociais presentes. Finalmente, analisou-se um conjunto de planos e projetos urbanos, enquadrados e distribuídos um pouco por todo o Vale de Chelas.

A componente prática corresponde aos últimos capítulos do presente documento, e culminam na demonstração da aplicação do estudo conceptual da componente teórica, sob a forma de uma proposta urbana e arquitetónica.

Assim, surge finalmente o capítulo *Anexos*, onde se finaliza todo o processo de trabalho. Nele, estão dispostos todos os elementos preponderantes à realização do presente documento e que surgiram com a experimentação de ideias, assim como todos os elementos finais do projeto, incluindo maquetes (em formato de fotografias) e outros, que ajudam a explicar todo o processo de trabalho e a sua conceção.



3. Vista parcial do terreno da Fábrica da Tinturaria Portuguesa.



## **II. Os Espaços Expectantes e a Sua Regeneração**





## Introdução

---

Na cidade de Lisboa, o Vale de Chelas surge como um dos muitos antigos espaços urbanos industrializados que perderam o seu uso e consequente vitalidade.

Porque a cidade de Lisboa teve sempre tendência a crescer para ocidente, é no lado oriental que se encontra uma maior concentração destes espaços *vazios* de vida e de pessoas, outrora *centralidades* de um dinamismo económico e social que se perderam com o avançar da tecnologia.

Atualmente, verifica-se uma maior preocupação administrativa e social sobre estes espaços, nomeadamente sobre o que fazer com eles e que novas influências podem ter na sociedade lisboeta.

Nesse sentido, o presente capítulo procura analisar o que são de facto estes *vazios*, como surgem e que oportunidades podem produzir, de forma a restaurar e/ou gerar novas *centralidades*.

Dentro da mesma linha de pensamento, procura-se também analisar a influência das novas políticas urbanas, que visam um olhar das cidades para o seu interior antes de continuarem a crescer. Procura-se entender o que leva a que, atualmente, se procure *regenerar* estes espaços, e de que forma é feito esse processo. Da mesma forma, procura-se entender o impacto social dessa *regeneração* e como podem estes espaços, maioritariamente, industriais contribuir para o processo.



4. Terrain vague em Saatwinkler Damm,  
Charlottenburg, Berlim, Alemanha.



5. Vazio urbano junto à Estrada de  
Chelas. Vale de Chelas, Lisboa.

## 1. De vazios urbanos a novas centralidades

---

*Sem pessoas, os espaços não são espaços. Ou melhor, são lugares obsoletos e terras de ninguém, Vazios.*

Segundo Solà-Morales (2002: 126-127), *vazios urbanos são lugares aparentemente esquecidos onde parece predominar a memória do passado sobre o presente. São lugares obsoletos em que apenas alguns valores residuais parecem manter-se apesar da sua completa desafetação da atividade da cidade. São, em suma, lugares externos, estranhos, que estão fora dos circuitos, das estruturas produtivas. De um ponto de vista económico, áreas industriais, estações ferroviárias, portos, zonas residenciais inseguras, lugares contaminados, que se tornaram em áreas das quais se pode dizer que a cidade já não se encontra ali*<sup>3</sup>.

Na base da ideia do arquiteto e filósofo está o termo francês *terrain vague*, que, segundo ele, trata-se de uma porção de terra expectável e potencialmente aproveitável, onde a ausência de uso, de atividade, remete para uma promessa, para um espaço do possível, com uma conotação de liberdade e vagabundagem, porque se tratam de lugares indefinidos e incertos. Como causas para a conversão de uma determinada zona em *terrain vague*, Fialová (BORDE, 2003) defende que são sempre consequência da sua história.

O Vale de Chelas pode ser assim caracterizado como um território expectante, aparentemente esquecido, de limites imprecisos, e conotado como estranho, *marginal*, ao sistema urbano da cidade de Lisboa. De facto, tal como se apresenta hoje em dia, o Vale é consequência de um passado de sucessivas ocupações (rurais, conventuais e industriais) e de vários processos de urbe e suburbanização instantânea, descontínua, pouco heterogénea e criativa.

*Mas como alterar esta realidade?*

O Vale de Chelas, tal como tantos outros *vazios urbanos*, apresenta ainda uma remanescência de paisagem, seja pela sua morfologia, pelas suas características bio e ecológicas, seja pelos *vestígios* industriais que ali ainda permanecem. Por essa razão,

---

<sup>3</sup> Tradução livre da autora do original – son lugares aparentemente olvidados donde parece predominar la memoria del pasado sobre el presente. Son lugares obsoletos en los que sólo ciertos valores residuales parecen mantenerse a pesar de su completa desafeción de la actividad de la ciudad. Son, en definitiva, lugares externos, extraños, que quedan fuera de los circuitos, de las estructuras productivas. Desde un punto de vista económico, áreas industriales, estaciones de ferrocarril, puertos, zonas residenciales inseguras, lugares contaminados, se han convertido en áreas de las que puede decirse que la ciudad ya no se encuentra allí.

quando se olha para este tipo de *vazios*, tem de se entender que a sua transformação em oportunidade(s) pode ter potencialidades positivas, mas também efeitos perversos, caso estas mesmas potencialidades não sejam orientadas pelas autoridades como elementos estratégicos para a reestruturação do território urbano (PORTAS, 2000).

Assim, quando se olha para o Vale de Chelas tem de se entender que se trata de um território que representa uma interrupção no tecido da cidade, onde qualquer intervenção que para ali seja pensada não pode limitar-se apenas ao cumprimento de um programa de edifício, mas primeiramente à criação experimental de um modelo urbano. É neste sentido que se vê muitas vezes os *vazios urbanos* referenciados como oportunidades, uma vez que normalmente já se encontram perto de infraestruturas e acessos (como o são, no caso do Vale, a 2ª circular de Lisboa, o aeroporto e o metropolitano – a norte; a Avenida Infante Dom Henrique, a linha de comboio de Santa Apolónia e o Porto de Lisboa – a sul).

*E a população local, qual o seu papel?*

É importante referir que os *vazios urbanos* representaram sempre uma possibilidade reconstrutiva da cidade, tanto ao nível económico e político, como ao nível cultural e social, demonstrando que têm sido sempre espaços de experimentação e recriação do seu novo (TABORDA, 2007). Significa isto que o Vale de Chelas, se considerado um espaço entre espaços, pode tornar-se num território de descompressão para a cidade, ao mesmo tempo que mantém a sua integridade física, social e temporal.

Nuno Portas (2000: 3) relembra um facto importante para estes territórios – *quanto mais extensivo e básico for o programa e os respetivos projetos, mais diretamente terá que envolver a comunidade beneficiária e os serviços de linha da administração*. E no Vale de Chelas este fator será muito importante na sua *regeneração urbana*, uma vez que, sendo a cidade das e para as pessoas, no caso deste território foi a população local a mais prejudicada pelo seu declínio urbano e social.

No entanto, é necessário refletir sobre o impacto das mudanças neste *vazio urbano* que é o Vale de Chelas. Fialovà refere que a conexão entre história, memória e identidade está impregnada de uma certa resistência à mudança (BORDE, 2003), contudo tal não é o caso do Vale de Chelas onde, apesar da presença dos *vestígios* industriais, a memória do passado industrial apenas permanece representada pelos edifícios das antigas fábricas e vilas e pátios operários, uma vez que a população local atualmente já pouco ou nada se

identifica com este passado, seja por não terem tido contato direto com a mesma, seja porque quando ali se instalaram já nada restava das indústrias.

Assim, não só é necessário que haja um diálogo de reflexão entre as potencialidades que oferece este tipo de *vazão urbano*, a importância de manter o que permanece do passado industrial que caracterizou este território, e ainda a relação da população com este território e com este passado pelo qual não nutrem qualquer valor para além daquele que a sociedade tenta impor, como também criar condições para que o Vale de Chelas não veja a sua situação social piorar, delimitando ainda mais a sua *marginalidade*. Por essa razão é tão importante a criação de espaços que fixem novos grupos sociais e integrem os ainda residentes desta zona, transformando o Vale num *novo centro* na cidade de Lisboa.

Como nos diz Sieverts (2003), a ideia de *centro* destina-se a um lugar onde tudo o que é importante pode ser encontrado e a partir do qual todos os principais desenvolvimentos começam. Assim e ao longo do século passado, a cidade de Lisboa viu desenvolverem-se novos centros fora dos limites do seu centro histórico, como as zonas de Belém, Alvalade, Lumiar, Olivais, e mais recentemente, Alcântara e o Parque das Nações.

Lisboa deixou então de ter apenas um grande centro funcional, assinalado pela sua história e importância territorial ao longo dos séculos de vida desta cidade, mas numerosos centros funcional e simbolicamente diversificados, que se complementam mutuamente, compondo no seu conjunto a essência da cidade (SIEVERTS, 2003).

Desta forma, ao propor-se a criação de um novo centro na cidade como solução para a *regeneração* e *revitalização* do Vale de Chelas, significa que se está a propor uma nova centralidade na cidade lisboeta, junto a outros centros também importantes como Xabregas, Beato e Marvila, produzindo novos espaços sociais, económicos e culturais que se beneficiam entre si através do movimento das pessoas atraídas para estes. Este facto é afirmado e confirmado por Batty (HILLIER, 1999) quando desenvolve o conceito de *live centrality* que, na sua essência, significa um elemento de centralidade liderado pelo retalho, mercados, restauração, entretenimento e outras atividades, que se beneficiam excecionalmente de *movimento*.

É importante sublinhar que quando se fala de um território como centro, significa que se soube identificar o seu foco, descrever os seus limites e mapear as suas funções

(HILLIER, 1999). Tendo isso em conta, sugere-se a evocação da ideia de ***bairro*** como centro de *regeneração* e *revitalização* do Vale de Chelas, com a presença do património industrial como foco do centro, uma vez que a sua *reconversão* em usos sociais, económicos e culturais, associado a outras estruturas que possam ser desenvolvidas para o complementar, permitirá a já referida reintegração social e territorial na cidade de Lisboa.



6. Vista da cidade de Lisboa a partir do Miradouro da Graça.

## 2.1. O BAIRRO COMO CENTRO ECONÓMICO-SOCIAL E CULTURAL

Lefebvre (FERREIRA, 2012: 49) define imprecisamente *bairro* como *o ponto de contacto entre o espaço geométrico e o espaço social, o ponto de passagem de um a outro (...) é uma forma de organização do espaço e do tempo de uma cidade*. O *bairro* caracteriza-se assim como a antítese da desagregação social, à escala do quotidiano, onde existe a possibilidade de reconhecimento, da pertença e do fortalecimento de vínculos (CRESPO, 2012).

A cidade de Lisboa é disso exemplo. Composta por diversos bairros ao longo de toda a sua extensão, uns mais tradicionais e antigos que outros, a cidade lisboeta é conhecida em Portugal como a cidade dos bairros, onde perduram as tradições bairristas e os vínculos sociais. O *bairro* em Lisboa é o centro da vida social dos seus residentes. E por muito semelhantes que possam aparentar ser, como Crespo (2012) afirma, cada *bairro* é único, tem a sua história, a sua ocupação urbana, e o seu conteúdo socioeconómico e cultural; tem a sua identificação, a sua identidade e as suas características próprias.

O *bairro* apresenta-se assim como uma solução estruturante da fragmentação espacial do território em estudo, porque irá permitir a sua *regeneração* e *revitalização* ao nível das rotinas quotidianas, com a criação de espaços que envolvem fatores não só sociais como culturais, económicos e arquitetónicos (lembramos a presença forte do *património industrial*), que irão permitir à comunidade local não apenas o despertar da sua identidade, como a sua reintegração no espaço social e territorial da cidade de Lisboa.



7. Transformação urbana do Parque Madrid Río – antes (2007) e depois (2011). Madrid, Espanha.



## 2. A Regeneração Sócio-Urbana

---

*O combate à exclusão, à pobreza e ao isolamento através da Arquitetura e do Urbanismo*

Termos como *recuperação*, *renovação*, *revitalização* e *regeneração urbana* surgiram na segunda metade do século XX como resposta às mudanças inevitáveis que ocorreram (e ocorrem) nas cidades ao longo do tempo, nomeadamente o declínio habitacional e socioeconómico das áreas urbanas centralizadas, assim como das velhas zonas industriais e portuárias (FERNANDES, SPOSITO & FIGHERA, 2015). Estas novas políticas urbanas, como Roberts (2006: 10) refere, *foram baseadas em avanços tecnológicos, outras resultaram de novas oportunidades económicas ou da adoção de atitudes para questões de justiça social que reconhecem as prováveis consequências de permitir que problemas urbanos continuem sem solução* <sup>4</sup>.

No entanto, e como é referido na Declaração Informal de Toledo (2010a: 7), ao contrário das restantes políticas urbanas que apenas procuram priorizar o valor da terra, desvalorizando o restante capital urbano, a *regeneração urbana* procura otimizar, preservar ou reavaliar todo o capital urbano existente, o que inclui não só o ambiente construído, como o património local e o capital social.

Assim, *regeneração urbana* (e tal como defendem alguns autores, *revitalização urbana* <sup>5</sup>) pode ser definida como um recurso a diversas ações, no sentido de restaurar ou reanimar, uma determinada área urbana, em termos físicos e socioeconómicos. É entendida por isso como uma estratégia urbana que promove um processo inclusivo e de integração, capaz de provocar iniciativas, projetos e ações, e de utilizar, como recursos próprios, programas urbanos muito diferenciados, de carácter mais social, económico ou cultural (FERNANDES, SPOSITO & FIGHERA, 2015).

---

<sup>4</sup> Tradução livre da autora do original – (...) whilst some of these policy innovations have been based upon advances in technology, others have resulted from new economic opportunities or from the adoption of attitudes to questions of social justice which recognise the likely consequences of allowing urban problems to continue unresolved.

<sup>5</sup> Dulce Moura *et al* (2006), define revitalização urbana como uma política que desenvolve estratégias e promove um processo com carácter inclusivo e integrador, capaz de provocar iniciativas, projectos e actuações - de carácter transversal e sectorial, sendo um instrumento de gestão colectiva do território com capacidade para utilizar, como recursos próprios, programas urbanos muito diferenciados, de cariz mais social, económico ou cultural.

O Vale de Chelas apresenta-se atualmente integrado no limite do centro da cidade de Lisboa, no entanto, não passa de um território físico e socialmente fragmentado, envelhecido e esquecido, onde ainda perdura a memória física das indústrias, mas pouco ou nada da vitalidade económica e social que estas lhe concederam nos seus tempos áureos.

*Mas qual a sua aplicabilidade  
no território do Vale de Chelas?*

Desta forma, o Vale pode ser considerado como um *território desvitalizado* – isto é, um espaço da cidade que não tendo vitalidade urbana, já a teve no passado (MOURA *et al.*, 2006). E tal como a Declaração Informa de Toledo faz questão de frisar, as áreas urbanas mais desfavorecidas não devem ser vistas como um problema, mas sim como uma fonte de talento humano e capital físico inexplorados, cujo potencial precisa de ser desbloqueado a fim de contribuir para o progresso cívico geral e para o crescimento económico da cidade (2010a: 7).

A *regeneração urbana* acaba então por se tornar na política urbana que mais favoravelmente poderá devolver a este território a sua vitalidade, uma vez que, para além do já referido, a *regeneração urbana* tem como principal alicerce a relação urbana das condições físicas de um território com a resposta social às mesmas (ROBERTS, 2006). Mais, observando os *Princípios da Regeneração Urbana* estabelecidos por Roberts (2006: 19), é possível verificar *o desejo de garantir que as áreas urbanas contribuam positivamente para o desempenho económico nacional e para a realização de um conjunto de metas sociais e ambientais* <sup>6</sup>.

Uma vez mais, é perceptível o possível impacto da regeneração urbana de um território como o Vale de Chelas, uma vez que, para além das questões económicas e sociais já referidas, o Vale constitui uma importante artéria biológica e ecológica na cidade de Lisboa, que necessita de ser valorizada e reativada no espaço urbano da cidade lisboeta.

---

<sup>6</sup> Tradução livre da autora do original – (...) is the desirability of ensuring that urban areas make a positive contribution to national economic performance and to the attainment of a range of other social and environmental goals.

Princípios da Regeneração Urbana (ROBERTS, 2006: 19)

- 1) Basear-se numa análise detalhada da condição de uma área urbana;*
- 2) Visar a adaptação simultânea do tecido físico, estruturas sociais, base económica e condição ambiental de uma área urbana;*
- 3) Tentar realizar esta tarefa de adaptação simultânea através da geração e implementação de uma estratégia abrangente e integrada que lide com a resolução de problemas de forma equilibrada, ordenada e positiva;*
- 4) Assegurar que uma estratégia e os programas resultantes da sua implementação sejam desenvolvidos de acordo com os objetivos do desenvolvimento sustentável;*
- 5) Estabelecer objetivos operacionais claros que, sempre que possível, sejam quantificados;*
- 6) Fazer o melhor uso possível dos recursos naturais, económicos, humanos e outros, incluindo a terra e as características existentes do ambiente construído;*
- 7) Procurar assegurar o consenso através da participação e cooperação mais plenas possíveis de todos os intervenientes com um interesse legítimo na regeneração de uma área urbana; isto pode ser alcançado através de parcerias ou outros modos de trabalho;*
- 8) Reconhecer a importância de medir o progresso da estratégia para alcançar os objetivos especificados e monitorar a natureza mutável e a influência das forças internas e externas que atuam nas áreas urbanas;*
- 9) Aceitar a probabilidade de os programas iniciais de implementação precisarem ser revisados de acordo com as mudanças que ocorrerem;*
- 10) Reconhecer a realidade de que os vários elementos de uma estratégia provavelmente progredirão em velocidades diferentes; isto pode exigir o redirecionamento de recursos ou a provisão de recursos adicionais, a fim de manter um amplo equilíbrio entre os objetivos englobados em um esquema de regeneração urbana e permitir a realização de todos os objetivos estratégicos.*

## 2.1. O PAPEL DA SUSTENTABILIDADE SOCIAL NA REGENERAÇÃO URBANA

No final do século XX e ao contrário do que aconteceu na urbanização dos países em desenvolvimento, nos países desenvolvidos, o encolhimento geral das cidades, o declínio físico das cidades do interior e a exclusão social dos seus moradores tornaram-se fatores cada vez mais evidentes. As formas extremas de polarização social e segregação espacial tornaram-se evidentes, um facto que repetidamente levou à questão da *sustentabilidade social* (KOVÁCS, 2008).

A ideia de *sustentabilidade social* remonta ao final dos anos 80 do século XX, aquando da publicação do Relatório Brundtland <sup>7</sup> (WCED, 1987: 41), onde era defendida uma nova política a que se chamou de *desenvolvimento sustentável* – *desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades* <sup>8</sup>.

Esta nova política reconhecia, primeiramente, apenas os problemas ambientais, nomeadamente a carga limitada da Natureza e a inter-relação dos problemas associados ao esgotamento e à não-renovação dos recursos naturais, procurando assim assegurar a proteção e a manutenção dos recursos naturais para as futuras gerações (AGUIAR, 2003; KOVÁCS, 2008).

Mais tarde, estendeu esse reconhecimento aos aspetos do bem-estar económico e à justiça social, devido sobretudo às questões levantadas pelos conflitos sociais e ambientais provocados pelos processos de urbanização da década de 80, comuns tanto aos países em desenvolvimento como aos países desenvolvidos.

Nasceram então três novos conceitos – Sustentabilidade Ambiental (*qualidade*), Sustentabilidade Económica (*prosperidade*) e Sustentabilidade Social (*justiça*). No entanto, e apesar de deverem ter papéis igualitários, as políticas de *desenvolvimento sustentável* focaram-se sobretudo nas questões ambientais e económicas, uma vez que é muito mais difícil quantificar o aspeto social do que o crescimento económico ou o impacto

---

<sup>7</sup> Gro Harlem Brundtland, antiga primeira-ministra norueguesa e autora do relatório *Our Common Future*, apresentado a propósito do *World Commission on Environment and Development*.

<sup>8</sup> Tradução livre da autora do original – Sustainable development is development that meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs.

ambiental (MCKENZIE, 2004), sendo também por isso que o conceito de *sustentabilidade social* é ainda considerado recente e em constante desenvolvimento.

Atualmente, existem ainda muitas abordagens ao conceito de *sustentabilidade social*, contudo, aquela que parece reunir maior consenso é a que o caracteriza como uma mistura dos objetivos sociais tradicionais com as áreas políticas, como a equidade e a saúde, com questões relativas à participação, necessidades, capital social, economia, meio-ambiente, e, mais recentemente, com as noções de felicidade, bem-estar e qualidade de vida (COLANTONIO, 2007).

Assim, e sucintamente, Colantonio e Dixon (2009: 18) definem *sustentabilidade social como algo que diz respeito a como os indivíduos, comunidades e sociedades convivem e se propõem a atingir os objetivos dos modelos de desenvolvimento, que eles escolheram para si mesmos, levando em conta também os limites físicos dos seus lugares e do planeta Terra como um todo*<sup>9</sup>.

Mas qual a sua relação com as  
intervenções de regeneração  
urbana?

Neste sentido, pode afirmar-se que o conceito de *sustentabilidade social* assenta então em 6 princípios fundamentais – Equidade, Diversidade, Coesão Interconectada/Social, Qualidade de Vida, Maturidade, e Democracia e Governança<sup>10</sup>. É neste último domínio que, nos últimos anos, tem crescido a participação e o envolvimento público no planeamento de projetos de desenvolvimento, elementos fundamentais da sustentabilidade social e da implementação de políticas de desenvolvimento sustentável (COLANTONIO, 2007), abrindo desta forma os processos de planeamento ao escrutínio democrático.

Pode afirmar-se também que, atualmente, o espaço comunitário tem sido a principal arena na conquista da sustentabilidade, e por essa razão tem-se observado um maior envolvimento das entidades governativas na construção de políticas urbanas que envolvam e interliguem as cidades às comunidades locais. Também por essa razão, cada vez mais observamos os conceitos de *comunidade* e *vizinhança* como o centro de

<sup>9</sup> Tradução livre da autora, do original – social sustainability concerns how individuals, communities and societies live with each other and set out to achieve the objectives of development models, which they have chosen for themselves, taking also into account the physical boundaries of their places and planet earth as a whole.

<sup>10</sup> Segundo o Prémio Nobel Amartya Sen, estes são os 6 domínios da Sustentabilidade Social, apresentados no seu livro *The ends and means of sustainability* (2000).

programas de regeneração urbana (COLANTONIO, 2007). E é neste sentido que nascem novos conceitos como o de *comunidades sustentáveis*.

Tal como definido no Acordo de Bristol <sup>11</sup> (ODPM, 2005: 6-7), *comunidades sustentáveis são lugares onde as pessoas querem viver e trabalhar, agora e no futuro. São lugares que atendem às diversas necessidades dos residentes atuais e futuros, são sensíveis ao ambiente e contribuem para uma alta qualidade de vida. São seguros e inclusivos, bem planeados, construídos e administrados, e oferecem igualdade de oportunidades e bons serviços para todos* <sup>12</sup>.

Mais, o conceito de *comunidades sustentáveis* incorpora os princípios base do *desenvolvimento sustentável*, uma vez que têm como objetivos equilibrar e integrar os componentes sociais, económicos e ambientais de cada comunidade (individualmente); atender às necessidades das gerações atuais e futuras; e respeitar as necessidades de outras comunidades na região mais ampla ou internacionalmente, para tornar as suas próprias comunidades sustentáveis (COLANTONIO, 2007: 11).

O acordo de Bristol, para além de declarar essencial o papel das cidades (e respetivos governos), mantém como objetivos centrais o crescimento económico, a inclusão e justiça social, o *desenvolvimento sustentável* e a resposta aos desafios da segregação espacial, aspetos que reforçam o poder da *sustentabilidade social* na regeneração urbana. De tal forma que, no mesmo acordo, *comunidade sustentável* é caracterizada por oito características que assim o ditam (ODPM, 2005: 7):

---

<sup>11</sup> Reunião informal dos Ministros dos Estados Membros da União Europeia responsáveis pelo desenvolvimento urbano, que ocorreu em Bristol, a 6 e 7 de Dezembro de 2005, aquando da presidência britânica, e que teve como centro o debate e acordo quanto ao benefício para todos da criação de comunidades sustentáveis por toda a Europa.

<sup>12</sup> Tradução livre da autora, do original – Sustainable communities are places where people want to live and work, now and in the future. They meet the diverse needs of existing and future residents, are sensitive to their environment, and contribute to a high quality of life. They are safe and inclusive, well planned, built and run, and offer equality of opportunity and good services for all.

1. *Ativa, inclusiva e segura – justa, tolerante e coesa, com uma forte cultura local e outras atividades comunitárias compartilhadas;*
2. *Bem gerida – com participação, representação e liderança eficazes e inclusivas;*
3. *Ambientalmente sensível – fornecendo lugares para as pessoas viverem, que são atentos ao meio ambiente;*
4. *Bem projetada e construída – com qualidade de construção e ambiente natural;*
5. *Bem conectada – com bons serviços de transporte e comunicação ligando pessoas a empregos, escolas, saúde e outros serviços;*
6. *Próspera – com uma economia local florescente e diversificada;*
7. *Bem servida – com serviços públicos, privados, comunitários e voluntários que sejam apropriados às necessidades das pessoas e acessíveis a todos;*
8. *Justa para todos – incluindo aqueles de outras comunidades, agora e no futuro.*

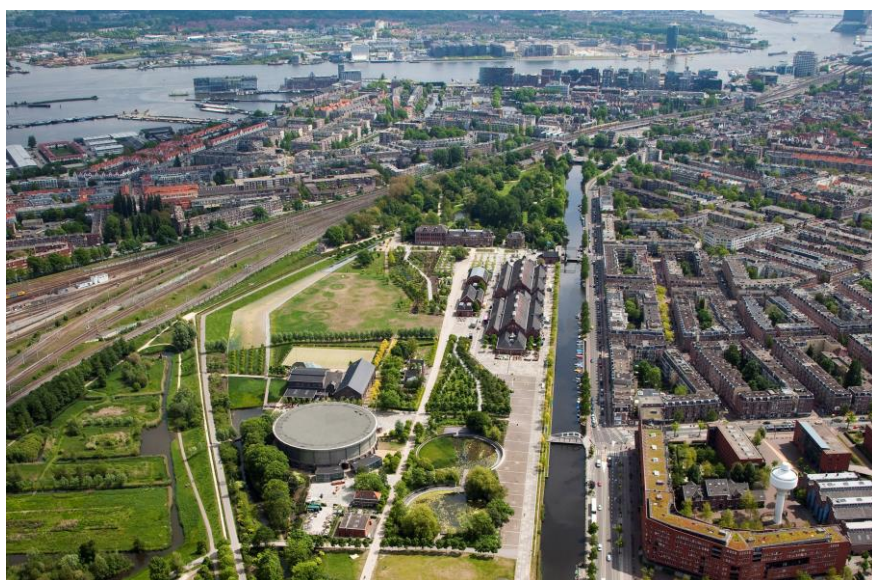
*Atente-se então ao caso do Vale de Chelas*

Atualmente, o território do Vale de Chelas é caracterizado como uma zona fragmentada tanto espacial como socialmente, o que gerou uma segregação e *marginalização* dos seus habitantes perante o resto da cidade, não só por viverem num território *esquecido e vazio*, como por estarem constantemente associados a problemas sociais. Além disso, é composto por um diversificado estrato económico-social, com residentes e vizinhanças de diferentes grupos e faixas etárias, que pouco ou nada se relacionam entre si.

Por essa razão, o Vale de Chelas apresenta-se como uma oportunidade para a introdução de políticas urbano-sociais de *desenvolvimento sustentável*, nomeadamente no que ao conceito de *comunidades sustentáveis* diz respeito, uma vez que (e embora este não possa ser visto como um bloco monolítico, onde todos os membros têm as mesmas aspirações e valores (COLANTONIO, 2007)), através da inclusão de alguns dos objetivos e características deste conceito, poderá originar-se um lugar, *uma comunidade*, onde todos os habitantes, atuais e futuros, encontrem solução para as suas necessidades e aspirações, atuais e futuras, num ambiente de inclusão, justo e tolerante, independente dos diversos estratos económicos e sociais, que absorvam bem-estar a todos.

Mais, a criação de uma *comunidade sustentável* no Vale de Chelas, combinada com o processo de regeneração urbana, pode atrair novos residentes e novas atividades, que obrigam a um maior desenvolvimento do projeto de regeneração sócio urbano, nomeadamente no que diz respeito a novas infraestruturas e serviços que integrem não só os habitantes locais como os novos e os futuros (COLANTONIO e DIXON, 2009).

Desta forma, confirma-se a importância do papel da *sustentabilidade social* nos processos de regeneração urbana sustentável, uma vez que é através de aspetos como os referentes à participação, economia, ambiente, e bem-estar, que se geram espaços de coesão, não só social como espacial, algo muito necessitado num território como o do Vale de Chelas.



8. Reconversão da antiga fábrica de gás *Westergasfabriek* – antes (em cima) e depois (em baixo). Amsterdão, Holanda.



## 2.2. O PAPEL DA RECONVERSÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

No século XVIII, a Revolução Industrial marcou o início de um fenómeno histórico que veio marcar o mundo, deixando como *vestígios* objetos materiais que apresentam atualmente um importante valor universal que deve ser estudado e conservado.

Como Choay (2017) nos faz questão de lembrar, estes *vestígios industriais* possuem não só um valor afetivo de memória para aqueles para quem *estes* eram o território e o horizonte e que procuram não ser *deles* desapossados, como representam também um valor documental sobre uma fase da civilização industrial.

Assim, na Carta de Nizhny Tagil (TICCIH, 2003: 3) estes *vestígios* ficaram definidos sob o desígnio de *Património Industrial* – *património que compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.*

Tal como em muitas capitais europeias, também Lisboa ficou marcada por estes *vestígios industriais*.

Ao longo da história da cidade existiu sempre uma divisão social e territorial entre as zonas ocidental e oriental. A instalação simétrica das primeiras indústrias, no século XIX, nos vales de Alcântara e Chelas, aproveitando a morfologia destes territórios, assim como a energia hidráulica proporcionada pelas águas das ribeiras existentes, e a instalação dos primeiros caminhos de ferro, veio assinalar ainda mais este facto, uma vez que a tendência de crescimento para ocidente provocou uma desvalorização do território oriental, sendo por essa razão que é no Vale de Chelas e na sua envolvência que encontramos em maior número e concentração estes *vestígios industriais*.

Estes *vestígios industriais* são, atualmente e na sua maioria, objetos de um passado fulgurante e vistos como um património com uma grande carga histórica, social e técnica que nos toca de perto (FERREIRA DE ALMEIDA, 1993), devido ao forte impacto que têm na paisagem das cidades, da *memória* distante que invocam, da *herança* que representam. São objetos que nos fazem ver e tocar o que as gerações anteriores

viram e tocaram. Como Ruskin (CHOAY, 2017: 148) metaforizou, *os edifícios do passado falam connosco, fazem-nos escutar vozes que nos envolvem num diálogo.*

Leniaud (FERREIRA DE ALMEIDA, 1993) reforçou esta posição, quando definiu *património* como um conjunto de bens que uma geração sente que deve transmitir às seguintes porque pensa que esses bens são um talismã que permite à sociedade compreender o tempo nas três dimensões. Mais uma vez, a questão do património como *herança* que permite a perceção real da passagem do tempo pelas cidades.

Voltando ao Vale de Chelas, muitos destes *vestígios industriais* que ali ainda permanecem, como as antigas fábricas da *Samaritana* e da *Tinturaria Portugália*, apresentam-se hoje, para muitos, como *ruínas* de um passado ligado à indústria. No entanto, é necessário compreender que *ruína* e *património (industrial)*, embora na sua génese remontem à ideia de *memória*, têm definições semelhantes, mas não iguais.

Serrão (2014) aponta-nos o que muitos pensam – as *ruínas*, com o acúmulo do tempo de abandono, deixam de ser recuperáveis e passam a ser “não-lugares sem memórias”, desnecessárias e sem sentido, com a sua destruição como condenação inevitável. As causas para o seu *arruinamento* estão associadas a várias circunstâncias, como a mudança de uso, as pressões urbanísticas e outros fatores que agravam as condições destes imóveis e levam à sua degradação ou, em último caso, à sua demolição. Serrão afirma mesmo que o conceito de *ruína* assume uma linhagem pesada e culposa, uma vez que nada se fez para evitar a desonra e a indignidade a que a degradação destes imóveis chega.

No entanto, não podemos atribuir a conotação de *ruína* às antigas fábricas que ainda permanecem no Vale de Chelas, porque, e tal como nos diz Brandi (2006: 40), *ruína é tudo aquilo que é testemunho da história humana, mas com aspeto bastante diverso e quase irreconhecível em relação àquele que se revestia antes.* Ora, quando observamos os edifícios das antigas fábricas mencionadas, não só o casco, como a sua implantação, podemos ainda ter uma ideia do seu uso primordial.

Assim, estas fábricas permanecem sob o desígnio de *património industrial* não apenas por ainda ser possível identificar o seu uso e tipologia, mas porque, tal como mencionado anteriormente e mais uma vez referido por Ruskin (CHOAY, 2017), a arquitetura é o único meio que dispomos para conservar vivo um laço com um passado ao qual

devemos a nossa identidade e que é constitutivo do nosso ser, laço esse definido essencialmente pelas gerações humanas que nos precederam.

Estando esta diferenciação estabelecida, é necessário agora perceber o que fazer com estes vestígios industriais, que usos podem ter e que valores sociais podem adquirir ou ocultar perante o território em estudo.

Tal como Moreira (2014) afirma, atualmente procuram-se outros modos de intervenção no *património industrial* que considerem a materialidade e a história industrial. A *reutilização* e *reconversão* de edifícios industriais tem acompanhado a importância do *património industrial* como uma solução de preservação destes vestígios materiais.

Quando se opta por *reconverter* um antigo edifício industrial, como o são as já referidas *Fábrica da Samaritana* e *Fábrica da Tinturaria Portugália*, é fundamental ter em conta que estes edifícios atuam como *edifícios palimpsesto*. Tal como refere Szylar (2013: 48), um *edifício palimpsesto* é uma obra com uma longa história, que sobrepõe construções de diferentes épocas, permitindo apenas ter *um conhecimento sempre incompleto e com o qual lidamos através de ruturas, inserções, fissuras e revestimentos*.

Assim, qualquer que seja o uso dado na reconversão destes antigos espaços industriais, deverá ter-se sempre em conta a conjugação do passado, presente e potencial futuro



9. Vista da Fábrica da Samaritana, pela encosta do Alto de S. João, Vale de Chelas, Lisboa.

destas estruturas industriais que revelam nos seus espaços e estruturas histórias que coexistem e que, como palimpsestos, se renovam, mas nunca se apagam.

Segundo a Carta de Nizhny Tagil (TICCIH, 2003), o *património industrial* oculta um valor social como parte do registo de vida das pessoas, por essa razão não podemos estranhar quando estes vestígios são *reconvertidos* com usos que ajudam na *regeneração* de um território em declínio. É necessário entender que estes vestígios do passado industrial pertencem a uma memória passada, a uma memória coletiva e são símbolo de um tempo de progresso, de fluidez de vida e de não-estagnação – fatores que marcam atualmente muitos destes territórios industriais, onde se inclui o Vale de Chelas.

Desta forma, a *reconversão* destes *vestígios industriais* tem como grandes vantagens não apenas o conservar da memória e da identidade sociocultural das comunidades locais e respetivas zonas urbanas onde se inserem (CORDEIRO, 2013), como permite atuar como um centro para a *regeneração urbana* de territórios em declínio, como o é o Vale de Chelas. Além disso, trata-se de uma solução económica e sustentável, uma vez que os elementos estruturais (aqueles que representam um maior investimento numa construção de raiz) já estão construídos e, na sua maioria, apresentam-se ainda em bom estado.



10. Vista da Fábrica da Tinturaria Portugália. Vale de Chelas, Lisboa.

## Síntese

---

Caracterizado como um território expectante, de limites imprecisos, e conotado como estranho ao sistema urbano da cidade de Lisboa, o Vale de Chelas é a consequência de um passado de sucessivas ocupações e processos de urbanização pouco heterogéneos. No entanto, tal como o são os restantes *vazios urbanos*, este território representa uma possibilidade reconstrutiva da cidade, podendo transformar-se numa zona de descompressão, ao mesmo tempo que mantém a sua integridade física, social e temporal.

Sendo os *vazios urbanos* definidos como territórios esquecidos e obsoletos, mas expectantes e de grande potencialidade, é necessário ter em consideração o impacto que certas mudanças podem implicar nestes territórios, uma vez que, e embora o Vale não o apresente, estes lugares encontram-se conectados a uma história e a uma memória, que oferecem uma determinada resistência às mudanças.

Assim sendo, a *regeneração* deste *vazio* pode transformar o Vale de Chelas num novo *centro* urbano na cidade de Lisboa, cidade esta que à muito apresenta um conjunto diversificado de *novas centralidades* fora do seu centro funcional.

A *regeneração urbana* apresenta-se assim como um processo a adotar no sentido de devolver a *vitalidade* económica e social a um território outrora fulgurante, e que se apresenta atualmente como uma grande oportunidade de intervenção, uma vez que reúne todas as condições ambientais, económicas e sociais em que se baseia este processo urbano.

A *regeneração urbana* apela assim a uma interligação entre as diversas questões arquitetónicas e urbanas, de forma a assegurar a realização de um conjunto de metas ambientais e sociais relacionadas a um determinado território. São exatamente estas metas que fazem a *regeneração* estar intrinsecamente de acordo com os objetivos do *desenvolvimento sustentável*, e que fazem dela o processo urbano ideal para a aplicação de uma política de sustentabilidade social num território segregado espacial e socialmente como o Vale de Chelas, permitindo a integração da população local nas decisões que a afetam, e consequentemente transformando territórios obsoletos e marginalizados em locais seguros, inclusivos e que oferecem igualdade de oportunidades.

O *património industrial* presente no Vale de Chelas pode assim ter um papel muito relevante na *regeneração urbana* deste território, uma vez que oferece espaços que podem ser reconvertidos segundo as necessidades da população e do território em geral. Além disso, permite a conservação sustentável do território e a preservação da memória e identidade deste local.



11. Interior da Fábrica da Samaritana. Vale de Chelas, Lisboa.





### **III. Projetos de Referência**



## Introdução

---

Com o intuito de verificar a transição entre a componente teórica abordada e a sua aplicabilidade, foram selecionados 5 projetos de referência que permitiram estabelecer uma relação direta e indireta com a execução prática do projeto urbano e arquitetónico proposto.

Os 5 projetos apresentados foram selecionados tendo em conta aspetos específicos que contribuíram para a resolução final do projeto urbano e do objeto arquitetónico, estando organizados da maior para a menor escala. São eles:

- . PLANO 22@ BARCELONA
- . CULTUURPARK WESTERGASFABRIEK
- . EVERGREEN BRICK WORKS
- . FÁBRICA CAN RIBAS
- . MUSEU CAN FRAMIS

Os 5 projetos selecionados, apesar de serem distintos e apresentarem características próprias, no que diz respeito a conceitos, formas, funções, locais e programáticas, serviram, no seu conjunto, como fio condutor na abordagem ao projeto urbano e arquitetónico, uma vez que todos apresentam um fator comum – o envolvimento em planos de regeneração (e revitalização) urbana através do património industrial local.

Permitiram não só entender como atuar em vazios esquecidos e torná-los (novamente) num centro para a população local, como perceber a melhor forma de intervir num património tão singular como o industrial, e como devolver a estes vestígios alguma da sua vitalidade, colocando-a ao serviço das pessoas.



12. Vista aérea de  
Poblenou. Barcelona,  
Espanha.

## 1. Plano 22@ Barcelona

---

Gestão de Planeamento Urbano da Câmara Municipal de Barcelona (Espanha), 2000

Aprovado em 2000 pelo município de Barcelona, o *Plano 22@ Barcelona* trata-se de um instrumento de planeamento urbano que envolve a transformação de um antigo quarteirão industrial localizado em *Poblenou*, num grande polo de inovação e produção.

Centrado em três frentes da revitalização – a económica, a social e a urbana – o plano procurou transformar um conjunto de 200 hectares de terreno industrial numa área de grande qualidade urbana e ambiental, que incluiu a criação de mais de 32 ha ligados aos negócios, a criação de 4 mil habitações sociais, e ainda 11,4 hectares de novos espaços verdes.

Ajustando-se ao tecido urbano do bairro de *Eixample* (desenhado por Ildefons Cerdà), de forma a integrar-se com o resto da cidade, o Plano 22@ Barcelona pretendia garantir a transformação de *Poblenou* num ambiente urbano inovador, que melhorasse não só a qualidade de vida de quem lá vivesse e trabalhasse, como a eficiência das infraestruturas presentes, garantindo a sua sustentabilidade.

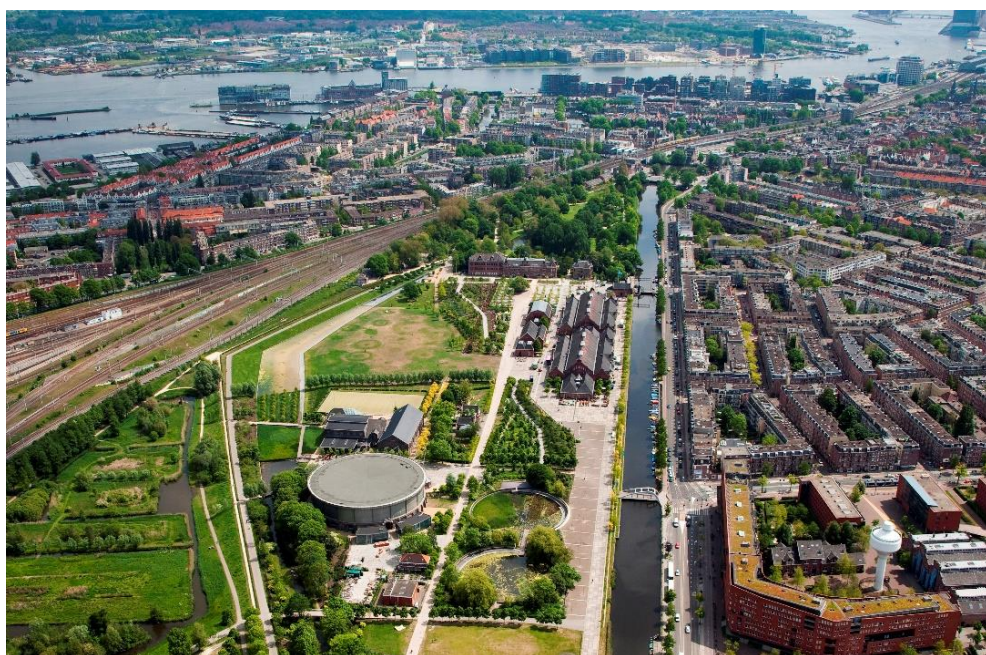
Sendo um ponto de centralidade, não só na cidade de Barcelona, como na sua área metropolitana, o plano estabelecia alguns princípios no que à renovação dos terrenos industriais diz respeito, nomeadamente os seus usos para novas atividades produtivas, que deveriam gerar espaços para amenidades, habitação e áreas verdes que contribuíssem para o desenvolvimento social de *Poblenou*, promovendo assim a coesão social e a vitalidade dos espaços públicos.

Contrariamente ao habitual, o *Plano 22@ Barcelona* não estabelecia uma organização detalhada e precisa da área de intervenção, promovendo uma regeneração progressiva que se iria adaptando às diferentes necessidades de cada parte de *Poblenou*, através de diversos planos. Desta forma, o plano incentivava a intervenções de diferentes altimetrias e variadas formas, favorecendo a integração de importantes elementos industriais nos novos projetos, e procurando preservar o legado histórico do local.

Nesse sentido, e estando *Poblenou* intrinsecamente ligado à presença do património industrial, que remonta a finais do século XVIII, o *Plano 22@ Barcelona* promoveu um

modelo urbano diversificado, que permitia a coexistência de novos edifícios e espaços públicos, com locais e elementos representativos do passado industrial da zona, procurando assim a criação de um ambiente de grande valor cultural que combinasse tradição e inovação. Esta valorização do património industrial incluiu também a criação de um *Plano de Proteção do Património Industrial*, no qual foram identificados todos os 114 elementos industriais presentes no distrito.

Atualmente, o *Plano 22@ Barcelona* consta como um instrumento de planeamento urbano bem-sucedido, com uma grande presença não apenas de centros tecnológicos, incubadoras de empresas e universidades, como também de atividades culturais, serviços técnicos e habitação social.



13. Vista aérea do Culture Park Westergasfabriek. Amsterdão, Holanda.



## 2. Cultuurpark Westergasfabriek

---

Gustafson Porter + Bowman, Amesterdão (Holanda), 2003

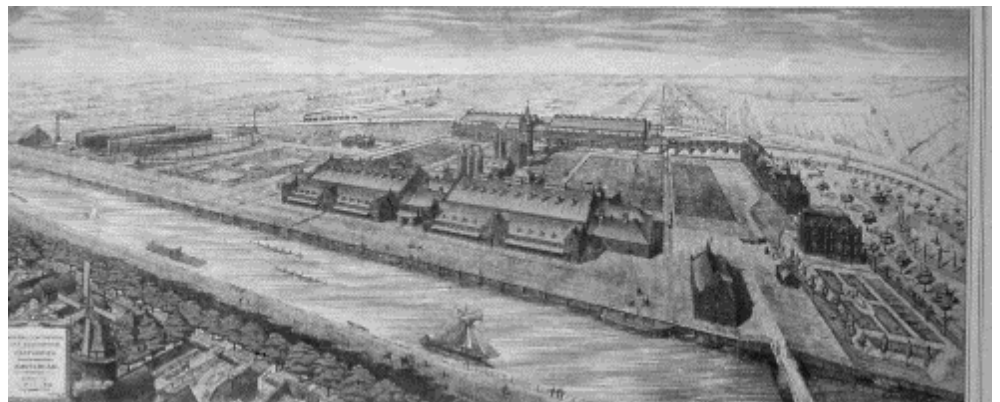
O *Culture Park Westergasfabriek* é um antigo complexo industrial de produção de gás que foi transformado não só num grande parque e centro cultural para as artes, como num local de encontro para as comunidades vizinhas.

Considerado como um modelo-tipo de recuperação de áreas industriais degradadas dentro de um contexto urbano fisicamente denso, o *Culture Park Westergasfabriek* estabelece um delicado equilíbrio entre contaminação e acessibilidade, invenção e interpretação, restauração de solos contaminados e revelação do potencial de um local pós-industrial.

Atualmente, os edifícios sobrantes da antiga fábrica ocidental holandesa de produção de gás albergam diversos tipos de uso, temporários e permanentes, que incluem locais de trabalho, culturais e de lazer.

Com o processo da Revolução Industrial a chegar à Holanda apenas na segunda metade do século XIX, em 1883 a cidade de Amesterdão concede uma licença e respetivo monopólio da produção de gás à *Imperial Continental Gas Association* (ICGA) de Londres. Por esta altura, o gás era utilizado na sua maioria para iluminação pública de ruas.

Foram construídas então duas novas fábricas de gás – uma na zona oriental da cidade, em *Haarlemmertrekvaart* (a *Westergasfabriek*) e outra na zona ocidental, em *Linnacusstraat* (a *Oostergasfabriek*). A *Westergasfabriek*, por escolha do seu diretor, Julius Pazzani (1841-1888), foi estrategicamente situada entre vias de acesso terrestre, aquático e ferroviárias.



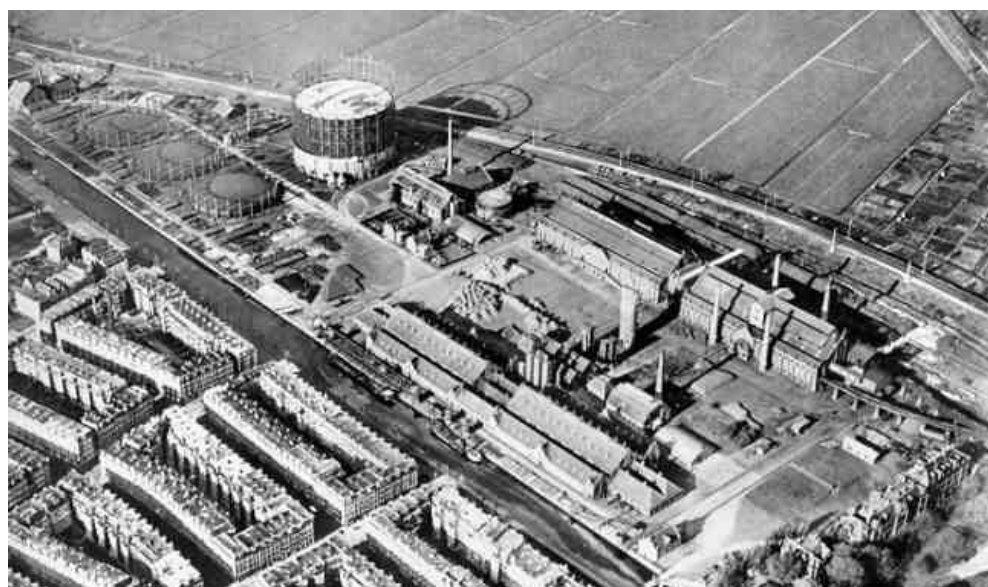
14. Monografia histórica do complexo da *Westergasfabriek*.

Para a projeção do complexo industrial, foi contratado o arquiteto holandês Isaac Gosschalk (1838-1907), que através desta obra apresentou um novo estilo de arquitetura – o Neo-Renascimento Neerlandês (usado entre 1870 e 1915, durante um período de crescimento económico do país). Gosschalk, responsável pela projeção da maioria dos 13 edifícios que constituem a fábrica, combinou os aspetos mais técnicos e funcionais da fábrica com o desenho de uma arquitetura esteticamente atrativa, sendo a simetria a característica mais importante do seu traçado.

Completada em 1885, a *Westergasfabriek* esteve sob a alçada da ICGA até 1898, quando a câmara de Amesterdão assumiu o funcionamento da mesma. A partir desta altura, deu-se um aumento da produção e a operação expandiu-se, com os novos edifícios a serem projetados e construídos entre 1901 e 1905, e a assumirem a mesma linguagem daqueles projetados anteriormente por Gosschalk.

Dentro do grupo dos novos edifícios projetados no início do século XX destaca-se uma usina de gás de água – o chamado gás aquoso, que tinha uma produção mais rápida que a do gás de carvão. Com o avançar dos anos, novas tecnologias foram descobertas e a produção de gás de carvão foi sendo substituída por gás de Hoogovens e, mais tarde, por gás natural de Slochteren, levando ao fecho da *Westergasfabriek* em 1967.

Em 1989, do conjunto inicial de edifícios projetados, restavam apenas 13, tendo recebido o status de edifícios protegidos. Até 1992, a *Westergasfabriek* foi utilizada sobretudo como local de armazenamento e manutenção pela autoridade de gás e eletricidade de Amesterdão.



15. Vista aérea da *Westergasfabriek* no século XX.



Na década de 1980, foi estabelecido um plano urbano na zona, que unia o antigo complexo industrial ao *Westerpark* da cidade. A ideia era transformar a área em locais mais verdes e de uso recreativo.

O plano previa que fossem feitos estudos ao solo, tendo em conta que eram solos contaminados depois de anos de uso industrial, onde, devido ao tipo de exploração e produção de gás, era esperado encontrar substâncias tóxicas como alcatrão, cianetos e óleos minerais. No entanto, um plano de limpeza demorou anos a ser acordado entre a câmara de Amesterdão e o Ministério do Meio Ambiente, sendo que, ao final de um tempo, o ministério decidiu que o solo de toda a área envolvente à *Westergasfabriek* seria isolado.



16. Interior de um dos edifícios históricos da fábrica. 1990's.

A limpeza dos solos iniciou-se apenas na década seguinte, descobrindo-se que o grau de poluição era bastante elevado, com resíduos poluentes, nomeadamente amianto, a serem descobertos nas fundações e nas caves dos vários edifícios que compunham a fábrica. Esta descoberta revelou que o processo de limpeza, que já se previa complicado, levaria mais tempo e mais dinheiro para ser executado.

Assim, o Conselho Distrital de *Westerpark*, principal responsável pela remodelação do complexo, decidiu implementar uma estratégia de uso provisório baseado no “empreendedorismo cultural”, que consistia na coexistência de diferentes tipos de usos ligados às artes, aos negócios e aos interesses institucionais.

Nos finais da década de 1990, esta estratégia provisória deu lugar à procura de planos para a ocupação permanente, não só dos edifícios industriais, como das áreas envolventes a este. É nesta linha que surge o convite, feito a cinco empresas e que Kathryn Gustafson ganhou, para o desenho de um espaço aberto do novo parque de cultura e recreação.

Projetado para servir os residentes locais, o *Changement* (nome da proposta de projeto de Gustafson) baseia-se no plano diretor delimitado para a *Westergasfabriek*, que define um novo uso dos antigos terrenos industriais, transformando-os num parque verde e recreativo; que fortalece as qualidades ambientais naturais do local; e que define a inclusão de uma área de eventos ao ar livre de um hectare.

Assim, para o antigo complexo industrial de 11,5 hectares foi projetada uma passarela axial que transita de um quadrado urbano formal a leste, para uma estrutura aberta e

naturalizada a oeste, que integrou artefactos industriais na extremidade ocidental adjacente a um polo existente.

O desenho teve em conta a experiência pedestre, os trilhos de bicicleta e as necessidades veiculares de muitas organizações artísticas localizadas nos edifícios históricos do complexo. Desta forma, o desenho paisagista inclui trilhos e jardins, um campo de eventos com capacidade para 10 000 pessoas, um parque infantil, uma cascata de água, uma ponte, e ainda um lago artificial que pode ser drenado para acomodar grandes festivais.

O *Culture Park Westergasfabriek* é um projeto que prova que é possível aproveitar o relevo, a hidrologia e a horticultura para enfrentar desafios complexos, como a introdução de um novo uso cultural, recreativo e ecológico, num antigo e histórico complexo industrial poluído.



17. Planta do projeto *Changeement*, da arquiteta Kathryn Gustafson.

18. Vista do exterior dos edifícios industriais.



19. Vista de um dos planos de água do novo parque.







### 3. Evergreen Brick Works

---

Diamond Schmitt Architects, Toronto (Canadá), 2010

Situado em *Don Valley*, o *Evergreen Brick Works* é um projeto que procurou revitalizar e reutilizar um antigo e abandonado complexo industrial, convertendo-o num novo marco comunitário que procura envolver a população em experiências relacionadas com a educação, com o património e, sobretudo, com a sustentabilidade ambiental.

Após a limpeza dos materiais perigosos e dos terrenos, o projeto procurou explorar o carácter do lugar e o seu legado industrial. Assim, procurou proteger a paisagem envolvente e o rio circundante através de opções de construção sustentável, como pavimentação permeável, coletores de águas pluviais e estratégias de filtração natural.

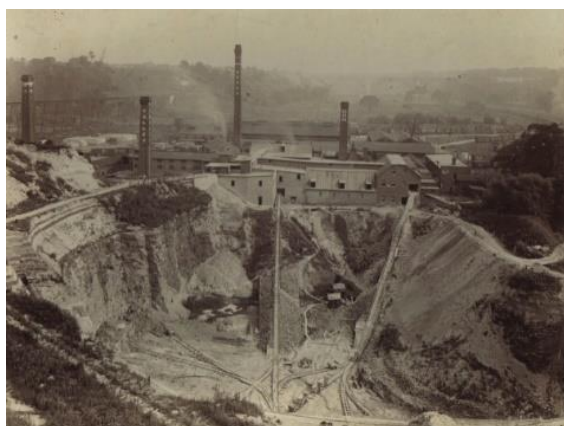
O projeto, que incluiu a transformação dos 16 edifícios existentes, parcialmente em ruínas, incorpora um novo edifício denominado *Centre for Green Cities*, que foi construído sob as antigas paredes de tijolo, estruturas de aço e galpões de metal existentes, incorporando um centro de boas-vindas, um espaço de estar, escritórios administrativos e espaços de trabalho para parceiros do programa da *Evergreen*.

Ao nível do piso térreo e imersas no carácter dessas estruturas pré-existentes, encontram-se os espaços públicos, como salas para eventos e salas de aula. No piso intermédio, que faz a ligação entre o piso existente e a nova construção em balanço, encontram-se as salas de reunião. Este piso é ladeado por uma varanda que não só oferece acesso exterior às salas de aula do segundo andar e aos escritórios da *Evergreen* no terceiro, como proporciona uma visão ampla sob o local da *Brick Works* e do centro de boas-vindas aos visitantes.



20. Vista do complexo Evergreen Brick Works e da sua envolvente verde.

Atualmente, o complexo comunitário incorpora programas educacionais intergeracionais, um mercado de agricultores, um viveiro de plantas, um parque adjacente e um habitat para a vida selvagem, para além de um museu industrial ao ar livre, e ainda os escritórios da *Evergreen* e outras organizações.



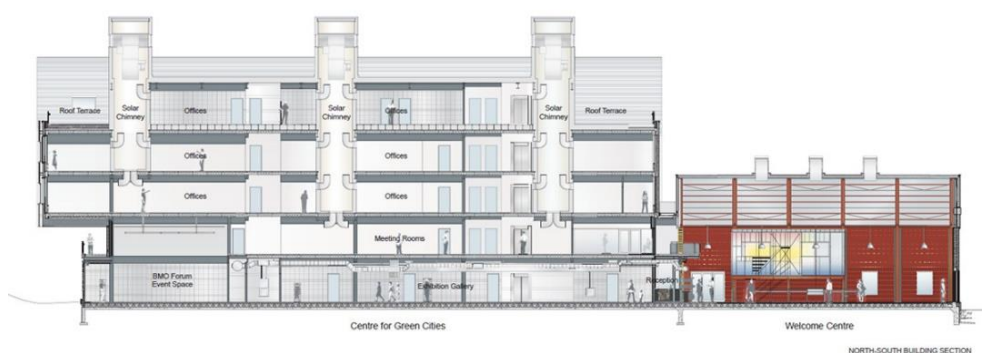
21. Monografia histórica da Brick Works.

22. Vista do novo edifício Centre for Green Cities.

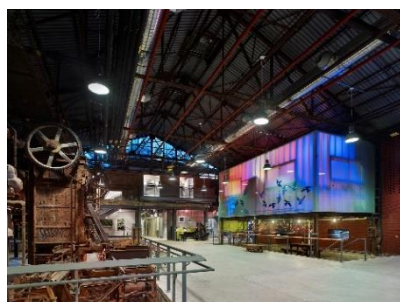


23. Vista para o conjunto do antigo e do novo edifício.

24. Corte pelo antigo e novo edifício da  
Evergreen Brick Works.



25. Vista do interior do mercado  
(esquerda) e para o exterior do conjunto a  
partir da varanda do novo edifício  
(direita).





26. Nova praça junto à antiga Fábrica  
Can Ribas.



## 4. Can Ribas

Jaime J. Ferrer Forés, Palma de Maiorca (Espanha), 2005-2011

Situada na área de *La Soledat*, a fábrica de mantas de lã *Can Ribas* foi construída em 1851, fora das muralhas da cidade de Palma de Maiorca. Por essa razão, e porque a administração militar assim o exigia, a fábrica foi construída provisoriamente, o que justifica o seu sistema de paredes de pilastras, assim como a simplicidade e racionalidade da construção do complexo industrial.

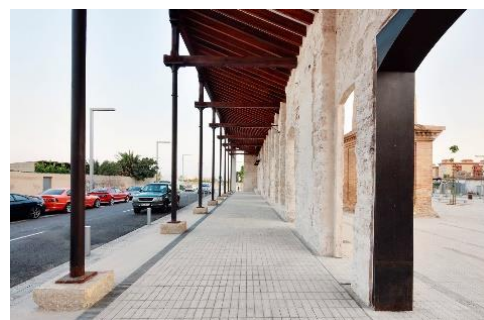
Após sucessivas expansões e transformações, a fábrica fecha nos anos 70 do século XX. O bairro de *La Soledat* começa então a ficar fisicamente mais isolado, situação para a qual também contribuíram outros fatores, como a construção de um complexo de habitação social (a propriedade *Llevant*) para responder à falta de habitação na zona, assim como o estabelecimento da usina *Son Molines*, entre oanel viário e a rodovia.

Vencedor do concurso público de 2005 para esta zona, o projeto de reestruturação do bairro *La Soledat* apresenta como objetivos o desenvolvimento urbano geral desta área, com o desenho de espaços públicos e uma nova praça principal, assim como a restauração do património industrial e a construção de novas habitações sociais.

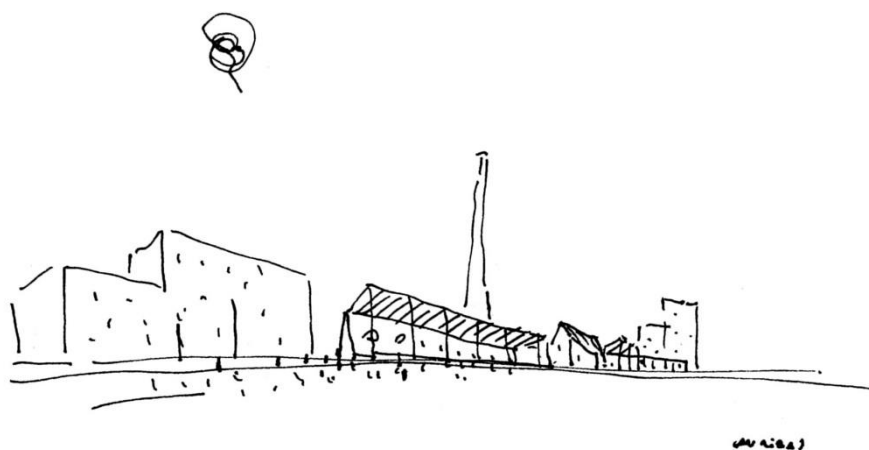
Com uma organização de área fechada, a fábrica *Can Ribas* tornou-se também ela uma barreira física para o bairro, uma vez que o dividia em dois. Por essa razão, um dos principais objetivos do plano de reestruturação do bairro foi abrir esta área industrial às pessoas. Tal não acontecia no *Plano Especial de Reforma do Interior* (PERI), elaborado por Joan Busquets em 2003, onde apenas o edifício principal da fábrica era mantido, assim como a chaminé, enquanto que o restante complexo era demolido para dar lugar a uma nova rua.

27. Pavilhão de vapor e fachada de parte de outro edifício do complexo (à esquerda).

28. Vista para a parede integrada (à direita).



A incorporação do edifício intermédio, do pavilhão de vapor e da parede de um outro edifício do complexo, permitiram o reconhecimento do valor industrial da zona, uma vez que cada um abrigava uma etapa diferente da produção têxtil. Os espaços públicos à volta do complexo foram desenhados de forma aberta, e construídos com uma fundação em betão, e servem sobretudo para criar uma relação visual e física entre a nova *Rua Brotad* e os elementos históricos da fábrica, procurando assim gerar um espaço público mais rico e complexo.

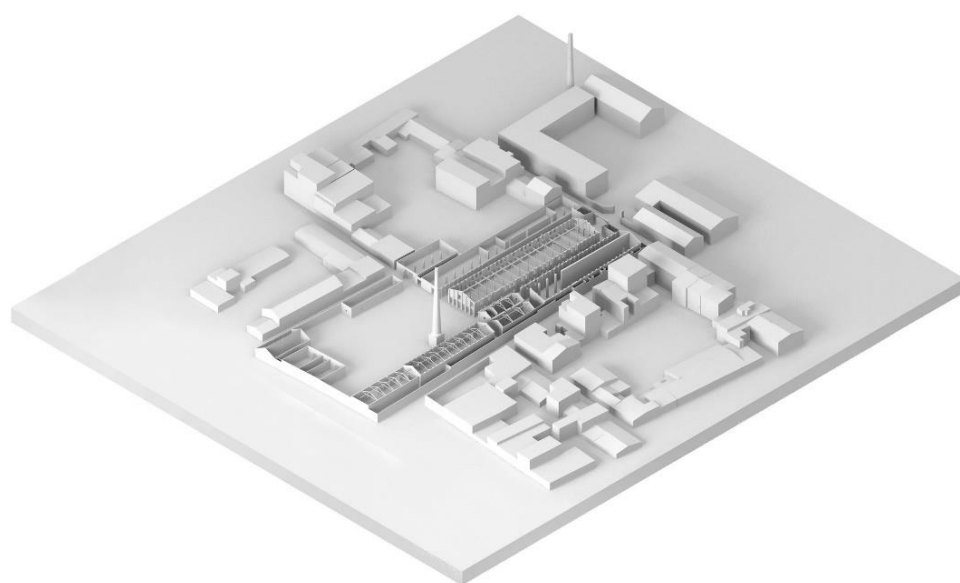


29. Esboço do conceito da intervenção.



30. Novas molduras dos vãos da parede integrada.

31. Cobertura que faz a ligação entre os antigos pilares e a fachada antiga da fábrica.



32. Render tridimensional das preexistências do complexo industrial Can Ribas.



33. Planta, cortes e alçados das preexistências (à esquerda). Planta, cortes e alçados da nova intervenção (à direita).



34. O antes (à esquerda) e o depois (à direita) da Can Framis.



35. O novo volume de betão e a sua ligação às preexistências.



## 5. Museu Can Framis

---

BAAS – Jordi Badia, Barcelona (Espanha), 2007-2009

Situado em *Poblenou*, a *Fàbrica Can Framis* foi uma das principais fábricas do bairro e é atualmente casa do *Museu da Fundação Vila Casas*.

Inserido na estratégia do *Plano 22@ Barcelona*, o museu veio ocupar as duas antigas naves industriais, abandonadas e consideradas de baixo valor arquitetónico. O interesse por este núcleo industrial acabou por surgir no contraste da localização das naves, situadas metro e meio abaixo da via atual.



36. Vista aérea do novo museu e da sua envolvente.

Circundado por um jardim de caminhos sinuosos e árvores, o projeto procurou reestruturar as duas antigas naves industriais, interligando-as com a construção de um novo bloco de betão, coincidente com a localização de um antigo galpão. No conjunto, uma das premissas do projeto foi a formação de um pátio pavimentado com pedras da antiga fábrica, que serve atualmente a entrada principal do museu.

No interior do núcleo, o projeto procurou introduzir um percurso descendente e pouco iluminado, que levasse os visitantes a percorrer as diversas áreas expositivas, iluminadas apenas para exhibir as peças expostas. Foi acentuada também a utilização da madeira em diversos aspetos da construção, como nos caixilhos das janelas, nas escadas, entre os edifícios, assim como nas telas de suporte das pinturas, em clara referência ao material utilizada nas armações de lona.



38. Vista para a praça de entrada do museu.



39. Fachada poente do novo volume de betão.

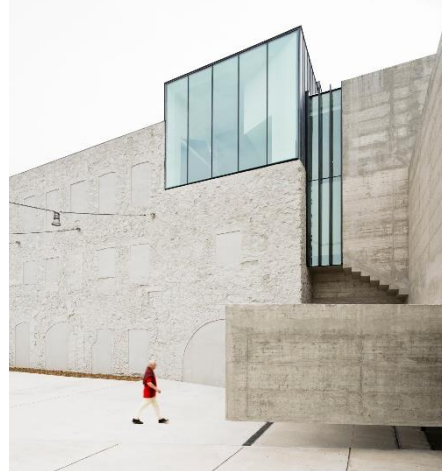
37. Tratamento de uma das fachadas



No exterior, procurou transmitir um pouco da heterogeneidade da construção, aplicando uma argamassa de cal que se misturou com a pedra dos edifícios preexistentes, fundindo-se com o betão do novo edifício. Desta forma, o conjunto transformou-se numa colagem de texturas e revestimentos que refletem não só a passagem do tempo, como o contraste com o ambiente tecnológico que o rodeia.

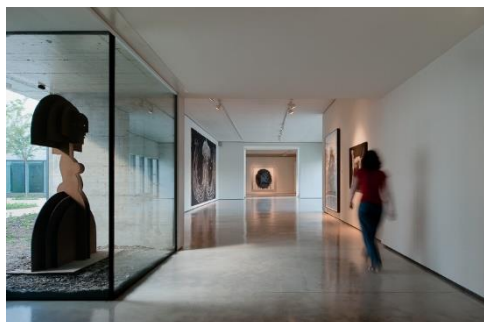
40. Inserção da antiga chaminé industrial da fábrica numa nova praça.

41. Ligações entre a preexistência e o novo volume.

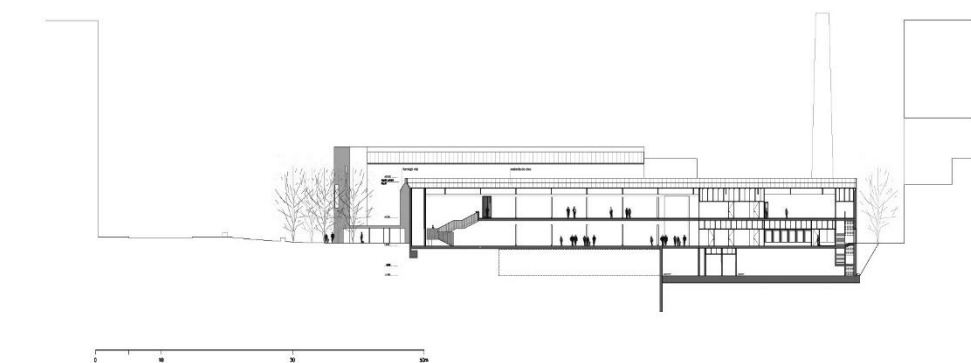


42. Vista para a praça de entrada a partir do novo jardim envolvente.

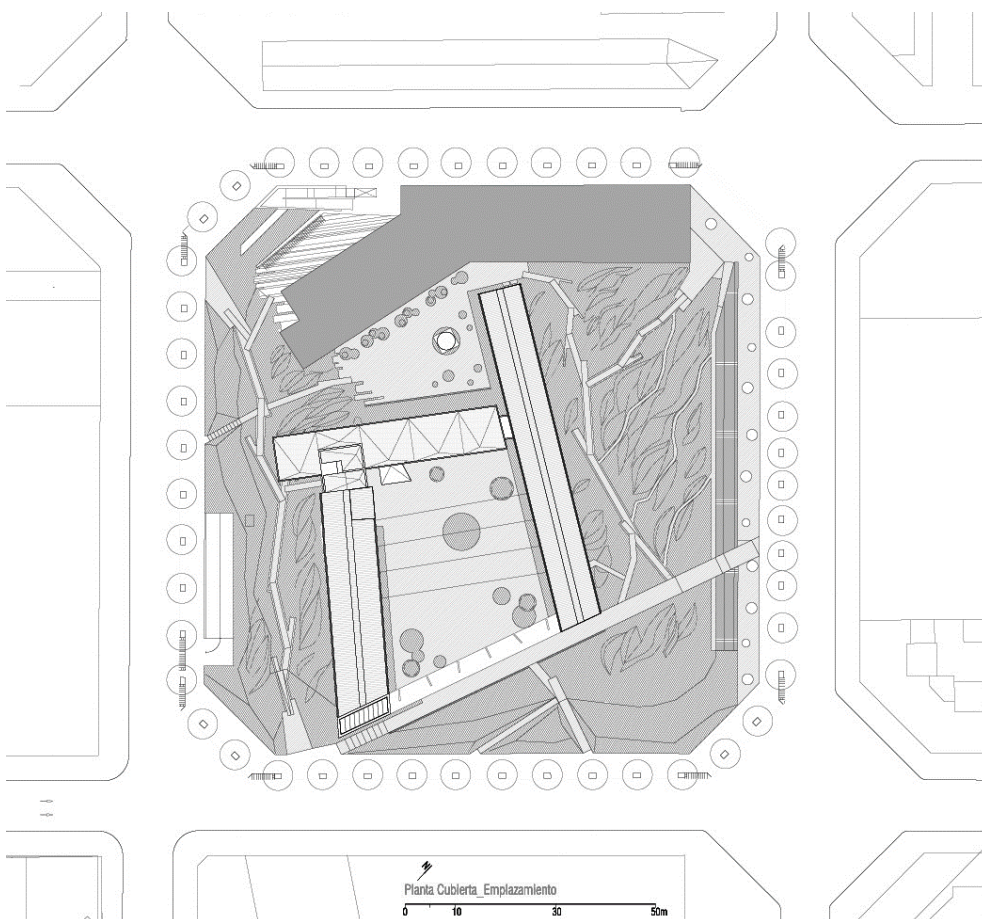




43. Vistas do interior do novo museu.



44. Corte longitudinal pela preexistência a norte.



45. Planta de implantação do projeto.



## Síntese

---

A análise dos 5 projetos de referência selecionados permitiu não só clarificar os conceitos abordados na componente teórica, como clarificar a sua aplicabilidade num objeto arquitetónico com uma inserção urbana real. Cada um dos projetos abordados e analisados auxiliou no processo de desenho do trabalho desenvolvido, contribuindo em aspetos como o conceito inicial, os usos programáticos, e a sua aplicabilidade final num projeto arquitetónico.

Os projetos analisados permitiram entender como funciona, em diferentes escalas, a regeneração de lugares aparentemente abandonados, e qual o seu impacto ambiental e social nos mesmos. Permitiram também relacionar os diferenciados usos que podem ter os edifícios industriais, com a sua reconversão e requalificação arquitetónica, dando a entender que diversos tipos de abordagem, umas mais interventivas e outras menos, podem resultar em propostas que servem um mesmo propósito.

A análise do *Plano 22@ Barcelona* veio clarificar de que forma as políticas de regeneração urbana podem ser delineadas e executadas, na procura da promoção de um sentido de coesão e vitalidade social. A valorização da reconversão e requalificação de objetos industriais, através da adoção de uma estrutura heterogénea, que promove a regeneração urbana como um processo progressivo, assim como a valorização de um conjunto de usos programáticos que promovam um ambiente inovador e inclusivo para a população local, são pontos que também integram o projeto final desenvolvido, e que na análise se provaram bem-sucedidos.

O hoje conhecido *Culture Park Westergasfabriek* é a prova de que é possível reconverter e voltar a requalificar um lugar aparentemente esquecido, mas de grande valor para a população. A sua transformação num grande parque verde e recreativo, na procura de fortalecer as qualidades ambientais do lugar, vai de encontro ao projeto final desenvolvido, assim como a preocupação em gerar usos temporários que permitiram, no futuro, instalar usos mais permanentes no complexo, garantindo assim um uso continuado dos edifícios.

O complexo industrial *Evergreen Brick Works* é também ele exemplo de um projeto que teve como premissas iniciais a requalificação ambiental e patrimonial, que procurou

incluir a população local através da reconversão das *ruínas* industriais e a sua utilização para fins programáticos variados e intergeracionais, um dos pontos fulcrais do projeto desenvolvido.

Por seu lado, no que ao objeto arquitetónico diz respeito, a análise do projeto da *Fábrica Can Ribas* foi também importante no processo de desenvolvimento do projeto final, uma vez que realça não apenas o reconhecimento do património industrial como *memória* do lugar, mas também a sua ligação com o local, nomeadamente ao facto de ter sido reconhecida como barreira física que dividia o bairro local, e como a partir daí foi delineada uma estratégia urbana e arquitetónica para a sua inclusão, sem que para tal fosse necessária a sua demolição – algo muito semelhante ao que acontece com o objeto arquitetónico integrado no projeto final desenvolvido.

O *Museu Can Framis* adquiriu uma importância especial no processo de desenvolvimento do projeto final, não apenas pelas materialidades utilizadas, nomeadamente a argamassa de cal e o betão, que ajudaram no contraste entre *antigo* e *novo*, mas sobretudo por ser uma representação de como, por vezes, um objeto arquitetónico de pouco valor pode ser tratado e reconvertido, lembrando à população a sua importância no passado para o desenvolvimento do local.

No seu conjunto, os projetos de referência analisados servem de base às diferentes premissas criadas na idealização de uma solução final de projeto, e na formalização de um programa comunitário, multigeracional e multifuncional, capaz de servir a população local e a cidade no seu todo.





## **IV. O Vale de Chelas**



46. Palácio da Quinta do Lavrado e do viaduto ferroviário do Vale de Chelas, 1963



47. Entrada de pátio na Estrada de Chelas. Vale de Chelas, 1963.

## Introdução

---

Outrora lugar rural, morada de conventos, palácios e quintas, o Vale de Chelas sofreu várias transformações com a chegada da industrialização à cidade, no século XIX, que marcou profundamente não apenas o território como quem lá vivia e veio a viver.

Contudo, o reconhecido *cemitério das fábricas* veio a transformar-se num símbolo de um passado industrial fulgurante e, conseqüentemente, em espaços devolutos por falta de reestruturação urbana, perdendo também a sua vitalidade demográfica, sendo atualmente um lugar onde permanece a nostalgia de um mundo social operário, marcado por profundas mudanças económicas e culturais.

O presente capítulo procura assim desenvolver o passado histórico do Vale de Chelas, reconhecendo as suas diferentes épocas, e demonstrando como este território mudou radicalmente a imagem da *Lisboa Oriental*, assim como a vida de quem aqui vivia e vive. Procura também revelar as conseqüências do esquecimento deste lugar, que só nos últimos anos despertou o interesse das entidades municipais <sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> O subcapítulo 2.1. *As pessoas e o vale: um percurso de observação* é redigido segundo uma observação direta da autora, pelo que é realizada uma alteração de discurso.



48. Viaduto ferroviário do Vale de Chelas  
pela Estrada de Chelas, 1961.



## 1. O Vale Rural e o Vale Industrial

---

Ligado à ocupação árabe fora da Cerca Moura (século VIII a século XII), o Vale de Chelas é uma área da zona oriental de Lisboa caracterizada pelas diversas ocupações e apropriações que ali se sucederam. Por essa razão, Furtado (1997: 7) divide a história deste território em três épocas distintas – *a conventual, a industrial e a residencial*.

Território rural por excelência, o Vale de Chelas foi, primeiramente, um local associado à construção de um convento feminino, em 1154, o antigo Mosteiro de Chelas, também denominado por *Convento de São Francisco e Santo Adrião*, casa das Cónegas Regulares de Santo Agostinho, e atualmente local do Arquivo Geral do Exército Português. No ano de 1456, instala-se também no vale o *Convento de São Francisco de Xabregas*, atual residência do Teatro Ibérico e da Mediateca do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

A partir do século XVI, com a fixação regular da família real portuguesa nesta zona após a fundação (1509) e construção (1550) do *Convento da Madre de Deus*, o Vale torna-se num lugar privilegiado para a residência de alguns nobres fidalgos que, quer por doação régia, quer por posse natural, começam a demarcar as suas quintas e a construir os seus palácios e solares, que juntamente com os conventos, criaram um conjunto de becos, ruelas e azinhagas, ainda hoje visíveis e possíveis de percorrer (FURTADO, 1997).

Zona subúrbia de predomínio rural e configuração monástica, a partir da segunda metade do século XVIII, o Vale de Chelas sofre uma lenta, mas grande e progressiva transformação num dos maiores centros industriais da cidade de Lisboa, iniciada com a instalação das primeiras unidades de estampania de chitas no vale (CUSTÓDIO, 1994; FURTADO, 1997).

Com a Revolução Liberal de 1820 (FURTADO, 1997) e a extinção das ordens religiosas em 1834, dá-se o crescimento da Lisboa ribeirinha oriental, com os antigos conventos e as quintas a serem convertidos em fábricas, armazéns, vilas e pátios operários, e com o desenvolver das atividades portuárias e da crescente circulação de pessoas e mercadorias. Juntamente com a construção e abertura da Estação Ferroviária de Santa Apolónia (1856), assim como a construção à posteriori da linha de circunvalação sobre o Vale de Chelas, o fenómeno intensificou-se, contribuindo não apenas para a mudança

da paisagem da Lisboa oriental, como para o aceleramento do crescimento industrial da cidade (FOLGADO & CUSTÓDIO, 1999).

## A PRESENÇA INDUSTRIAL

Uma das indústrias que mais vitalidade deu a este território foi a indústria têxtil, nomeadamente a fiação, estampania e tinturaria de lãs e algodões. A instalação deste tipo de indústria no vale deveu-se não apenas à proximidade da linha férrea e da frente ribeirinha, mas sobretudo pelas características físicas e biológicas deste território, onde ainda corre a Ribeira de Chelas que em tempos, antes da construção do canal do Alviela, enchia os poços de água, matéria-prima para as indústrias da estampania e tinturaria.

A primeira grande empresa a laborar no Vale de Chelas foi a *Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense* que, em 1839, arrendou o *Convento de S. Francisco de Xabregas*, local onde permaneceu até ao grande incêndio de 1844.



49. Panorâmica para o Vale de Chelas e suas fábricas, 1949.

Seguiu-se a *Fábrica de Fiação de Xabregas* – a famosa *Samaritana*, pertencente aos industriais ingleses Alexander Black e John Stott Howorth. Com uma *vida* bastante atribulada e marcada pelos seus grandes incêndios, fechou em meados dos anos 40 do século XX, após um último grande incêndio que apenas deixou o que é ainda hoje possível de observar.

No final do século XIX e inícios do século XX, encontravam-se ainda em laboração, na zona do Vale de Chelas, as seguintes fábricas:

- > *Companhia dos Tabacos de Portugal*
- > *Fábrica Âncora (indústria dos licores)*
- > *Fábrica Aliança de Moagem e Trigo*
- > *Fábrica de Grude de Inácio de Magalhães Basto & Cia.*
- > *Fábrica Hall (pirolitos) na Calçada das Lajes*
- > *Empresa da Fábrica de Fiação e Tecidos Oriental*
- > *Fábrica de Fiação de Xabregas (Samaritana)*
- > *Fábrica de Fiação e Tecidos de Lã de Inácio de Magalhães Basto & Cia.*
- > *Fábrica de Fiação e Tecidos de Lã de José Lourenço Madely & Filhos*
- > ***Fábrica de Fiação e Tecidos de José Pedro Mattos***

No Vale de Chelas e associadas a estas fábricas encontram-se um conjunto de estruturas de habitação operária que resistiram ao tempo, como são os casos da Vila Dias, Vila Flamiano, Vila Emília, Vila Amélia Gomes, e dos Pátio do Firmino e Pátio do Inglês.

Como refere Nuno Teotónio Pereira (1994), o crescente afluxo de populações, provocado pelo surto industrial, não encontrou correspondência nas condições de habitação para este aumento demográfico. Assim, e com as camadas mais desfavorecidas de Lisboa a viverem em condições de alojamento deprimentes, a iniciativa privada começou a interessar-se pela oportunidade que esta situação gerou, iniciando a construção de vilas e pátios operários, onde existiria um melhoramento das condições de alojamento que dariam, era essa a perspetiva, bons lucros aos investidores.

No entanto, e no que diz respeito aos Pátios do Firmino e do Inglês, a próxima relação entre estes dois pátios com as antigas fábricas de estampania ali presentes deixa antever que esta situação se trataria de uma exceção ao referido anteriormente, uma vez que, e como acontecia muito no sector têxtil (TEOTÓNIO PEREIRA, 1994), existiam empresas que construíam alojamentos propositadamente para os seus trabalhadores.

Apesar de se ter tornado num grande polo industrial para a cidade de Lisboa, o século XX antevia grandes mudanças no setor industrial, que vieram transformar o Vale de Chelas naquilo que hoje conhecemos.



50. Entrada do antigo Pátio do Inglês pela Rua Gualdim Pais, 1966.



51. Conjunto habitacional na Estrada de Chelas, junto à Travessa da Amorosa, 1967.



52. Pátio da Vila Flamiano, Vale de Chelas, 2018.



53. Inundações no Largo Marquês de Nisa. Vale de Cebelas, 1945.



54. Viaduto ferroviário de Xabregas, 1968.

## 1.1. O Vale dos séculos XX e XXI

---

A chegada do século XX e as transformações tecnológicas que nele se sucederam vieram (re)transformar não apenas o território como a própria vitalidade do Vale de Chelas, assim como de toda a cidade lisboeta.

Quem hoje percorre o Vale de Chelas dificilmente identificaria os antigos espaços fabris, não fossem ainda lá permanecer as outrora fulgurantes chaminés industriais. E se nalguns casos estes espaços fabris foram reapropriados, como é o caso da *Fábrica de Fiação e Tecidos de Lã de Inácio de Magalhães Basto & Cia*, onde funciona atualmente os serviços de saneamento municipais, outros são aqueles que foram deixados ao abandono, como são os casos da *Fábrica da Samaritana* e da *Fábrica da Tinturaria Portugália*, imponentes edifícios industriais em ruínas.

E se a rápida e contínua evolução tecnológica, assim como as recentes preocupações ambientais, levaram à descentralizam das indústrias para as periferias das cidades, e consequentemente ao abandono massivo dos edifícios industriais, para trás ficaram também uma grande quantidade de estruturas habitacionais de fraca qualidade e altamente povoadas.

Atualmente, ao percorrer-se o Vale de Chelas, ainda é possível observar pequenas edificações habitadas, na sua maioria, por uma população idosa e/ou mais carenciada. São os casos da Vila Dias, Vila Flamiano, Vila Emília e Vila Amélia Gomes, que resistiram ao tempo e às mudanças, mas que nunca foram alvo de obras profundas, permanecendo aquilo que sempre foram – habitações de fraca qualidade para uma população de poucas posses.

No entanto, e como é o caso da Vila Dias, cada vez mais as vilas operárias têm vindo a ser sinalizadas pelo mercado imobiliário, devido à sua localização expectável. Tal só é possível pela falta de proteção municipal deste património e das pessoas que ali vivem.

Ao contrário do sucedido com as vilas operárias, atualmente não é possível reencontrar os antigos pátios operários do Firmino e do Inglês, localizados junto à antiga Estrada de Chelas. Ambos viram o seu propósito alterar-se ao longo do tempo, chegando a um estado de abandono e degradação que levou a Câmara Municipal de Lisboa a intervir,

no início do século XXI, realojando os ainda residentes destas estruturas, e demolindo o que restava das mesmas.

Outrora um lugar cheio de vitalidade funcional e populacional, o Vale de Chelas é hoje um lugar caído no esquecimento. Parte desse *esquecimento* está fisicamente representado pelo abandono de grandes e imponentes edifícios industriais que se destacavam na paisagem da cidade e que, num tempo recente, se perderam sem nunca saíram do lugar.



55. Localização da Fábrica da Tinturaria Portugália nas plantas cartográficas de Lisboa. Da esquerda para a direita, Planta Cartográfica de Lisboa por Filipe Folque (1859/58), Planta Cartográfica da Câmara Municipal de Lisboa (1871), Planta Cartográfica de Lisboa por Silva Pinto (1911).



## 1.2. De fábrica a vapor a ruínas industriais

---

Quando Mário Furtado (1997: 18) descreve o percurso do Vale de Chelas, desde a Rua de Xabregas, a sul, até ao Largo de Chelas, lugar do *Mosteiro de Chelas*, mais a norte, faz referência a umas *desoladas ruínas da antiga fábrica de estampania*.

As *ruínas* mencionadas, e ainda hoje presentes no vale, tratam-se de uma antiga fábrica de estampania e tinturaria de tecidos, ali construída em meados da segunda metade do século XIX, como se pode verificar através da análise cartográfica das Plantas de Filipe Folque, de 1856/58.

Ao longo do tempo, foram várias as adições e demolições realizadas ao edifício da fábrica, assim como aos armazéns adjacentes que compunham o complexo, executadas pelas empresas que ali se instalaram e que, no entanto, mantiveram o carácter industrial destes edifícios. As ditas *ruínas* fazem assim parte de um conjunto industrial constituído por diversos processos de construção, que fizeram crescer o conjunto até este perder o seu uso.

Uma das primeiras intervenções documentadas, segundo o Arquivo Municipal de Lisboa, remonta a 1888 – trata-se de um projeto de habitação de três pisos e um sótão (que no ano seguinte se transforma em águas-furtadas), do proprietário Francisco Garcia, junto à entrada poente da fábrica pela Estrada de Chelas. Também no mesmo ano e do mesmo proprietário, existe uma outra intervenção, na qual é feita uma ampliação do volume de uma habitação, em dois pisos e pelo limite do lote, a sul da antiga fábrica, junto também à Estrada de Chelas.

Segundo Custódio (1990), no Inquérito Industrial de 1890 é mencionada a *Fábrica de Fiação e Tecelagem de Lã*, pertencente à empresa *Francisco Garcia & Mattos*, levantando a dúvida se se tratava da mesma *Fábrica de Fiação e Tecidos de José Pedro Mattos*<sup>14</sup>, mencionada apenas em 1898. No entanto, e segundo o Arquivo Municipal de Lisboa, em 1889 é requerido pela empresa de *Francisco Garcia de Mattos* um projeto de alargamento de uma casa, situada a nascente, junto ao atual pátio interior das *ruínas*, assim como em 1896 é

---

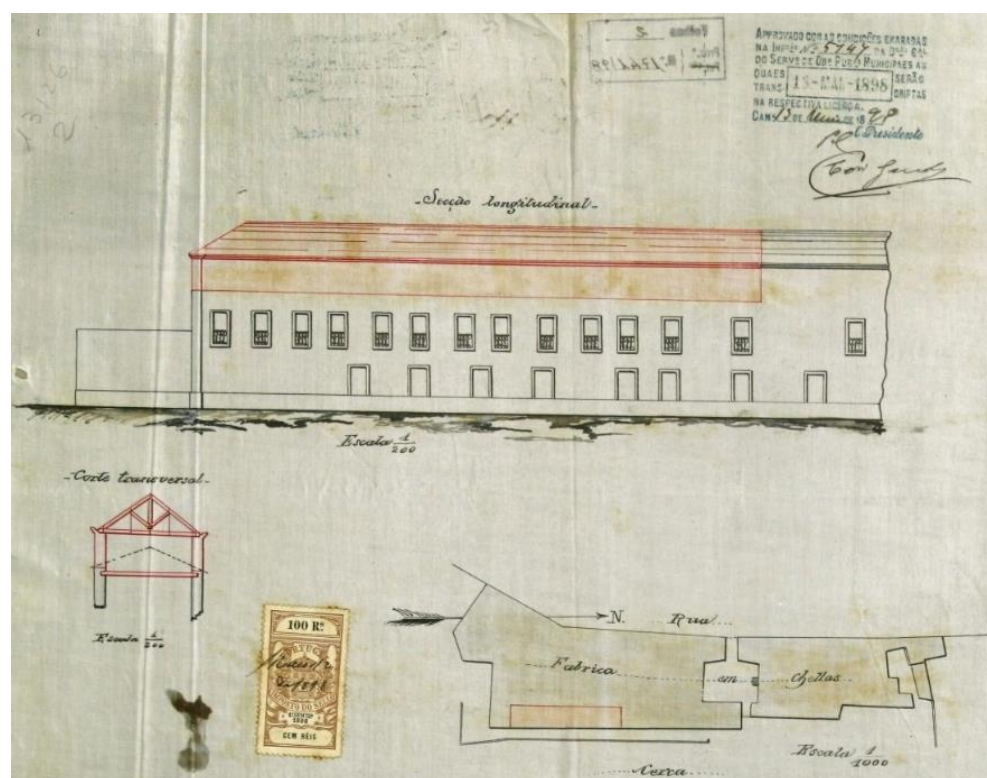
<sup>14</sup> A *Fábrica de Fiação e Tecidos de José Pedro Mattos* tinha os seus escritórios situados na Rua da Prata, nr. 80.

requerido pela empresa de *José Pedro Mattos* um projeto de umas cavalariças junto à sua fábrica de Chelas, confirmando que ambas as empresas laboraram no mesmo local.

A *Fábrica de Fiação e Tecidos de José Pedro Mattos* laborou neste local até meados dos anos 20 do século XX, tendo realizado algumas alterações estruturais ao edifício original da fábrica. Uma das suas primeiras intervenções remonta a 1898, e consistiu na ampliação em 2,30 metros de altura de uma parte do edifício a sudeste, denominada *fábrica de lanifícios*, de forma a nivelar toda a ala nascente.

Em 1918, é requerido um projeto de alterações à fábrica, nomeadamente das áreas a sul. Entre as alterações, destaca-se a adição de uma cobertura à nave central do edifício maior, apoiada numa estrutura de asnas de madeira, transformando este espaço exterior em interior.

Em 1920, é requerido um outro projeto de um barracão, localizado a meio da antiga fábrica e do lado da atual Rua Gualdim Pais. No mesmo ano e junto a este barracão, é requerido um projeto para as novas instalações das caldeiras a vapor da *fábrica de lanifícios*. O novo edifício, de fachada em arco e com uma chaminé, é constituído por um piso e uma sobreloja central, assim como por um terraço com ligação à antiga fábrica.



56. Desenhos da ampliação realizada a sudeste na fábrica, na ala nascente, 1898.

A grande fachada em arco, reconhecida atualmente às ruínas da antiga fábrica, foi parcialmente construída (73,40 metros dos 134 metros da sua extensão atual) pela empresa *Barros & Santos*<sup>15</sup>, que em 1923 requere um projeto de substituição da fachada com entrada pela antiga Avenida de Chelas (atual Gualdim Pais), presumivelmente por esta se encontrar em mau estado. No mesmo ano e pela mesma empresa, é também requerido um projeto de umas novas oficinas.

Por breves anos, a fábrica fez parte da empresa de farinhas *Amidex, Lda.*<sup>16</sup>, que em 1937 requereu um projeto para a construção de um pavimento em betão armado, o que levou à realização de algumas alterações no espaço sul da antiga fábrica.

Dos finais dos anos 30 até à década de 70, a fábrica e restantes edificações do complexo pertenceram à empresa têxtil *Telhado, Alves, Lda.*, que procurou consolidar todo o conjunto industrial através de vários processos construtivos.

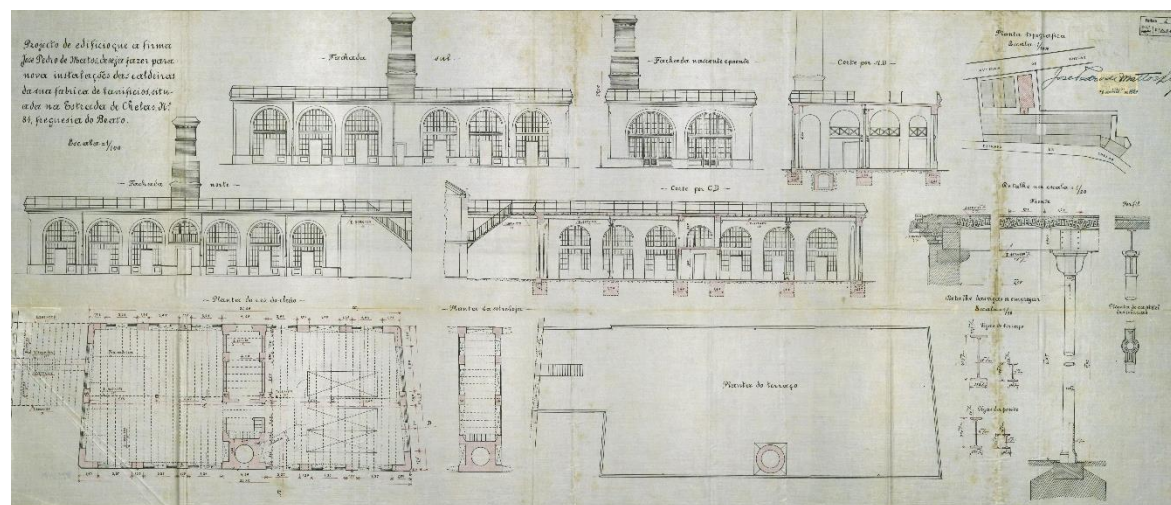
Inicialmente, nos anos 40, a empresa requereu um projeto para uns novos barracões, assim como um projeto para a ampliação em um piso do edifício das antigas caldeiras da fábrica. Contudo, nenhum dos projetos avançou para execução.



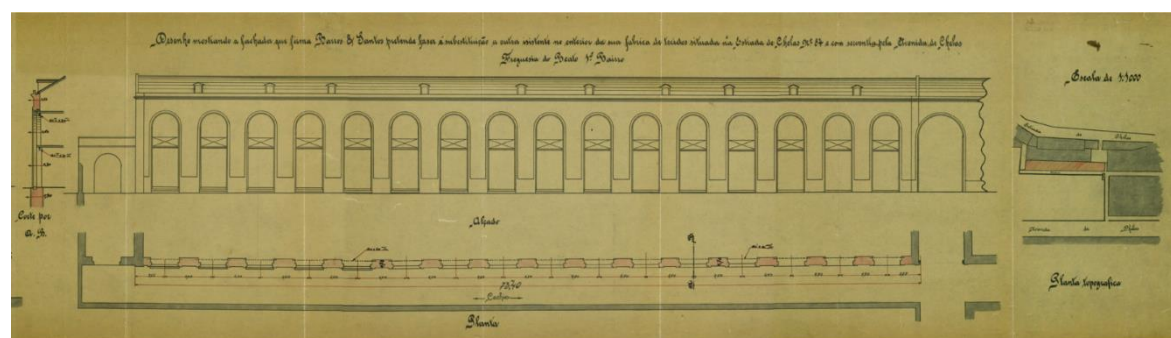
57. Panorâmica sob o cemitério do Alto de S. João, com a localização parcial da Fábrica da Tinturaria Portugália (à esquerda), 1933.

<sup>15</sup> A empresa *Barros & Santos* tinha sede na Rua Áurea, nr. 234 a 242.

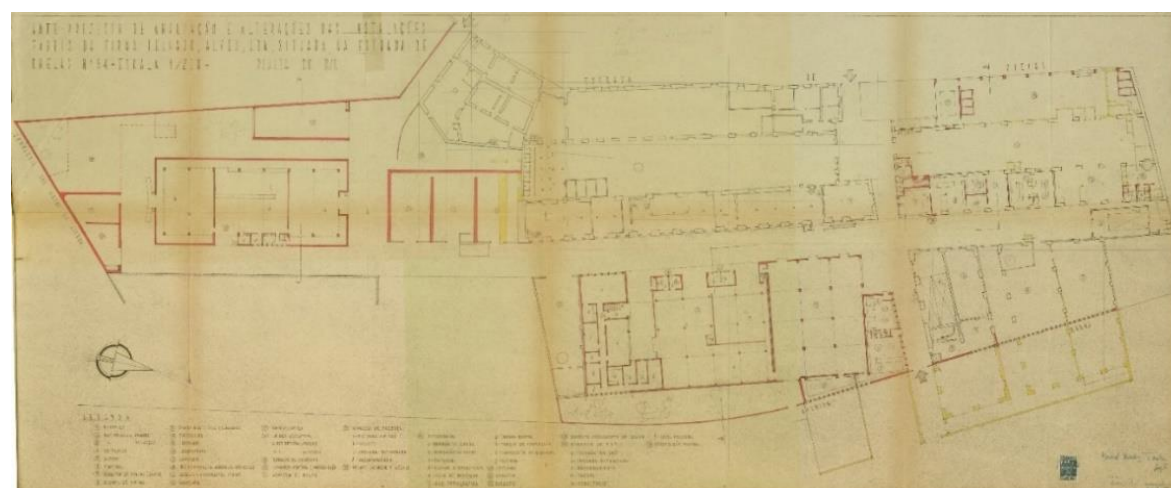
<sup>16</sup> A empresa *Amidex, Lda.* tinha sede na Rua do Comércio, nr. 56.



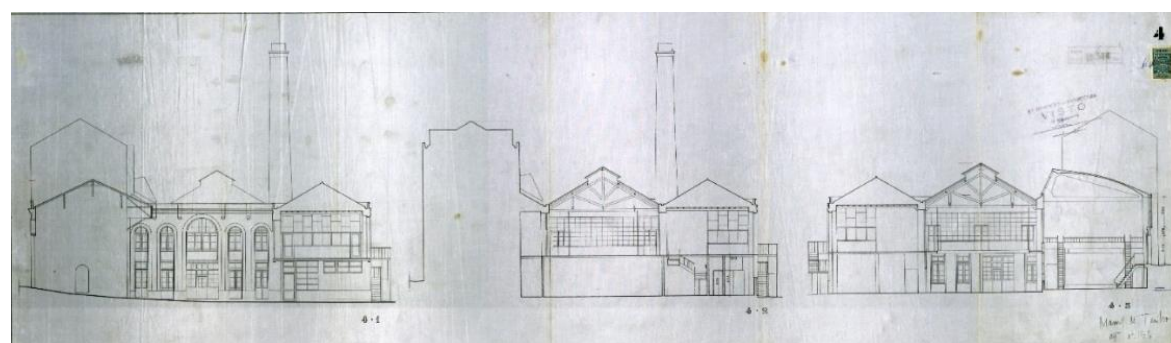
58. Plantas, cortes, alçados e pormenores da Casa das Caldeiras, 1920.



59. Alçado parcial da imponente fachada em arco da fábrica, 1923.



60. Planta geral do complexo, do arquiteto Manuel Mendes Tainha, 1949.



61. Cortes transversais da fábrica, da autoria de Manuel Mendes Tainha, 1957.



Ao invés, em 1949 a empresa requereu um projeto ao arquiteto Manuel Mendes Taínha<sup>17</sup>, que consistia na ampliação do edifício original da fábrica, assim como de outras edificações. Os documentos presentes no Arquivo Municipal de Lisboa incluem uma planta geral onde foi feito um levantamento do conjunto industrial existente, nomeadamente dos seus interiores, com respetiva legendagem, que permite entender a organização espacial do complexo na altura.

O projeto, inicialmente delineado em duas fases e que contava com a inclusão da nova Avenida de Berna (nunca construída), levou à construção de um novo edifício compreendido no lote da fábrica original, em betão, com uma fachada em arco para o interior da fábrica, e outra mais cerrada para a Estrada de Chelas. O destaque foi dado à cobertura, feita em arco e que culmina num conjunto de vãos zenitais, virados a nascente. Na fachada principal em arco, junto ao edifício das caldeiras, foi adicionada uma escada exterior.

Em 1952, é requerido um projeto de dois armazéns, numa espécie de ampliação do edifício a sudeste da fábrica original, uma vez que houve a preocupação de dar uma continuidade à fachada em arco de 1923.

A consulta ao Arquivo Municipal de Lisboa<sup>18</sup> não revelou mais nenhuma alteração física relevante ao conjunto industrial desde os anos 50, confirmando o papel do tempo nas alterações e consequente degradação atualmente sentidas e vistas no conjunto.

O conjunto industrial que resiste até aos dias de hoje é o resultado das constantes alterações que se apropriaram das pré-existências, dando-lhes um uso continuado ao longo do tempo. De notar que os diversos processos requeridos delineiam uma construção profundamente pragmática, muito devido às necessidades que os processos de produção exigiam.

---

<sup>17</sup> Manuel Mendes Taínha (1922-2012) foi um reconhecido arquiteto português. Formado em Arquitetura pela ESBAL em 1950, foi uma figura de referência da arquitetura portuguesa da segunda metade do século XX. Para além de arquiteto, foi também professor em diversas instituições universitárias. De entre as suas obras destacam-se as Torres Olivais (Lisboa, 1961-67), a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (Prémio Valmor em 1991), o Hotel Pestana Palace (Lisboa, 1996-2001), e o conjunto de edifícios no Cais do Sodré (Agência Europeia de Segurança Marítima; Observatório Europeu da Droga e Toxicodependência, 2007).

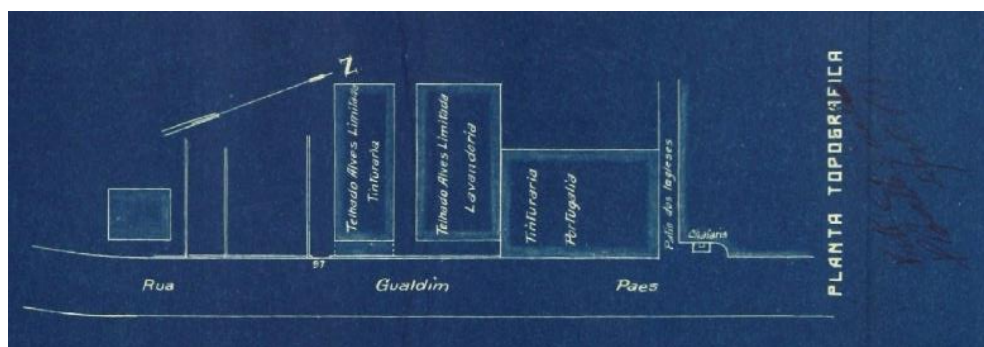
<sup>18</sup> No anexo II é possível consultar a restante documentação sobre o conjunto industrial, reunida durante a investigação.

As antigas *ruínas* da fábrica permaneceram sempre nestes processos como o elemento principal, com o seu interior – mais efêmero – a sofrer as verdadeiras alterações, de forma a corresponder às diversas alterações de uso.

Atualmente, os edifícios resistentes do conjunto industrial não funcionam mais como um só, tendo sido apropriados por diferentes proprietários, para diferentes usos.



62. Muro da antiga Tinturaria Portugalá, 2018.



63. Planta topográfica do projeto de uma fachada junto à casa das caldeiras, com indicação dos respetivos proprietários de cada edifício, 1938.

### 1.3. O caso da Tinturaria Portugália

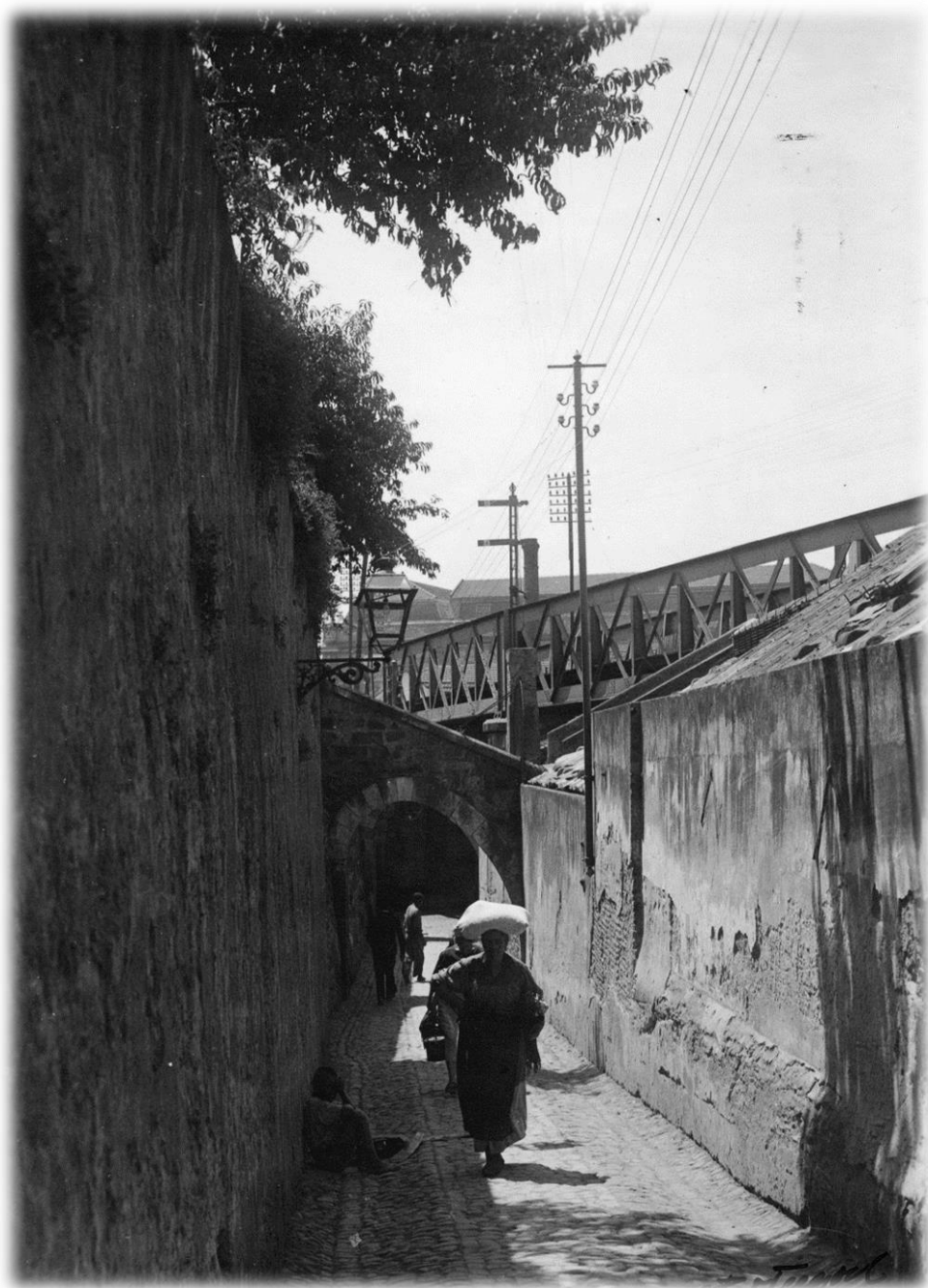
---

*As ruínas da antiga fábrica de estampania* (FURTADO, 1997), assim como o restante conjunto industrial, são invariavelmente associados à empresa *Tinturaria Portugália*. Porém, erradamente.

Apesar do destaque que o muro em azulejo da *Tinturaria Portugália* tem atualmente na Rua Gualdim Pais, esta nunca fez parte do conjunto industrial da *fábrica de estampania*, tal como foi possível verificar pelos vários documentos consultados no Arquivo Municipal de Lisboa.

Segundo o Arquivo, em 1938 foi requerido pela empresa *Telhado, Alves, Lda.*, um projeto (nunca realizado) de uma fachada a construir no alinhamento da Rua Gualdim Pais, junto ao antigo edifício das caldeiras da fábrica. Neste documento, encontram-se parcialmente identificados os edifícios alinhados pela rua citada – dois pertencentes ao conjunto industrial da *Telhado, Alves, Lda.*, e um outro pertencente à *Tinturaria Portugália*. No entanto, este último nunca pertenceu ao conjunto industrial, não tendo sido representado aquando dos levantamentos para os vários processos, nomeadamente o mais completo, do arquiteto Manuel Mendes Taínha.

Todavia, é de verificar a importância patrimonial que o muro de azulejos da *Tinturaria Portugália* representa neste local, nomeadamente para a *memória* que a população local tem dos tempos das indústrias.



*64. Percorso do arco da Vila Dias e ao viaduto ferroviário de Xabregas, 1940.*



## 2. As Pessoas do e no Vale de Chelas

---

A zona oriental de Lisboa é atualmente uma acumulação de vários passados, rurais, conventuais e industriais, que levaram ao seu isolamento progressivo, não só em relação ao conjunto da cidade, como também em relação ao rio Tejo. Este isolamento *marginal* marcou o território física, mas sobretudo, socialmente.

Segundo Consiglieri *et al.* (1993), nos finais do século XIX, trabalhavam nas fábricas de Xabregas entre 800 a 1 000 operários, não sendo por isso surpresa o forte movimento associativo que ali se instalou e, consequentemente, as diversas lutas operárias contra as condições de trabalho e respetivos salários. As condições de trabalho e de vida eram de tal forma difíceis e miseráveis que, em 1886, são inauguradas as *Cozinhas Económicas* na Rua de Xabregas, número 44, de forma a garantir um mínimo de alimentação a muitas destas famílias (CONSIGLIERI *et al.*, 1993).

O início do século XX não veio alterar muito a perspetiva de vida das pessoas que viviam entre Chelas, Xabregas, Beato e Marvila, sendo estas zonas descritas como *o bulício industrial, rumorejante de trabalho, (...) vida viva que Lisboa central não conhece senão de passar de eléctrico debaixo do viaduto do comboio, indiferentemente* (CONSIGLIERI *et al.*, 1993: 78).

Assim, durante a primeira metade do século XX, estas foram espaços de sociabilização urbana e de integração de populações que migraram dos campos para a cidade (SILVA NUNES & SEQUEIRA, 2011), realidade que é notória quando se observa a população residente nestas freguesias de Lisboa, durante o período mencionado, que corresponde ao período mais forte da industrialização (*Quadro 1*).

*Quadro 1 – População residente nas freguesias do Beato e de Marvila, Lisboa (1864-2011)*

ANO	FREGUESIA		
	<i>Beato</i>	<i>Marvila</i>	<i>São João</i>
<b>1864</b>	2 408	–	–
<b>1878</b>	3 583	–	–
<b>1890</b>	6 243	–	–
<b>1900</b>	10 395	–	–
<b>1911</b>	17 204	–	–
<b>1920</b>	14 850	–	–
<b>1930</b>	15 927	–	–
<b>1940</b>	16 949	–	–
<b>1950</b>	22 555	–	–
<b>1960</b>	20 169	20 001	32 466
<b>1970</b>	20 146	25 905	27 744
<b>1981</b>	20 178	40 689	24 889
<b>1991</b>	17 494	47 827	21 960
<b>2001</b>	14 241	38 767	17 073
<b>2011</b>	12 429	38 102	15 187

Fonte: INE – X Recenseamento Geral da População, 1960;

INE – Recenseamento Geral da População: 1970, 1981, 1991, 2001 e 2011.

*Obs.: A quebra demográfica de 1920 deriva da redução da área da freguesia e da consequente criação da freguesia da Penha de França, em 1918. A queda demográfica de 1960 resulta da reorganização administrativa de 1959, que levou à criação das freguesias de Marvila e de São João.*

Em finais dos anos 50, e por forma a desenvolver uma estrutura urbana multifuncional e socialmente diversificada, integrada no conjunto da cidade (HEITOR, 2001), a área de Chelas foi submetida à realização de um plano de promoção pública de habitação social, aprovado em 1964 – o *Plano de Urbanização de Chelas*. No entanto, e também devido à construção da atual Ponte 25 de Abril em Alcântara, em 1963, o município enfrentava à altura um grave problema de realojamento da população que residia nos bairros de lata, nomeadamente os situados no Vale de Chelas. Por essa razão, o território de Chelas e o seu vale passaram a ser destino de famílias mal alojadas e pobres, algumas alojadas ali ao longo de várias gerações, outras recém-chegadas à cidade em condições de notória vulnerabilidade social (SILVA NUNES & SEQUEIRA, 2011).

Assim, se até à primeira metade do século XX o ciclo e a condição industrial e portuária das zonas contribuíram em quota-parte para o crescimento urbano da cidade, sustentado pelas suas funções económicas, residenciais e de sensibilização urbana (SILVA NUNES & SEQUEIRA, 2011), certo é que atualmente a ausência de uma atividade económica consistente – como o foram as fábricas nos seus tempos áureos – e a falta de desenvolvimento destas áreas intermédias – desenvolvendo-se antes as zonas orientais periféricas e da EXPO'98 – levaram à redução da demografia local e consequentemente da estrutura social operária, *resistindo* uma população maioritariamente envelhecida.

Não é de estranhar por isso que as pessoas do Vale de Chelas, caracterizadas na sua maioria por serem de uma população economicamente carenciada e desequilibrada em termos de composição etária (HEITOR, 2001), estejam associadas a um estigma social provocado não só pela desvalorização do tecido urbano, como pelo seu isolamento físico do resto da cidade, o que leva a sentimentos de *exclusão* e *marginalização* na comunidade local.



65. Percurso de observação. Esquema elaborado pelo autor.

## 2.1. As pessoas e o vale: um percurso de observação

---

A capital almoça quando o autocarro se aproxima. Lá dentro, as pessoas agasalhadas protegem-se do frio que se faz sentir, e vão conversado sobre os seus afazeres. Pela janela, observa-se o céu azul, limpo de nuvens, mas não de cabos de eletricidade da *Estação de Santa Apolónia (n)*.

Ao chegar ao viaduto da *Avenida Mouzinho de Albuquerque (m)*, vislumbra-se finalmente o rio. E nem os contentores nas docas a serem carregados e descarregados obstroem a vista sob a outra margem do Tejo. O autocarro continua em andamento, e os cabos da estação estão de volta.

Ao descer a *Rua da Madre de Deus*, o autocarro pára. As portas abrem-se e ouve-se o barulho de um comboio. Na paragem, alguns turistas de mapa na mão olham para o *convento (k)*, abanando a cabeça como que confirmando o seu destino seguinte. Fecham-se as portas e o autocarro segue viagem para *Xabregas*.

Ao passar o *viaduto de Xabregas (l1)*, o autocarro pára e as pessoas apressam-se a sair na *Rua de Xabregas*. Ao sair-se, segue-se em sentido contrário ao destino anterior, procurando por um outro meio que chegue ao *Vale*. Em *Xabregas*, a azáfama de carros é maior. Mas de pessoas nem por isso. À porta dos restaurantes, ou sentados nos bancos de passeio, contam-se quatro pessoas. As restantes caminham em direção às paragens. No pensamento, os seus afazeres, e o tempo que vão demorar a chegar ao seu destino. Ao longe, avista-se o único autocarro que atualmente percorre o *Vale de Chelas*. Ao entrar, as pessoas não são muitas, e na sua maioria, com alguma idade.

A viagem espera-se curta. Ao passar pelo *viaduto de Xabregas (l2)*, dá-se com dois pequenos parques de estacionamento – cheios por sinal – que surgem em frente à escola da *Casa Pia (j)*, por onde estarão os únicos jovens que se avistam. O autocarro começa a subir a *Rua Gualdim Pais* e pela janela, poucas são as pessoas que passam por ali. Vai-se saltando paragens. Vê-se o *antigo mercado (i)* (atual Escola ArCo). Ao olhar para a outra janela, mesmo antes do muro em azulejo da *Tinturaria Portugalá*, surgem duas grandes chaminés, ocultadas pela antiga *Casa das Caldeiras da Fábrica da Tinturaria Portugalá (h)* (atual Centro de Acolhimento para os Sem-Abrigo). Quem ali passa nem imagina o que se esconde por detrás...

A rua vai-se estreitando ao chegar ao *viaduto ferroviário (c2)* junto à ETAR. O autocarro pára para deixar os carros passarem. Chega-se à *Estrada de Chelas*. O olhar começa por dirigir-se para o muro, que protege a encosta verde que sobe para se juntar às acácias da *Madre de Deus (g)*. De repente, o muro acaba e roupa estendida na janela. Casas de dois e três andares surgem, quase como se se estivesse a entrar num antigo bairro lisboeta. Esta vista é interrompida pelo muro de pedra da antiga *Quinta de Santa Catarina (d)*.

O autocarro pára. Na paragem, dois senhores de idade avançada. Estão sentados e não entram. O autocarro segue viagem, e por entre pequenas casas, oficinas e carros, chega-se ao *viaduto ferroviário (c1)* que antecede o *Largo de Chelas*. Está na altura de sair.

A capital já almoçou, e com os pés no estreito passeio, o grande *Convento de Chelas (a)* ergue-se por detrás. Imponente, abraça o largo com a sua *longitudinalidade*. Austero, não só pelo seu estado como pelos militares que lá trabalham, o convento impõe-se como ponto de entrada no *Vale*. Ou de saída. Os carros continuam a passar, em velocidade, na direção de *Xabregas* e da *Bela Vista*. Ouvem-se os pássaros sobrepondo-se ao barulho da cidade. Começa-se a descer a estrada que anteriormente se subiu.

Antes da aproximação, de novo, ao *viaduto ferroviário (c1)*, existe uma pequena movimentação junto a uns edifícios aparentemente abandonados. De mangueira na mão, uma senhora de meia-idade lava a rua estreita. A rua – o *Beco das Taipas (b)* – relembra uma pequena vila operária, com tanques de água à porta e roupa estendida à janela. Mas o seu ar deteriorado e aparente estado de abandono, não convida a grandes entradas por ali.

Segue-se caminho. Pela *Estrada de Chelas*, o trilho pedonal avizinha-se difícil, ora com um pé no passeio, ora com outro no alcatrão, até não haver mais espaço para um passeio. Os carros, esses, continuam a passar em grande velocidade, dir-se-ia com o à vontade de não se esperar pessoas nas bermas. Com calma e precaução, segue-se em direção a *Xabregas*. Finalmente avista-se um local seguro por onde continuar, contudo por entre carros. E por entre carros se continua, até se chegar a um pequeno passeio bem tratado, que serve de entrada a umas pequenas casas. Com uns canteiros e algumas árvores despidas pelo Inverno, cada casa impõe a sua cor, dando algum ar da sua graça na antiga *estrada*.

Quando se apercebe, está-se de volta às casas que pareciam um antigo bairro lisboeta. Junto ao muro da antiga *Quinta de Santa Catarina (d)*, encontram-se pequenos bancos verde-água, pequenos apontamentos num passeio que se tornou largo e onde o sol bate com intensidade. Do outro lado da rua, a sombra instala-se sobre as casas e sobre um passeio vazio. Chega-se de novo à paragem onde se encontravam os senhores de idade. Lá continuam, banhados pelo sol e em conversa tímida. Um de bengala e chapéu, outro de boina e sem bengala. Não têm pressa, muito menos pensam em sair do banco da paragem. A pergunta impõe-se – porque preferem o banco da paragem ao banco do passeio? Talvez pelo conforto de se sentarem mais alto. Nunca se saberá.

O *viaduto ferroviário (c2)* junto à ETAR aproxima-se, e o passeio que até aqui se tornara largo, estreita-se de novo. Os carros continuam a passar, tanto para cima como para baixo, em grande velocidade. Não se diria que esta antiga *estrada* fora uma azinhaga. O som da cidade perdura, mas ainda se ouvem os pássaros. Junto, de novo, ao muro que protege o verde que sobe até às acácias da *Madre de Deus (g)*, avista-se um edifício cor-de-rosa, o antigo *Palácio da Quinta do Lavrado (e)*, atual entrada para a ETAR.

Ultrapassado o *viaduto*, começa-se a sentir, embora de passagem, o cheiro nauseabundo que profana da estação de tratamento. E se por quem aqui passa o cheiro estranha-se, por quem aqui mora entranha-se, certamente habituado. O passeio continua firme e estreito junto ao muro. Do outro lado, a sombra de um antigo edifício industrial. Trata-se da antiga *Fábrica de Fiação e Tecidos de Lã de Inácio de Magalhães Basto & Cia (f)*, que atualmente pertence ao município. Por detrás, começa-se a avistar os ciprestes do *Cemitério do Alto de São João (o)*.

Junto a um pequeno café atascado, surge uma bifurcação ao caminho anteriormente percorrido de autocarro. Entre a bifurcação, encontra-se o que parece um pequeno jardim verde, com alguns bancos, uma mesa., e uns objetos de cerâmica que se assemelham tanto a uma galinha como a um gato. Percorre-se o pequeno jardim, abandonado parece, por estreitos caminhos de terra batida. O cheiro nauseabundo a animal e as árvores despidas do Inverno não oferecem qualquer vontade de ali se permanecer, e sai-se dele em direção à antiga *Estrada de Chelas*.

E de repente, o urbano transforma-se em rural. Deixa de se ouvir a cidade. O som dos pássaros, do galo, das árvores a oscilarem com o pouco vento que se sente, apenas é interrompido pelo barulho dos trabalhos de uma oficina de automóveis. Não fosse o

barulho da oficina e o típico lixo urbano, dir-se-ia que se acabava de chegar ao campo – à aldeia dos avós, lá na ruralidade interior do país. O muro que acompanhava a azinhaga mantém-se e segue até às paredes do *cemitério* lá no alto. A *estrada* cada vez mais estreita é acompanhada pela sensação de obscuridade, do oculto, e por fim, do medo. Não se avista ninguém. Apenas os edifícios abandonados.

A contemplação dá-se pouco depois da curva. Um grande edifício em *ruína* impõe-se, logo depois de um pequeno descampado. Com ele, uma grande chaminé industrial sobe ao céu. Olhando para o lado, avista-se uma segunda chaminé. A antiga *Fábrica da Tinturaria Portugália (h)* surge como que a relembrar um passado distante. De longe, não se avistam os seus imponentes arcos. Continua-se pela *estrada*, percorrendo a fachada da antiga *fábrica*, em paralelo com o muro da azinhaga, que se transforma no muro do *cemitério*. A própria fachada conta uma história a quem ali passa, do passado mais recente, ao mais distante, relembrando os diversos tempos da cidade lisboeta. Um senhor, aparentemente sem abrigo, passa de jornal na mão, e entra por uma pequena abertura clandestina que dá acesso ao interior abandonado da *fábrica*. A falta de ousadia impede que se o siga para dentro do edifício em ruína. Um pequeno pássaro pouisa na meia parede do edifício. Antevê-se uma grande vida animal no seu interior.

Segue-se pela *Estrada de Chelas*, deixando-se para trás uma lembrança de tempos passados, e pelo caminho estreito, em calçada e rodeado por uma natureza rural, caminha-se de volta ao urbano. E, no entanto, mesmo antes de se voltar à cidade, deslumbra-se um conjunto de tralhas e aparente lixo, que se revelam um pequeno local onde se encontram dois senhores, aparentemente sem-abrigo. As tralhas e o lixo culminam numa pequena *barraca de madeira*. Fica-se com a dúvida se ali *habitam*.

Está-se de volta à cidade. O rural transforma-se de novo no urbano. Por uma estreita travessa volta-se à Rua Gualdim Pais, à azáfama da cidade. Os jovens saem da escola. Os carros continuam a passar. O sol ainda encadeia, o céu azul é invadido por tons de laranja. Os pássaros ainda se fazem ouvir, mas ao longe. Agora ouve-se o comboio.

66. *Convento de Chelas (a), Largo de Chelas, 2018.*

69. *Beco das Taipas (b), Estrada de Chelas, 2018.*

68. *Viaduto ferroviário do Vale de Chelas (c1), Estrada de Chelas, 2018.*

67. *Estrada de Chelas, 2018.*

70. *Conjunto de casas na Estrada de Chelas, 2018.*

71. *Interior da Quinta de Santa Catarina (d), Estrada de Chelas, 2018.*

72. *Estrada de Chelas, 2018.*

73. *Paragem de autocarros na Estrada de Chelas, 2018.*

74. *Palácio da Quinta do Lavrado (e), junto ao viaduto ferroviário (c2), Estrada de Chelas, 2018.*

75. *Viaduto ferroviário do Vale de Chelas (c2), Estrada de Chelas, 2018.*

76. *Fábrica de Fiação e Tecidos de Lã de Inácio de Magalhães Basto & Cia (f), Estrada de Chelas, 2018.*

77. *Bifurcação entre Estrada de Chelas e Rua Gualdim Pais, 2018.*

78. *Antiga Estrada de Chelas, 2018.*

79. *Antiga Estrada de Chelas junto ao Cemitério do Alto de S. João (o), 2018.*

80. *Vista para a Fábrica da Tinturaria Portugália (h), Estrada de Chelas, 2018.*

81. *Fachada da Tinturaria Portugália (h), Estrada de Chelas, 2018.*

82. *Antiga Estrada de Chelas, 2018.*

83. *Vista para a encosta da Madre de Deus (g), Travessa da Amadora, 2018.*







84. Pessoas sem abrigo a pernoitar na rua.



## 2.2. A população sem abrigo

---

Quem por hoje passa habitualmente pela zona oriental de Lisboa, nomeadamente junto ao eixo entre Santa Apolónia e Xabregas, não estranha o ajuntamento de pessoas perto da hora de jantar, quer junto aos centros de acolhimento, quer junto às diversas equipas de rua. Invariavelmente, a *população sem abrigo* faz já parte, mesmo que não oficialmente, da população local.

O fenómeno da população sem abrigo não é novo, e a natureza complexa e multidimensional das situações e processos que a caracterizam constitui atualmente um ponto de partida consensual, tanto pela investigação produzida em Portugal, como pelas preocupações das instituições no terreno. No entanto, nem sempre foi assim.

Na Europa dos séculos XIV e XV, adjetivava-se de *mendigo* e *vagabundo* todo aquele que apresentava um estilo de vida errante, sem habitação fixa e/ou trabalho regular. E apesar de existir uma atitude de tolerância perante aqueles que eram vítimas de deficiências físicas, existia sobretudo uma atitude de desconfiança perante aqueles que, sem razão aparente, deambulavam pelas ruas, sem uma ocupação permanente que os dignificasse, sendo olhados muitas vezes como potenciais criminosos. No contexto português, a legislação mais antiga remonta ao século XIII, e espelha a atitude europeia dos séculos seguintes – aos mais velhos, doentes e inválidos era permitida a caridade; a todos os outros havia que castigar pela ociosidade e vadiagem (CML, 2009).

Segundo Manuel Pimenta (CML, 2009), esta filosofia manteve-se sem quaisquer alterações durante os reinados posteriores. E chegado o Estado Novo, deu-se um prolongamento desta visão medieval, criando-se legislação que proibia qualquer tipo de mendicidade.

No entanto, e se até aos anos 60 acreditava-se que o Estado e o capitalismo tinham, na sua formação, condições para vir a assegurar o pleno emprego e bem-estar generalizado das populações, estando a pobreza circunscrita a um conjunto de indivíduos e grupos sociais residuais (PEREIRA & SILVA, 1999), com o nascimento da *sociologia*, juntamente com a análise de diversos aspetos das populações mais carenciadas, foi possível entender que a pobreza não é algo residual e circunscrito às camadas mais

baixas da população, mas que afeta todos aqueles que levam um estilo de vida precário, e por isso, vulnerável a uma rutura gradual dos *espaços de referência social*, como o emprego, a família e a comunidade.

Continuando o trabalho a ter um papel fundamental na integração das pessoas na sociedade, tanto económico como social, e continuando a estrutura familiar a ser hoje uma figura central e estruturante na socialização e integração na vida coletiva (PEREIRA & SILVA, 1999), a ameaça do desemprego temporário ou de longa duração devido ao aumento da exigência de maiores níveis de qualificação, e a falta de uma estrutura familiar que transmita valores e interesses que ajudem na integração das pessoas na sociedade, sem que estas percam a sua autonomia, representam riscos para situações extremas de pobreza e *exclusão social*.

**Assim, muitas das pessoas que em situação sem abrigo, encontram-se num estado de pobreza e exclusão social devido a uma perda progressiva de relações sociais nos diferentes contextos.**

E numa sociedade onde o trabalho surge como fundamental à integração das pessoas, a prolongação da falta do mesmo afeta as sociabilidades que possam ou venham a existir, gerando o isolamento. A juntar à falta de uma rede de relações familiares e de amizade que os ajudem numa sociedade cada vez mais exigente, muitos destes indivíduos *dependem* dos serviços da segurança social.

A estes somam-se aqueles que sofrem de patologias psiquiátricas, ou de problemas relacionados com o alcoolismo e/ou toxicodependência. Muitos pararam as suas trajetórias de vida, normalmente bem-sucedidas e socialmente integradas, devido ao consumo de drogas (PEREIRA & SILVA, 1999).

Deste modo, e apesar de ser frequentemente tratada como um grupo homogéneo, **a população sem abrigo é na realidade a consequência de um conjunto de diferentes percursos que as pessoas levam até ao momento crítico que as levou a esta situação.**

## OS SEM ABRIGO EM LISBOA

Pereira & Silva (1999: 19) afirmam que *ficar sem abrigo não é algo que acontece por acaso, mas sim o resultado de um conjunto de experiências, acontecimentos ou trajetórias que conferem fragilidade, provocam dependências institucionais (...) e desembocam em processos de ruptura e marginalização social.*

Em maio de 2015, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa contabilizou cerca de 818 pessoas em condição sem abrigo, que pernoitavam na rua ou em centros de acolhimento. Verificou-se uma concentração da população sem abrigo na zona oriental da cidade, nomeadamente nas freguesias do Beato, de Marvila e do Parque das Nações.

Na freguesia do Beato, para além das 23 pessoas que pernoitaram na rua, foram também contabilizadas as 210 pessoas que pernoitaram no Centro de Acolhimento do Beato, o maior equipamento de apoio ao sem abrigo da zona, gerido pela Associação Vitae <sup>19</sup>.

No *II Diagnóstico Social de Lisboa 2015-2016* (CML, 2016: 191), é referido que as contagens realizadas dependem de diversos fatores, inclusive das condições meteorológicas, e da acessibilidade a recursos institucionais e rotas de distribuição de alimentos por parte das instituições que atuam na cidade.

Assim, é recorrente encontrar no eixo oriental de Lisboa um conjunto de respostas sociais para a pessoa sem abrigo, quer sejam Centros de Alojamento Temporário, ou simples balneários e sanitários públicos. Além disso, existe um conjunto de equipas de rua, com o auxílio ou em parceria com o município, que concentram também aqui o seu apoio.

Recentemente, foi aprovada a *Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem Abrigo 2017-2023* <sup>20</sup>, onde se insere o projeto *Housing First* – um projeto internacional nascido nos Estados Unidos e iniciado em Portugal, em 2013, pela Associação CRESCER. O projeto procura dar uma casa às pessoas em situação sem abrigo, de forma a se poder *trabalhar* com elas todos os seus problemas. O conceito do projeto é que a casa venha

<sup>19</sup> Vitae – Associação de Solidariedade e Desenvolvimento Internacional.

<sup>20</sup> Estratégia realizada através de Planos de Ação bienais, que assenta numa premissa de rentabilização de recursos humanos e financeiros, bem como da necessidade de evitar a duplicação de respostas e qualificar a intervenção ao nível da prevenção das situações de sem-abrigo e do acompanhamento junto dos utentes, centrando-se no indivíduo, na família e na comunidade. (*in*: <http://www.enipssa.pt/enipssa>)

antes de todas as outras problemáticas, como as dependências, as questões de saúde, entre outros. Segundo a associação <sup>21</sup>, procura-se com este projeto contribuir para a erradicação das situações crónicas de sem abrigo na cidade, integrando estas pessoas na comunidade.

Desta forma, é reconhecida a necessidade de apoiar, de forma integrada, não apenas a população sem abrigo, como as estruturas preexistentes que a apoiam, muitas vezes desconsideradas nas estratégias e políticas adotadas, que procuram combater os diversos processos de *marginalização social*.

---

<sup>21</sup> No anexo III, apresenta-se a entrevista feita à Doutora Rita Farias, da Associação CRESCER.

### 3. O Vale como Território

---

Situado na *Lisboa Oriental*, o Vale de Chelas encontra-se atualmente dividido por entre três freguesias lisboetas – Beato, Marvila e Penha de França <sup>22</sup>. Iniciando-se no Alto da Bela Vista, junto ao *Convento de São Félix e Santo Adrião* (atual Arquivo Geral do Exército), o Vale de Chelas prolonga-se para sul, por entre as colinas da Madre de Deus e do Alto de São João, até *Xabregas* e, sucessivamente, até ao rio Tejo.

Considerada durante muito tempo uma zona secundarizada, a *Lisboa Oriental* foi sempre uma área da cidade pouco desenvolvida e periférica. Até 1885, o limite da cidade era marcado pela antiga Estrada da Circunvalação, que começava em Alcântara, passava por Campolide e São Sebastião da Pedreira, atravessava as antigas Avenidas Novas e o Saldanha, e vinha terminar, pela Rua Morais Soares, na Avenida Afonso III, junto ao Vale de Chelas. Mais tarde, em 1885, este limite a oriente já incluía o próprio vale e a zona de *Xabregas*.

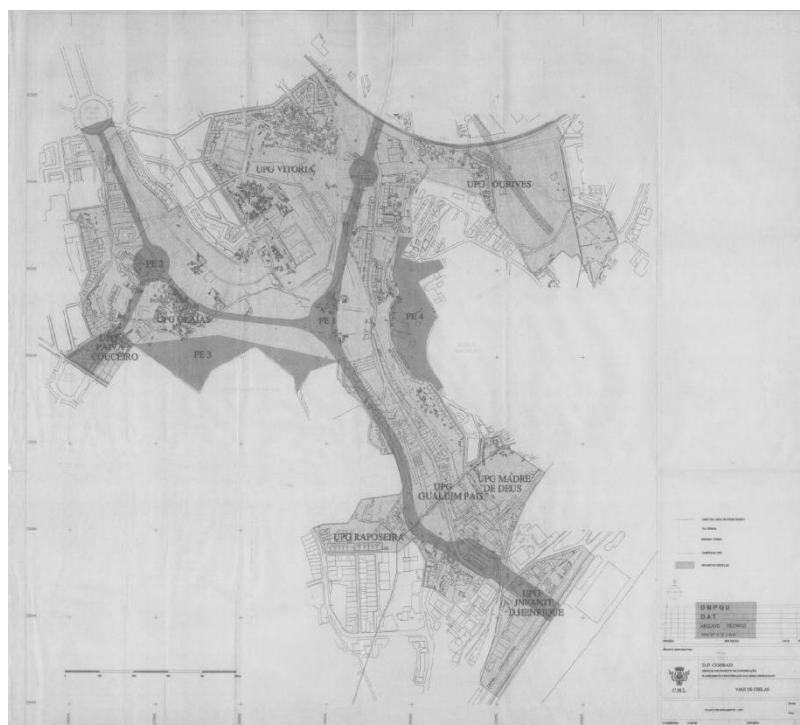
A evolução urbana do vale, com a sua *velha estrutura suburbana de conventos e palácios, (...) cercas e quintas* (CONSIGLIERI *et al.*, 1993: 19), caracterizou-se por ir evoluindo à medida que as fábricas se iam instalando. No entanto, tanto o vale como a *Lisboa Oriental* não acompanharam o desenvolvimento de outras zonas da cidade, devido a essa mesma industrialização, que levou à instalação do Porto de Lisboa, da linha ferroviária e, mais tarde, à construção do aeroporto (1940), que representam neste território grandes constrangimentos, tanto a norte como a sul.

Mesmo com os diferentes planos urbanos delineados<sup>23</sup> para o Vale de Chelas e sua envolvente, este continua a ser caracterizado pela sua génese rural, com a existência de hortas improvisadas e outras mais planificadas, assim como das azinhagas, estradas e caminhos que dele fazem parte e que marcam urbanamente este território lisboeta tão histórico e tão desvalorizado.

---

<sup>22</sup> Parte da área do Vale de Chelas pertencente à antiga freguesia de São João, pertence atualmente à freguesia da Penha de França, devido a uma reforma administrativa de 2012.

<sup>23</sup> Apesar de não serem abordados no presente documento, fazem também parte do conjunto de planos o *Plano de Pormenor do Casal do Pinto*, da autoria dos arquitetos José Adrião e Pedro Pacheco (em vigor), e o *Plano de Pormenor do Parque Hospitalar Oriental*, da autoria do arquiteto João P. Falcão de Campos e do atelier de arquitetura paisagista NPK (revogado em 2018 pelo município).



85. Plano de Urbanização do Vale de Chelas, 1997/98 – planta de usso (em cima) e planta de localização das UPG'S (em baixo).



### 3.1. Os planos para o vale

---

#### 1. PLANO DE URBANIZAÇÃO DO VALE DE CHELAS, 1997/98 - 2015

Desenvolvido com o objetivo de estabelecer regras para os diferentes tipos de ocupação, uso e transformação do solo, o *Plano de Urbanização do Vale de Chelas* constituía um plano de renovação e inserção urbana no tecido envolvente da área em questão, uma vez que esta não integrava nenhuma das unidades operativas definidas pelo *Plano Diretor Municipal de 1994*, da Câmara Municipal de Lisboa (CML).

Os objetivos centrais do *plano* (CML, 2014) assentavam numa ligação viária ao tecido envolvente, no realojamento das populações residentes em construções precárias na zona, e na criação de oferta de habitação de renda livre. Para além destes, havia a intenção de preservar, recuperar e revitalizar não só a malha antiga da Picheleira, como a zona histórica habitacional (pátios e vilas operárias) junto à Estrada de Chelas, Rua Gualdim Pais e à zona portuária. O *plano* contemplava ainda a determinação de duas grandes áreas verdes – a Mata da Madre de Deus e um novo parque urbano, entre a Rotunda das Olaias e a Estrada de Chelas (mencionada como a Via Central de Chelas). De referir que já nesta altura era dada importância à estrutura ecológica da cidade e do vale, uma vez que era também pretendida a criação de espaços verdes de proteção junto ao muro do Cemitério do Alto de São João, ao Palácio do Lavrado (ETAR), e ao longo da via férrea (ligação Marvila-Areeiro-Chelas), para além da criação de espaços verdes enquadrados nos quarteirões e lotes existentes.

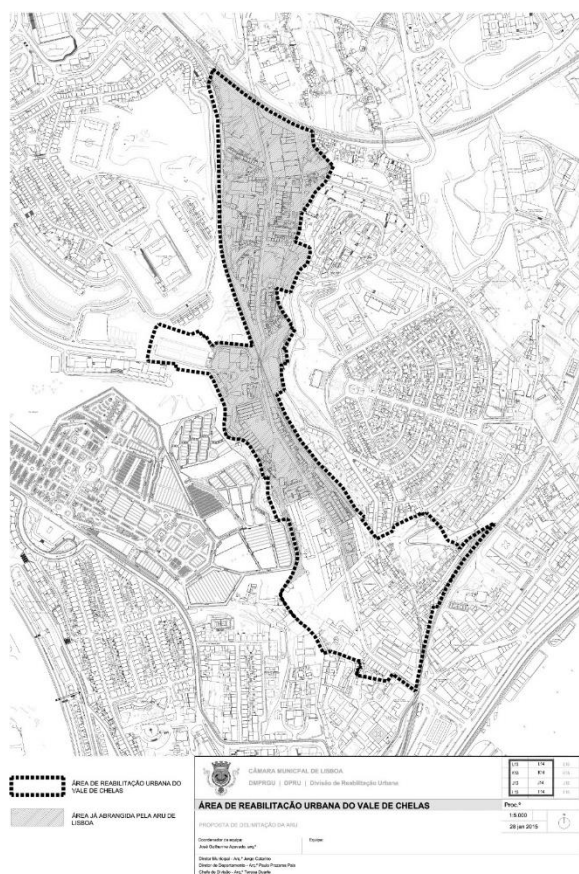
No *plano* são também definidas oito Unidades de Planeamento e Gestão (UPG), que tinham como objetivo a organização do processo de urbanização, de forma a serem usadas futuramente em planos de pormenor ou projetos de loteamento.

De realçar que, apesar da intenção do município em recuperar edificações existentes, nos critérios das UPG não é mencionado qualquer tipo de restrição referente à demolição de outras edificações existentes, ficando a dúvida se esta intenção abrange também o restante património industrial não classificado ali presente.

Apesar de publicado em Diário da República em 1998, ao longo de 17 anos a implementação do *Plano de Urbanização do Vale de Chelas* não conseguiu atingir os

objetivos que o constituíam, à exceção da erradicação definitiva dos aglomerados de barracas ali existentes, através do *Programa Especial de Realojamento* (PER).

Assim, em 2015 dá entrada na CML a proposta de revogação do *plano*, que conclui que o *plano*, enquanto instrumento vinculativo, não foi capaz de ultrapassar as alterações que foram sendo introduzidas ao cenário base do PUV<sup>C</sup>, decisivas para que há quase uma década, não existam desenvolvimentos urbanísticos significativos (CML, 2015 a), contribuindo essa ausência para a estagnação deste território. Para além da falta de planos urbanísticos, a inconformidade do *plano* com o *Plano Diretor Municipal* (CML, 2012), assim como a criação da *ARU do Vale de Chelas*<sup>24</sup> e o *Estudo de Viabilidade do Corredor Verde Oriental – Vale de Chelas*<sup>25</sup>, vieram inviabilizar o *Plano de Urbanização do Vale de Chelas*, comprovando que este se encontrava desadequado à realidade atual daquele território.



## 2. ÁREA DE REABILITAÇÃO URBANA NO VALE DE CHELAS, 2015

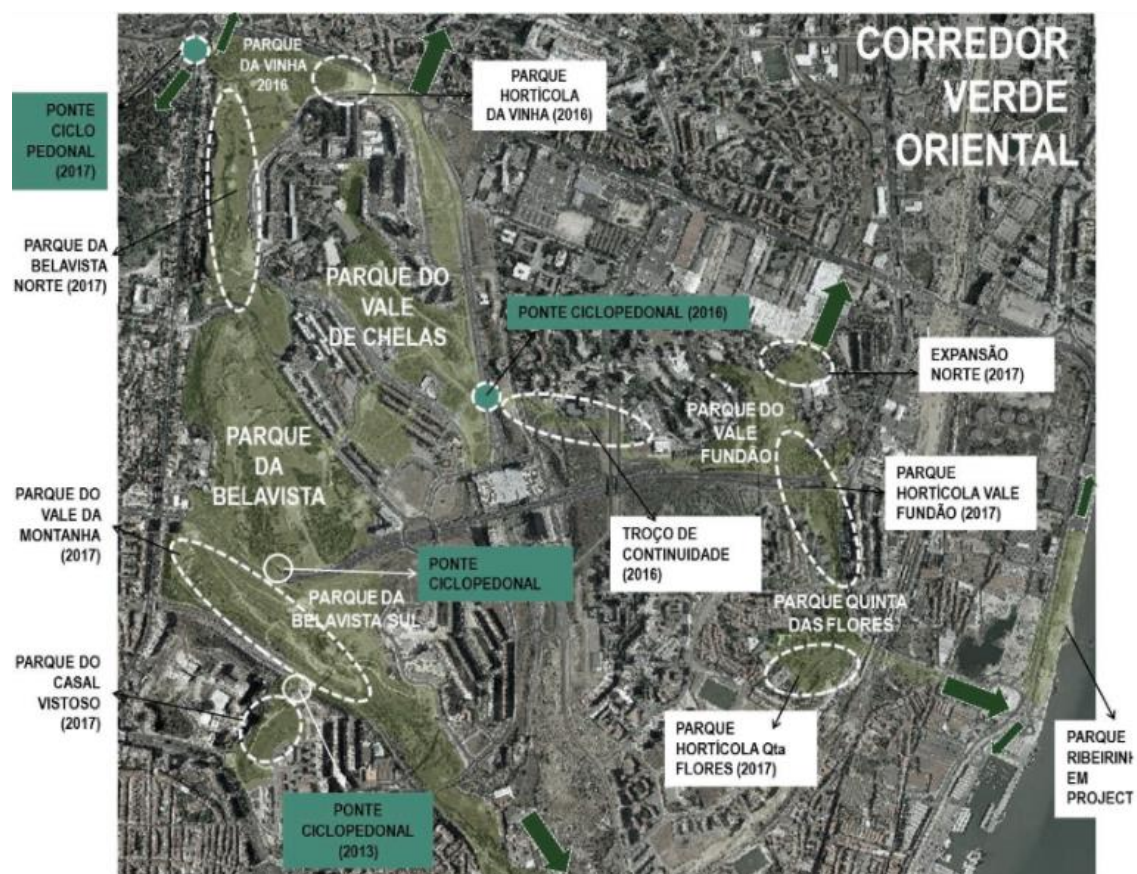
Decorrente da *Estratégia de Reabilitação para Lisboa 2011-2024*, as ARU – Áreas de Reabilitação Urbana – constituem um instrumento de programação da operação de reabilitação urbana simples, e consistem na intervenção integrada de uma área que apresenta insuficiência, degradação ou obsolescência de edifícios, infraestruturas urbanas, equipamentos ou espaços urbanos e verdes.

A ARU do Vale de Chelas (CML, 2015 b) surge então com a intenção de salvaguardar os valores patrimoniais e ambientais presentes neste território, procurando equilibrá-los com a necessidade existente de estruturação de espaços e atividades, e proporcionando não só as devidas condições de habitabilidade, como também a adequação da sua envolvente não construída à paisagem urbana do vale.

Situada entre a Linha de Caminhos de Ferro da Cintura de Lisboa, a norte, e o Largo do Marquês de Nisa, a sul, a área constitui a segunda mais importante bacia hidrográfica da cidade de Lisboa, para além de ser apresentada como um território de grande potencial ecológico. A ARU expressa assim um dos seus principais objetivos – a necessidade de encontrar soluções integradas para inverter a degradação e obsolescência do território, sem corromper a estrutura ecológica do mesmo, mas sim valorizando-a.

De forma a *enquadrar a regeneração do tecido construído, social e funcional, com a salvaguarda da elevada sensibilidade ambiental e patrimonial do Vale de Chelas* (CML, 2015 b: 7), a ARU do Vale de Chelas define quatro eixos de intervenção: 1) Regeneração da habitação existente; 2) Renaturalização do Vale de Chelas; 3) Reestruturação da rede de acessibilidades; 4) Mitigação dos impactos das infraestruturas.

A ARU do Vale de Chelas é o reconhecimento por parte da Câmara Municipal de Lisboa da existência de um território com um grande potencial ecológico e social para a cidade, mas manifestamente degradado e abandonado.



87. Corredor Verde Oriental. Esquema elaborado pela CML, 2018.

### 3. O CORREDOR VERDE ORIENTAL, 2012-2020

Nos últimos anos, a Câmara Municipal de Lisboa tem demonstrado uma maior preocupação relativamente ao *aquecimento global* e às alterações climáticas, tema que tem assumido uma grande relevância, tanto ao nível nacional, como internacional.

Nesse sentido, o município integrou na sua Estratégia Energético-Ambiental (CML, 2012) um conjunto de medidas e políticas de ordenamento do território e de urbanismo, nomeadamente a atenuação dos efeitos da conhecida variabilidade climática, suscitada e agravada pelas alterações no uso do solo.

Dando relevância ao papel determinante que a vegetação tem na regulamentação climática, o *Plano Diretor Municipal* (CML, 2012) aponta para um aumento significativo da estrutura ecológica municipal, nomeadamente no que diz respeito à implementação de um sistema de corredores verdes como umas das principais formas de construir um novo *pulmão verde* em Lisboa.

Surge assim o *Corredor Verde Oriental*, que abrange parte das freguesias do Beato e de Marvila, e que se constitui como um dos maiores contínuos verdes da cidade, desenvolvendo-se na continuidade do Parque da Belavista.

Para nascente, procura ligar o novo Parque Urbano do Vale de Chelas, que representa até ao momento o maior parque hortícola da Europa construído de raiz, ao Parque do Vale do Fundão, que será no futuro ampliado para se ligar ao recente Parque da Quinta das Flores. A chegada ao rio Tejo será feita na zona do Braço de Prata, que contará também com um novo parque urbano.

A norte, o Parque da Belavista liga ao recente Parque Vinícola de Lisboa, uma zona de recreio que contacta com o corredor verde central e com o corredor dos Olivais.

A poente, procura ligar o Parque da Belavista às Olaias e à Alameda D. Afonso Henriques, na direção do Parque Florestal de Monsanto, através de uma ponte verde sobre o prolongamento da Avenida EUA para a zona sul do Parque da Belavista. Por sua vez, esta zona contacta com o Parque do Casal Vistoso, atualmente em construção, através de uma ponte ciclopédonal sobre o Vale da Montanha.



A sul, o corredor verde oriental prossegue para o Parque Urbano do Vale da Montanha, pretendendo-se que, no futuro, este prossiga ao longo do Vale de Chelas até à zona ribeirinha de Xabregas. É neste sentido que surge o *Estudo de Viabilidade do Corredor Verde Oriental – Vale de Chelas* (2014-2016).

Sob solicitação da CML, o *atelier NPK – Arquitetos Paisagistas Associados* desenvolveu o *estudo de viabilidade*, procurando assim estabelecer o ponto de encontro deste sistema verde com a frente ribeirinha, concluindo-o.



88. Fase 1 do Estudo de Viabilidade do Corredor Verde Oriental - Vale de Chelas. NPK, 2014-2016.

### 3.1. ESTUDO DE VIABILIDADE DO CORREDOR VERDE ORIENTAL – VALE DE CHELAS, NPK, 2014-2016

Caracterizado como estrutura fundamental na Planta de Ordenamento da Estrutura Ecológica Municipal (CML, 2012), o Vale de Chelas é apresentado pelo *atelier* como a segunda mais importante bacia hidrográfica da cidade, um vale com uma enorme aptidão biológica, onde o vento, a água e a deslocação facilitada permanecem os mesmos, gravíticos, movimentando-se pelo menor declive, das cotas mais altas para as cotas mais baixas, até à frente ribeirinha (CML, 2015 b).

Neste sentido, o *atelier* desenvolveu um *estudo de viabilidade* que propõe soluções de foro biológico e ecológico, como a criação de bacias de retenção e a arborização/reflorestação do vale, reconvertendo-o num parque urbano, à semelhança do que foi feito nos anos 50 do século XX na área de Monsanto. O estudo divide-se em duas fases – a primeira apresenta o Vale de Chelas no final de um período de 15 anos; a segunda apresenta-o num futuro mais distante, completamente integrado na cidade.

A primeira fase procura reestruturar o vale, dentro do enquadramento da Reabilitação Urbana de Lisboa. Assim, e lembrando que a aptidão biológica do vale é o grande foco deste estudo, procedem-se à demolição de algumas estruturas arquitetónicas consideradas obsoletas (como o caso da antiga “Fábrica da Tinturaria Portugália”, assim como o restante complexo ao qual pertencia) e que, de certa forma, interferem com a estrutura ecológica do vale. Outro aspeto muito importante do estudo é a relação passado-presente do vale, com as antigas azinhagas a permanecerem, relembrando o passado histórico do vale e a forma facilitada como as pessoas andavam por ele através delas.

A segunda fase apresenta um Vale de Chelas completamente integrado com a sua envolvente, e com as alterações constantes no *Plano Diretor* (CML, 2012), no que diz respeito à frente ribeirinha. Completamente marcado pela acessibilidade, o estudo apresenta um novo grande parque urbano no Vale de Chelas e uma nova frente ribeirinha, sem qualquer constrangimento, uma vez que futuramente se pretende a reconversão da linha ferroviária de Santa Apolónia numa linha de metropolitano à superfície, assim como a reconversão do eixo Santa Apolónia-Poço do Bispo e do Porto

de Lisboa num contínuo parque ribeirinho, à semelhança do que acontece atualmente na zona ocidental de Lisboa.



89. Plano de arborização da fase 2 do Estudo de Viabilidade do Corredor Verde Oriental - Vale de Celas. NPK, 2014-2016.







## **V. Proposta de Intervenção no Vale de Chelas**



## Introdução

---

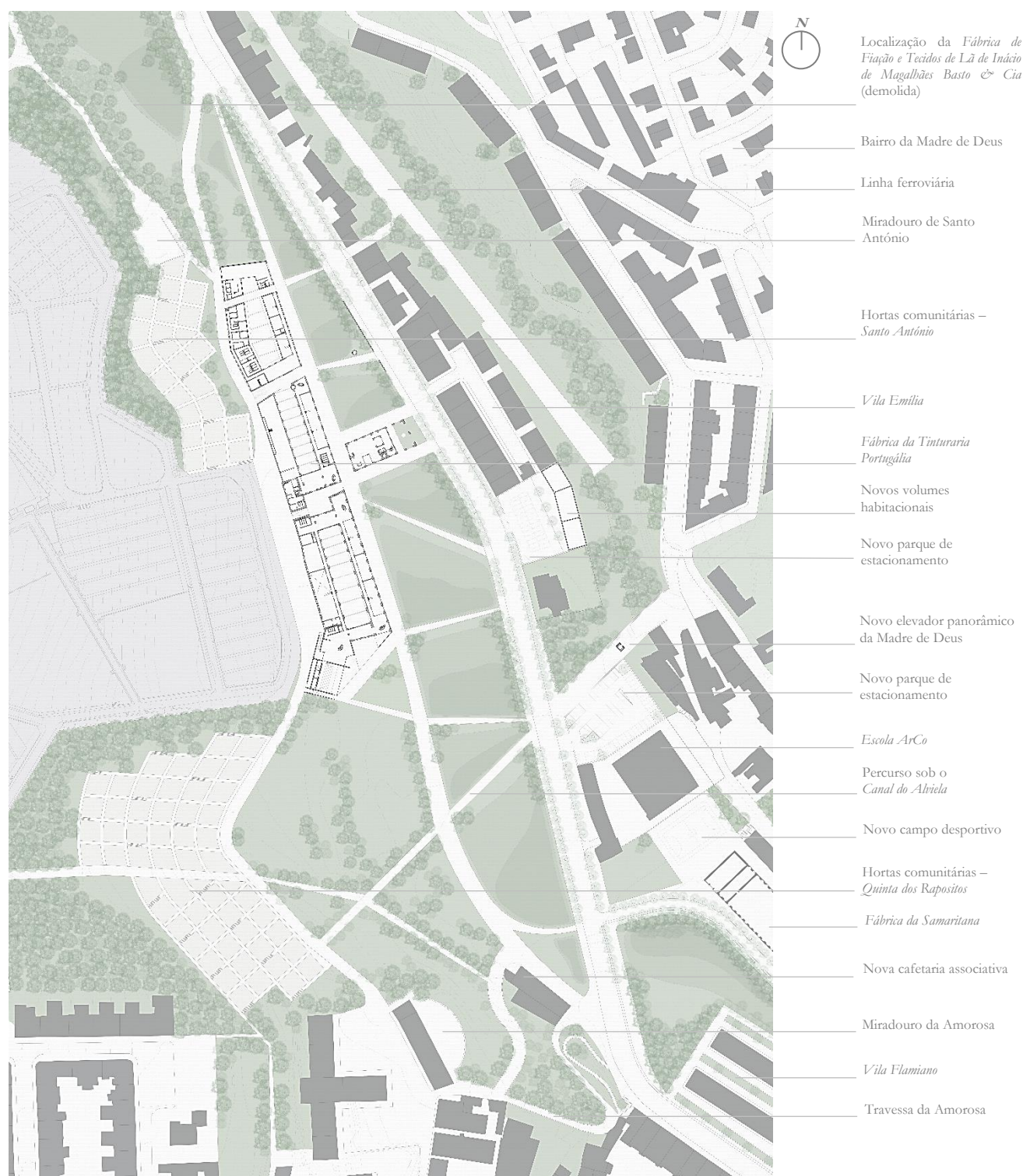
Concretizadas as averiguações sobre a *regeneração urbana* do Vale de Chelas, a *reconversão* do património industrial, e o conhecimento do local e da sua população, procurou-se aplicá-las ao desenvolvimento do projeto proposto – a *regeneração do Vale de Chelas a partir da Fábrica da Tinturaria Portugália*.

A estratégia de intervenção baseou-se na procura de restaurar os valores naturais e biológicos de um vale que se encontra *marginalizado* física e socialmente, através da sua *regeneração urbana* e da *reconversão* do seu património industrial.

Nesse sentido, o projeto apresenta a transformação de um antigo complexo industrial – a *Fábrica da Tinturaria Portugália* – num novo centro comunitário e cultural, inserido na expansão do novo Parque Urbano do Vale de Chelas para a zona de Xabregas.

A *regeneração* e transformação da zona sul do vale na continuação do novo Parque Urbano do Vale de Chelas procura integrar esta zona *esquecida* no território urbano da cidade, através das suas características físicas, associando-o a um conjunto de *corredores verdes* instalados na cidade, que unem as diferenciadas orientações de Lisboa.

Por outro lado, a *reconversão* do antigo edifício fabril, associado a um novo conjunto a construir pelo seu lado norte, procura servir a população local e a população sem abrigo da cidade, no sentido de fornecer espaços de convívio e culturais que abriguem atividades *intergeracionais* múltiplas, que revivam a *memória* do espírito de entreatajuda vivido nos tempos áureos da industrialização, e preconizem relações entre gerações, algo pouco comum na cidade de hoje em dia.



90. Planta sem escala da proposta urbana.

## 1. A Indústria e a Expansão do Parque Urbano do Vale de Chelas

Baseada nos princípios do *Estudo de Viabilidade do Corredor Verde Oriental – Vale de Chelas*, a proposta urbana apresentada procura reconhecer o valor patrimonial das estruturas arquitetónicas industriais presentes no vale, sem desconsiderar o valor biológico do mesmo, construindo uma tentativa de equilíbrio entre os dois, à semelhança do que acontece com os projetos de referência do *Culture Park Westergasfabriek* e do *Evergreen Brick Works*.

O Vale de Chelas está considerado como a segunda maior bacia hidrográfica da cidade de Lisboa, estando atualmente bastante impermeabilizado, situação que tende a agravar as inundações ocorridas no local. A proposta apresentada procura assim atenuar a situação e restituir este seu valor biológico, procedendo à demolição de algumas estruturas que permitam não só constituir um conjunto de bacias de retenção secas no vale, como possibilitar a futura expansão do Parque Urbano do Vale de Chelas para sul.

Entre a Estrada de Chelas e a Rua Gualdim Pais, procedeu-se à eliminação de um conjunto de estruturas devolutas, pertencentes na sua maioria ao antigo complexo industrial da *Fábrica da Tinturaria Portugália*. Contrariamente ao proposto no *estudo*, esta demolição não considera o edifício da antiga *fábrica*, assim como uma chaminé industrial e a *casa das caldeiras*, edifício pertencente atualmente ao Centro de Acolhimento para Sem Abrigo <sup>26</sup>. Não considera também o antigo muro em azulejo da *Tinturaria*, uma vez que este elemento se apresenta atualmente como a *memória* mais forte do passado local.

Por outro lado, junto à bifurcação entre as duas vias, considera-se a demolição da antiga *Fábrica de Fiação e Tecidos de Lã de Inácio de Magalhães Basto & Cia*. Esta decisão prende-se pela descaracterização arquitetónica do conjunto edificado, que pertence atualmente ao departamento de saneamento da CML.

Pela Travessa da Amorosa, a proposta pretende também manter dois pequenos edifícios – um que servirá um futuro miradouro para o vale (*Miradouro da Amorosa*), e outro mais abaixo, que se transformará numa pequena cafetaria associativa –, assim como a atual

<sup>26</sup> Não obstante à importância deste centro de acolhimento para a população sem abrigo do Vale de Chelas, sugere-se a sua realocação num outro ponto do vale, a estudar.

estrutura de acesso, em escadaria e em rampa, que faz a ligação da travessa à Rua Gualdim Pais.

Pelo lado da encosta da *Madre de Deus*, eliminam-se algumas das estruturas devolutas presentes, *substituindo-as* por um conjunto de três edifícios habitacionais e por dois parques de estacionamento, procurando assim resolver a falta de estacionamento na zona. Por outro lado, algumas das estruturas são demolidas para permitir a criação de *bolsas de fôlego* entre o edificado, nomeadamente entre a *Escola ArCo* e a *Fábrica da Samaritana*.

As bacias de retenção secas ficam assim instaladas entre a *Fábrica da Tinturaria Portugália*, a Rua Gualdim Pais, e a *Fábrica da Samaritana*, sendo atravessadas por um conjunto de ligações pedonais que pretendem não apenas direcionar as pessoas para as antigas fábricas, como para diferentes pontos das encostas do *Alto de São João* e da *Madre de Deus*. Um dos percursos que atravessa o conjunto de bacias procura reconstituir o antigo *Canal do Alviela*, uma das principais entradas de água na cidade de Lisboa. O percurso, transversal ao vale, inicia-se na encosta da *Madre de Deus*, onde se localiza um novo elevador panorâmico, e termina na Estrada de Chelas, junto à antiga fonte de água.

Em busca de restaurar o lado mais rural do vale, e atendendo também às necessidades da população local, é criado um conjunto de hortas comunitárias nas antigas encostas da *Calçadinha de Santo António (norte)* e da *Quinta dos Rapositos (sul)*, junto ao *Cemitério do Alto de São João*. Por sua vez, pretende-se que uma parte do muro de betão deste cemitério seja revestida por uma *planta trepadeira*, esmorecendo o contraste pesado que este muro tem sob a Estrada de Chelas.

A arborização proposta procura ir de encontro ao proposto no *estudo de viabilidade*, procurando ser menos densa junto às bacias de retenção, e mais composta em áreas pouco acessíveis.



## UM PROGRAMA PARA O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL NO VALE

A proposta urbana apresentada foi elaborada não só como expansão do Parque Urbano do Vale de Chelas, mas também como proposta programática para o futuro do património industrial do vale, um pouco como acontece com o projeto de referência *Plano @22 Barcelona*, mas a uma escala menor.

Neste sentido, sugere-se a criação de um *hub criativo* na antiga *Fábrica da Samaritana*, que inclua um conjunto de espaços artísticos e de *coworking*, e um mercado. O facto da *fábrica* se situar numa zona de maior movimentação e perto de transportes, possibilita concentrar ali um tipo de usos mais relacionado com trocas, permitindo que a *Fábrica da Tinturaria Portugália* seja o elo comunitário da expansão do parque urbano.

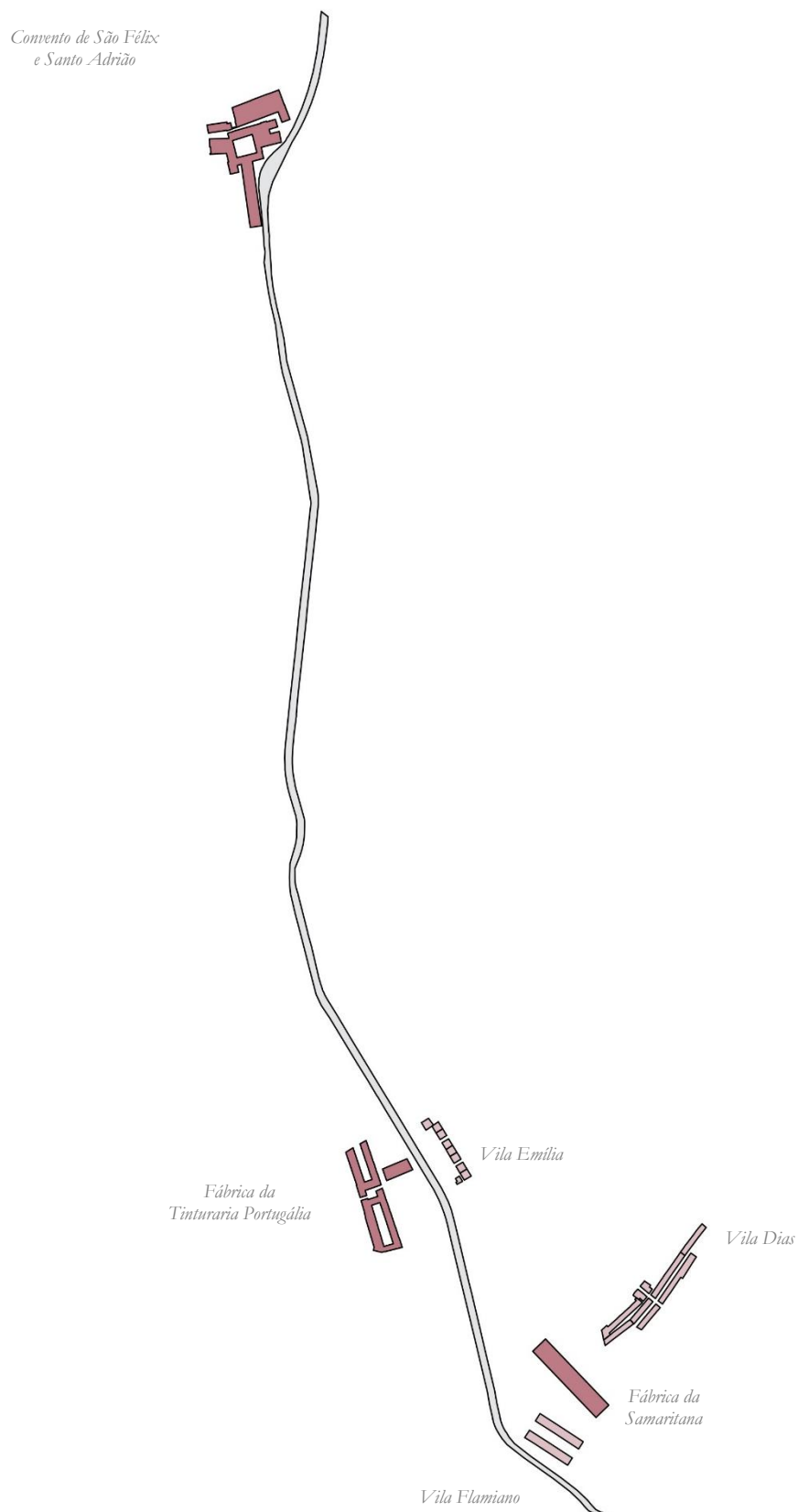
Assim, sugere-se a criação de um espaço comunitário e cultural na antiga *fábrica*, que inclua um conjunto de espaços de estar, de exposição, e também de trabalho, que sirva a população local de uma forma informal, mas útil.

Sugere-se igualmente que o antigo *Convento de São Félix e Santo Adrião* <sup>27</sup> – também ele parte integrante do património industrial do vale, por fazer parte da antiga fábrica de pólvora de Chelas – permaneça como arquivo geral do exército português, mas abrindo o seu interior à população, possibilitando a criação de espaços mais culturais que a sirvam.

Por último, não esquecendo as vilas e pátios operários envolventes à proposta – como a Vila Dias, a Vila Flamiano e a Vila Emília –, sugere-se que estes mantenham a sua vocação habitacional.

---

<sup>27</sup> Também designado como Convento de Chelas.



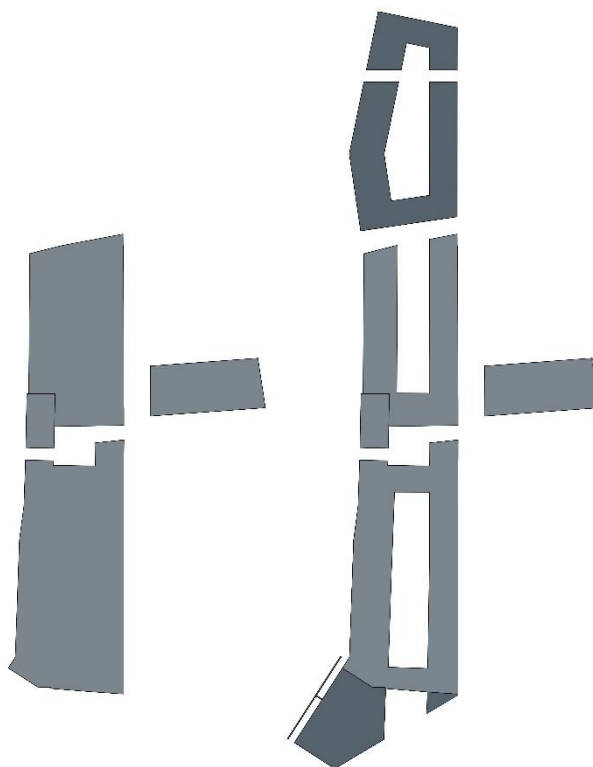
91. Programa para o património industrial no vale. Esquema elaborado pela autora.

## 2. A Reconversão da “Fábrica da Tinturaria Portugália”

Reconhecendo e valorizando a importância do património industrial do e no Vale de Chelas, assim como a sua importância social no local, a proposta de projeto apresentada procurou desenvolver uma estrutura que convivesse tanto com a *memória* do lugar como com o sistema natural em que se insere.

Nesse sentido, a estratégia utilizada passou pela reabilitação da antiga *Fábrica da Tinturaria Portugália* e da sua *casa das caldeiras*, e pela construção de duas novas estruturas – um *auditório-miradouro* integrado no conjunto da fábrica e o novo *Fórum Ocupacional do Beato*, pensado para a população sem abrigo.

A disposição dos dois novos volumes procurou colmatar as empenas norte e sul da fábrica. O volume do *auditório-miradouro* trata-se de uma expansão e funciona como *palimpsesto* do edifício inicial da fábrica, a antiga casa de Francisco Garcia, acoplando-se ao antigo edifício fabril. O volume do novo fórum ocupacional surge como uma continuação da *longitudinalidade* da fábrica, mas separado da mesma e assemelhando-se a uma vila operária contemporânea, com um pátio e uma entrada características da tipologia.



92. Estrutura original (à esquerda) e intervenção proposta (à direita). Esquema elaborado pela autora.

## AS DEMOLIÇÕES

Mantendo as suas paredes exteriores quase intactas, a antiga fábrica apresenta-se atualmente bastante degradada, nomeadamente no seu interior, consequência das suas diversas ocupações e do seu abandono.

Com o intuito de equilibrar e valorizar a linguagem arquitetónica da antiga estrutura, procedeu-se à demolição de alguns elementos descaracterizadores do edifício, como a estrutura monolítica a sul, parte das fachadas norte e sul da fábrica, assim como parte das fachadas interiores da nave sul. Estas últimas foram reconstruídas para nelas serem abertos vãos em arco, tal como os que existem não só nessas mesmas fachadas, como nas fachadas interiores da nave norte. Em ambas as naves foram construídas novas paredes em alvenaria de tijolo, também com vãos em arco, de forma a poderem ser criados dois novos pátios cobertos. Procedeu-se também à reconstrução de parte da fachada da Estrada de Chelas, procurando uni-la com o novo volume em betão do *auditório-miradouro*, e abrindo-lhe vãos retangulares, correspondentes aos vãos da estrutura antiga.

Todo o interior efémero que ainda resiste na estrutura da antiga fábrica foi também demolido, incluindo alguns pavimentos em madeira bastante degradados e algumas estruturas presentes na grande oficina de betão a norte da estrutura. No antigo edifício predial, original da estrutura fabril, procurou-se fechar um piso em cave bastante degradado, incluindo dois dos seus vãos, de dimensões ínfimas.

Na antiga *casa das caldeiras*, e à semelhança do ocorrido no projeto de referência da *Fábrica Can Ribas*, procurou-se desvanecer a barreira física que esta representa ao normal funcionamento das bacias hidrográficas planeadas. Nesse sentido, a nascente, procedeu-se à eliminação de algumas das caixilharias existentes, assim como parte do pavimento ali presente, de forma a criar um pequeno jardim coberto que se conecta com o restante parque verde. Para tornar o restante espaço novamente interior, foi construída uma nova parede em alvenaria de tijolo, onde foram abertos novos vãos em arco, uniformizando a linguagem arquitetónica deste edifício. No seu interior, eliminaram-se algumas das estruturas efémeras presentes, com o intuito de tornar o espaço interior mais amplo e livre.



93. Estrutura monolítica da Fábrica da Tinturaria Portugália.



94. Interior atual da nave sul.



95. Interior atual da ala nascente-norte da fábrica.



96. Interior da oficina de betão.

## O CONCEITO

Com o intuito de desenvolver um programa comunitário, cultural e educativo, procurou-se dividir a antiga estrutura da fábrica em **dois núcleos** – o núcleo norte, mais ligado ao sentido laboral e criativo, e o núcleo sul, mais ligado à união e à *intergeracionalidade* da população.

Com a entrada principal para ambos os núcleos a ser feita pelo pátio central exterior que os divide, procurou-se desenhar **dois pátios cobertos** nas antigas naves centrais da fábrica. No entanto, enquanto que no núcleo norte o pátio é acessível tanto pelo interior como pelo exterior da estrutura (podendo ser encerrado através de um portão a norte), o pátio do núcleo sul apenas é acessível pelo seu interior. Desta forma, enquanto que o pátio do núcleo norte promove um ambiente mais aberto e criativo, o pátio do núcleo sul torna-se mais familiar, promovendo o ambiente para um conjunto de atividades intergeracionais.

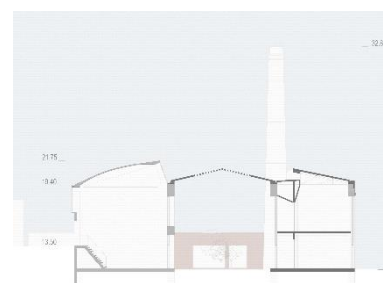
**Ambos os núcleos encontram-se divididos em dois pisos**, sendo os principais acessos ao piso superior feitos por um conjunto de escadas circulares em aço branco e por dois elevadores envidraçados (um a norte e outro a sul), localizados juntos aos *foyers* de duplo pé-direito das entradas principais de cada núcleo. O uso recorrente da escada circular, assim como a escala dos *foyers* (nomeadamente junto à antiga chaminé industrial), procura valorizar o património industrial da fábrica, uma vez que estas estruturas eram frequentemente usadas neste tipo de edifícios.

Os diferentes espaços dos núcleos encontram-se distribuídos por **galerias interiores** que, ao nível do piso superior, dão acesso, do lado da nave nascente de cada núcleo, a três varandas exteriores com vista para os pátios. A união das duas naves opostas, em cada núcleo, é feita por outras galerias de direção diagonal, presentes nos topos dos novos pátios. A ligação entre os dois núcleos é feita pela união das galerias interiores das naves a nascente, através da sua extensão para o exterior. O percorrer do edifício em galeria não só permite que exista uma distribuição longitudinal dos espaços, mas também que cada espaço, exterior ou interior, seja contemplado de uma forma expositiva, sem que seja intrusivo, uma vez que estas galerias interiores apenas são iluminadas pela luz proveniente dos pátios.

Em ambos os núcleos da fábrica procurou-se criar um conjunto de **espaços multifuncionais**, de forma a possibilitar o surgimento de diferentes tipos de uso, temporários ou permanentes, que sirvam a população consoante o que esta necessita num determinado momento. A concentração destes espaços nas naves a nascente da fábrica deveu-se não apenas pelo carácter longitudinal e contínuo que estas apresentam, mas também pela ligação visual que estas mantêm com o novo parque verde, permitindo que se prolonguem para o exterior, física ou só visualmente.

Embora pertencente ao mesmo conjunto, a estrutura fabril junto à Estrada de Chelas não poderia ser mais diversa. A poente, no núcleo norte, surgem **dois tipos de estruturas, de séculos diferentes**, que o projeto procurou conectar com a restante estrutura. Por um lado, o edifício de betão, de cobertura oval e entradas de luz zenitais, que mantêm o seu carácter oficial e de produção. Por outro, o edifício predial, de três pisos e águas-furtadas, reconvertido no centro administrativo de toda a fábrica. Se por um lado a entrada principal deste último é feita pela antiga azinhaga, através da construção de uma nova rampa interior, a entrada para a grande oficina de betão é feita tanto pelo novo pátio como pelo interior do edifício fabril, através dos antigos vãos. No entanto, da mesma forma que neste se manteve a entrada pela Estrada de Chelas, **no antigo edifício predial procurou-se criar duas novas entradas que servem de ligação ao interior dos respetivos pisos da fábrica**. A primeira, ao nível do piso térreo, é feita através de um novo lanço de escadas acrescentado à estrutura preexistente do edifício. A segunda, feita ao nível do piso superior da fábrica, é feita a meio piso (entre o piso térreo e o primeiro andar do prédio) através da ligação à galeria diagonal mencionada anteriormente. Esta ligação a meio piso não só é acedida por um novo lanço de escadas adicionado ao interior do edifício predial, como também pelo novo elevador, acrescentado à antiga estrutura do edifício, e que percorre todos os seus pisos. Ao nível do piso térreo deste edifício, criou-se uma nova ligação visual entre esta estrutura e o interior da oficina de betão, em analogia ao momento de supervisão dos trabalhos de produção da antiga fábrica.

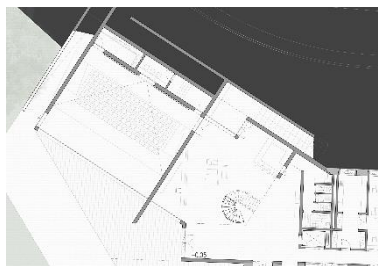
A poente, no núcleo sul, surge **um dos contínuos originais da estrutura da fábrica, que apresenta a implantação mais conservadora de todo o edifício**. Por essa razão, procurou-se concentrar neste local os espaços de uso mais permanente e com mais infraestruturas, nomeadamente as instalações sanitárias.



97. Corte pela Fábrica (núcleo norte) – relação das novas coberturas com a cobertura em betão preexistente.

Ao nível do piso térreo do núcleo sul, tanto a nascente como a poente, foram criados dois amplos espaços multifuncionais, de duplo pé-direito, com o intuito de quebrar o contínuo altimétrico dos espaços interiores, e fazendo lembrar as áreas em galeria do piso superior que existiam na antiga fábrica, de onde se observava os diversos espaços de produção.

O novo **auditório-miradouro** veio colmatar, também a poente, a fachada sul do conjunto. O volume de betão surge como *palimpsesto* da antiga estrutura originária da fábrica, e une-se à estrutura fabril por um grande *foyer* de duplo pé-direito, que contempla duas entradas, uma principal pelo novo parque e uma secundária pela Estrada de Chelas. É por este *foyer* que se acede ao novo auditório, pensado como uma estrutura polivalente, que através de cinco plataformas móveis, pode se transformar num amplo espaço plano, com uma grande janela para o parque verde.



98. Planta parcial do piso térreo da Fábrica – relação do novo auditório-miradouro com a preexistência.

Situado acima do auditório, o miradouro público exterior encontra-se ao nível do piso superior da fábrica, e contempla dois acessos – um externo e outro interior. Pela fábrica, pode ser acedido através de uma pequena *mezanine*, que interliga o *foyer* do piso térreo com as galerias interiores, através de uma escada circular. Pelo exterior, o miradouro é acedido por duas rampas, que vencem o desnível existente entre a cota de entrada na estrutura fabril e a Estrada de Chelas.

Para colmatar a mesma fachada, mas a nascente, criou-se **uma estrutura de aço, revestida com chapas de zinco perfurado**, com o objetivo de gerar uma segunda pele permeável, que servisse um outro miradouro, mais privado, e que se interligasse materialmente com a cobertura.



99. Corte pela Fábrica (núcleo sul) – relação das novas coberturas com o interior dos espaços e galerias, e com o pátio.

Precisamente ao nível da cobertura, procurou-se restituir um pouco da ambiência que estas davam nas antigas estruturas industriais. Assim, **desenvolveram-se três tipos de coberturas** – uma de estrutura assimétrica de duas águas, que cobre ambos os lados dos núcleos da fábrica; outra mais simétrica de duas águas também, que cobre parcialmente os pátios interiores; e uma última, de três águas, que surge como prolongamento da anterior e encerra os topos dos pátios.

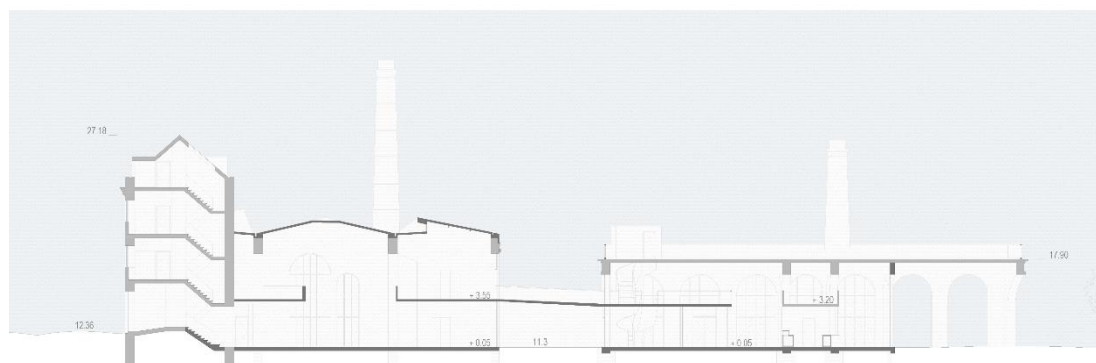
A primeira estrutura referida cobre as naves a nascente dos núcleos e a poente do núcleo sul, e é assimétrica de forma a criar entradas de luz difusa na direção oposta às suas localizações. Estas entradas de luz difusa permitem criar ambientes propícios ao carácter

multifuncional dos espaços interiores. A segunda estrutura referida, de duas águas simétricas, cobre parcialmente os pátios e é composta por duas áreas opacas opostas, que se prolongam por dois metros no sentido da cumieira, e por um conjunto de dezanove vigas metálicas paralelas à cumieira longitudinal e espaçadas entre si. Estas vigas interligam-se às terças transversas estruturais, e permitem não apenas a entrada de luz direta nos pátios, como a sua ventilação. Todas as estruturas mencionadas, apesar das suas características, permitem criar uma pele única que cobre todo o antigo edifício industrial, e que só são interrompidas na ligação à cobertura plana do volume do *auditório-miradouro* e da cobertura oval da antiga oficina de betão.

**No que à *casa das caldeiras* diz respeito, procurou-se restaurar não apenas o seu valor arquitetónico original, mas também as suas ligações à fábrica e ao vale.**

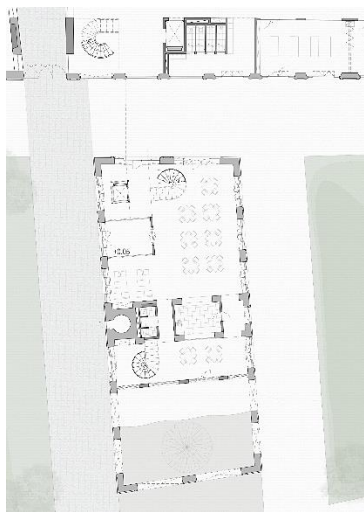
Nesse sentido, procurou-se devolver à antiga estrutura a sua divisão inicial, a nascente e poente, concretizada através do antigo **núcleo central** constituído por uma sobreloja e pela antiga chaminé industrial. A restituição da divisão inicial da *casa das caldeiras* em duas partes permitiu a criação de dois espaços de duplo pé-direito, com ambiências e escalas diferentes, que apesar de servirem um mesmo propósito funcional, constituem duas vertentes diferentes na *casa* – uma mais privada e romântica, que contempla o jardim exterior coberto (a nascente), e outra mais pública e de confraternização (a poente).

A antiga *casa das caldeiras* encontra-se assim repartida por **três pisos** – o piso térreo, onde ocorrem os principais acessos e se localizam os principais espaços de estar interiores; o piso intermédio, constituído ao centro pela sobreloja e a poente pelo patamar de ligação à fábrica; e o piso da cobertura, um grande terraço acessível, que contempla uma vista 360° sob o vale, as suas encostas e a frente ribeirinha.



100. Corte pela Fábrica (núcleo norte) – relação entre o edifício predial preexistente e a fábrica, assim como da ligação da fábrica com a casa das caldeiras.



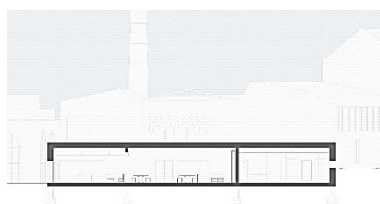


101. Planta do piso térreo da casa das caldeiras.

A **casa das caldeiras** apresenta duas entradas – uma principal, a poente, feita pelo novo parque e através de um pequeno *foyer* interior, e uma secundária, feita a nascente pelo novo jardim exterior mencionado anteriormente. Os acessos ao piso intermédio são feitos por um conjunto de duas escadas circulares em aço branco, uma a nascente – que dá acesso à antiga sobreloja – e uma a poente – que dá acesso não apenas ao patamar de ligação à fábrica e à rampa exterior que faz essa mesma ligação, como também à cobertura. Uma vez mais, o uso deste tipo de escadas prende-se com a *memória simbólica* destas estruturas nestes edifícios. Do lado poente, foi também instalado um pequeno elevador panorâmico que faz a ligação, física e visual, entre todos os pisos da casa.

Com o intuito de colmatar a fachada norte da *Tinturaria* e de desenvolver um programa que auxiliasse a comunidade sem abrigo local, foi desenhado o **novo Fórum Ocupacional do Beato**, que procura apelar à *memória* da forma de estar e viver nas antigas habitações industriais, como processo de reintegração social da pessoa sem abrigo.

Nesse sentido, a implantação deste novo edifício de betão procurou assemelhar-se o mais possível com a **tipologia das antigas vilas operárias** <sup>28</sup>, com a construção das suas principais linhas à volta de um pátio, pelo qual se tem acesso através de uma estreita rua, que faz a ligação entre o novo parque verde e a antiga Estrada de Chelas.



102. Corte pelo Fórum Ocupacional do Beato – relação da volumetria com a volumetria (em fundo) da fábrica.

O novo edifício foi repartido em **duas vertentes sociais**. A primeira, a norte, é constituída pelo refeitório comunitário, e procura servir a população local como um todo, não existindo distinções. A segunda, a sul, é a base do *fórum* e procura servir as necessidades da população sem abrigo. Esta repartição é também assinalada na volumetria do conjunto. Enquanto que o refeitório apresenta um duplo pé-direito, o *fórum* mantém-se mais baixo, não só em relação ao refeitório como à própria fábrica, permitindo mais uma vez enfatizar a ideia de vila operária. Esta diferença altimétrica da volumetria, assim como a conceção de uma cobertura plana que cobre todo o volume, permitiu também reunir algum equilíbrio com a volumetria do *auditório-miradouro*, a sul de toda a intervenção.

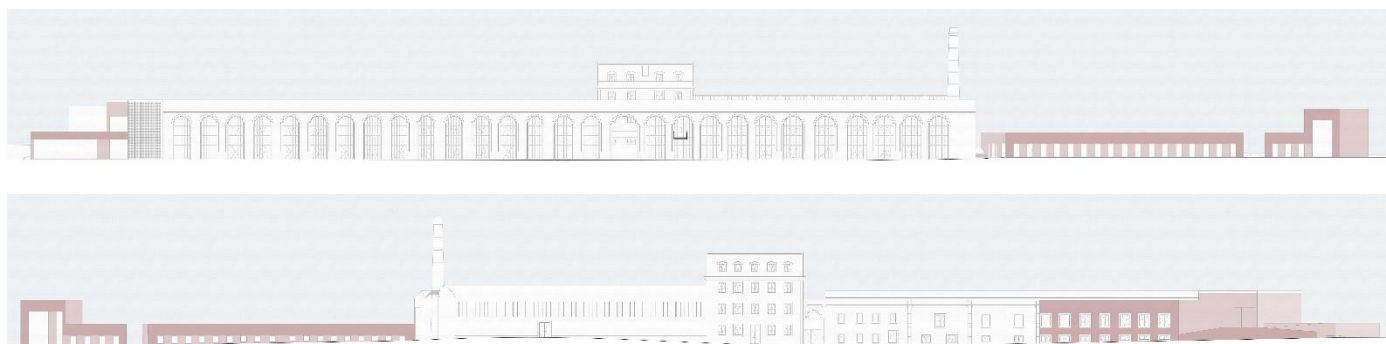
<sup>28</sup> Ver referência de projeto 3.6. – *Vilas Operárias*, no anexo III.

Ao contrário do que acontece com as vilas operárias, este volume não se encontra *escondido* por detrás de outros edifícios, mantendo uma relação direta com o novo parque verde e com a antiga Estrada de Chelas. Assim, estas **fachadas a nascente e poente procuram manter uma ligação visual permanente do interior para o exterior**, sendo percorridas por galerias interiores que são iluminadas através de vãos de sacada ritmados, inspirados na métrica monótona dos vãos das vilas. Estes novos vãos foram ligeiramente recuados em relação à face da fachada, procurando criar um espaço de entrada e separação entre o novo volume e o seu local de inserção, assim como originar um jogo de sombras no interior das galerias, que servem sobretudo de contemplação dos espaços exteriores.

No *fórum*, os principais espaços de apoio à pessoa sem abrigo foram desenvolvidos tendo como inspiração a linguagem tipológica das vilas operárias. Ao contrário do que acontece na fábrica, **estes espaços desenvolvem-se à volta do pátio**, permitindo a sua abertura e acesso para o mesmo e a partir dele. Este acesso direto pelo pátio aos espaços interiores, sem que seja necessário passar por uma entrada mais formal, simboliza o tipo de organização das vilas operárias, onde pelos pátios se tem acesso direto às zonas de estar e refeição das habitações.

Tal como nas fachadas a nascente e poente do volume, procurou-se também desenvolver o ritmo dos vãos de sacada do pátio tal e qual o ritmo dos vãos das vilas operárias. Estes vãos dão acesso a um passeio em calçada que circunda todo o pátio.

Por outro lado, nas fachadas norte e sul do volume, procurou-se que estas encerrassem o volume. Nesse sentido, apenas se abriram alguns vãos de sacada na fachada sul, permitindo a ligação visual para a fachada norte da *Fábrica da Tinturaria Portugália*.



103. Alçado nascente (em cima) e alçado poente (em baixo) da Fábrica e do Fórum Ocupacional do Beato.

## OS PROGRAMAS E A SUA ORGANIZAÇÃO

O Vale de Chelas apresenta atualmente **uma enorme falha ao nível da oferta de espaços de cariz público**, que procurem envolver e auxiliar a população residente nas suas diversas atividades pessoais.

Nesse sentido, e contrariando a forte tendência habitacional da cidade, procurou-se desenvolver **um programa de cariz comunitário, cultural e social**, que proporcionasse às pessoas espaços de utilização contínua que apelassem à criação e ao cultivo de relações intergeracionais, procurando evitar o sucessivo isolamento da população local. Por outro lado, procurou-se desenvolver também **um programa de reintegração social**, dirigido à população sem abrigo, com o intuito de providenciar um local de reabilitação e melhoramento das condições sociais destas pessoas, tantas vezes excluídas e mal interpretadas. Para o desenvolvimento deste programa, foi fundamental a entrevista <sup>29</sup> realizada à Doutora Rita Farias, da Associação CRESCER, assim como a visita às instalações da associação, uma vez que permitiu ter uma perspetiva funcional e organizativa dos espaços inerentes ao programa.

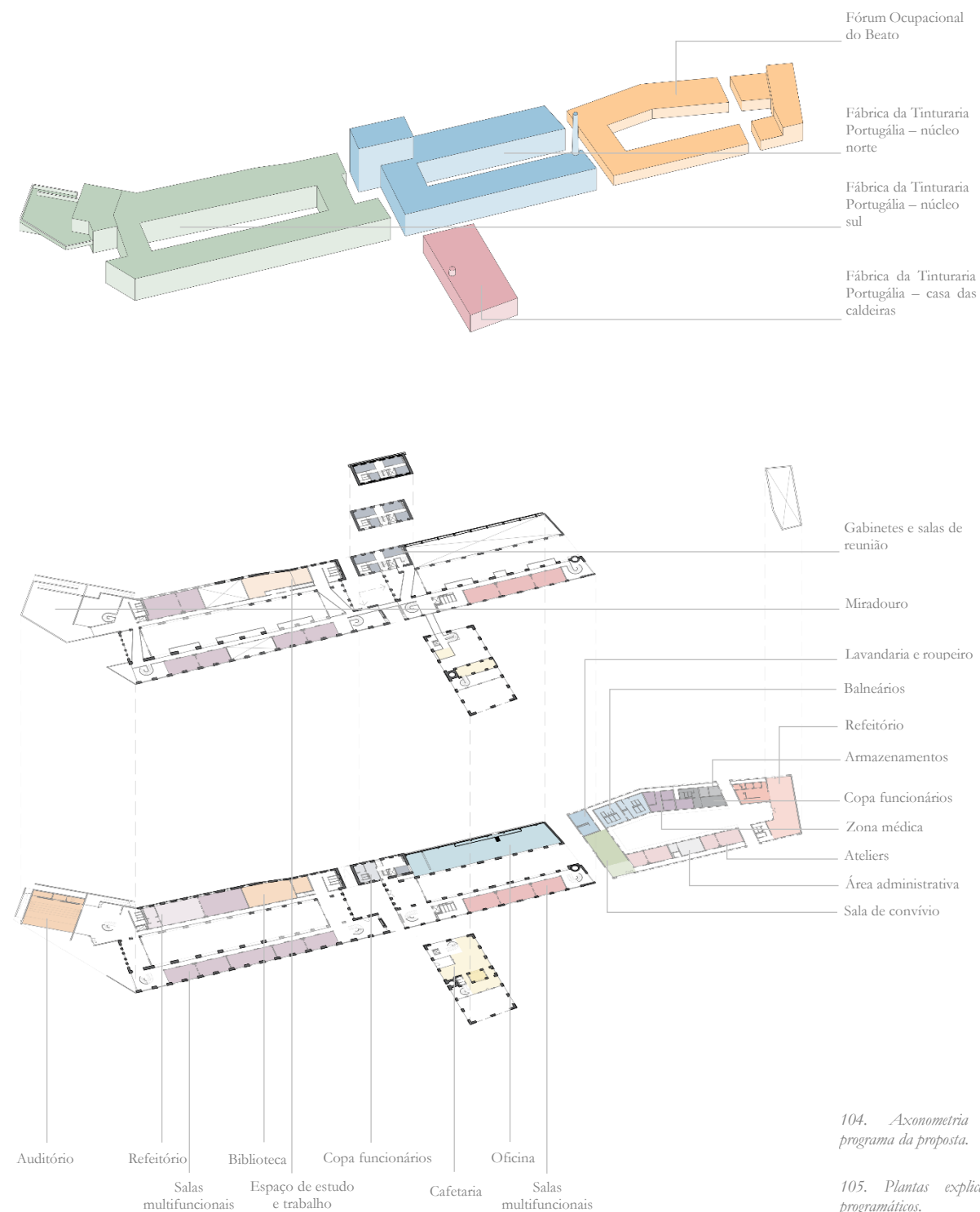
Os dois programas de projeto foram divididos em dois momentos distintos, mas complementares entre si. Primeiramente, surge o *Centro Comunitário da Tinturaria Portugália*, voltado para as atividades comunitárias, culturais e sociais da população, que ocupa todo o conjunto industrial da antiga fábrica têxtil, incluindo a sua *casa das caldeiras* e o edifício predial preexistente.

Logo depois, surge o *Fórum Ocupacional do Beato*, voltado para a reintegração social da população sem abrigo na comunidade e na cidade, que se insere no novo volume a norte da fábrica, uma vez que, pelo seu carácter mais restrito e pessoal, não seria possível integrar com os restantes espaços do centro comunitário.

---

<sup>29</sup> No anexo III, apresenta-se transcrita a entrevista.

## DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL DO PROGRAMA



104. Axonometria explicativa do programa da proposta.

105. Plantas explicativas dos usos programáticos.

## CENTRO COMUNITÁRIO DA TINTURARIA PORTUGÁLIA

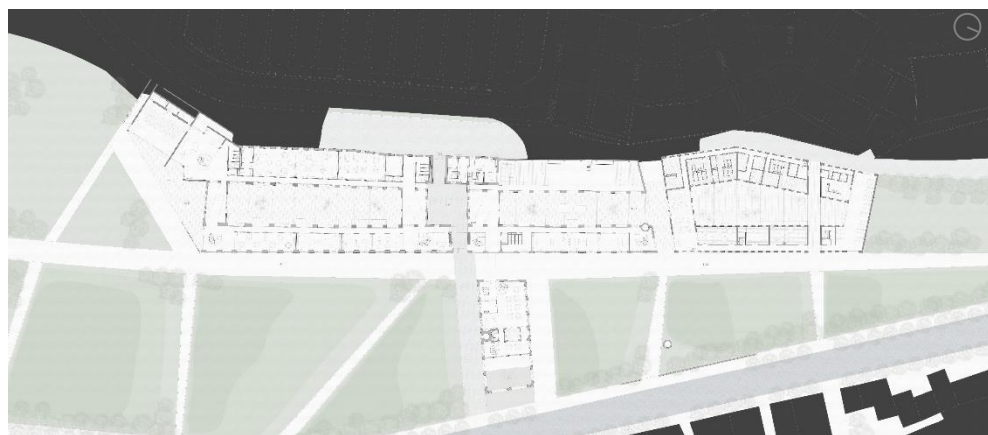
O programa do centro divide-se em duas partes – uma mais ligada ao sentido laboral e criativo, instalada no núcleo norte, e uma mais ligada à união e *intergeracionalidade* da população, instalada no núcleo sul. Esta separação organizativa deveu-se ao carácter mais oficial do núcleo norte. Como referido anteriormente, os dois núcleos encontram-se separados por um pátio central exterior, por onde é feita a entrada principal em cada um.

O núcleo norte encontra-se repartido em três momentos: um administrativo, um oficial e um multifuncional. O administrativo insere-se no antigo edifício predial, onde pela estrutura organizativa preexistente, se encontram os espaços inerentes à função administrativa e pessoal do centro, como vestiários e zonas de refeição e estar ( piso térreo do edifício), e os gabinetes e salas de reunião (pisos superiores). O oficial insere-se na antiga oficina de betão, onde, pelo seu carácter, se encontram um conjunto de espaços expositivos e de trabalho manual. O multifuncional divide-se pelos dois pisos da nave a nascente da fábrica, onde se encontram um conjunto de seis salas multifuncionais, que podem ser transformadas até ao máximo de doze salas, consoante a necessidade.

O núcleo sul, por sua vez, encontra-se também repartido em dois momentos: um cultural e um social, que se dividem pelos dois pisos da estrutura. O cultural insere-se na área a poente do núcleo, onde se encontram a biblioteca comunitária, o auditório e a pequena cafetaria que o serve (piso térreo), assim como o miradouro exterior e o amplo espaço de trabalho, individual e em grupo, pensado para servir a população estudantil local e vizinha (piso superior). O social divide-se pelos dois lados do núcleo e distingue-se pelo seu carácter multifacetado. A nascente do núcleo, encontram-se um conjunto de oito salas multifuncionais, que podem ser transformadas até ao máximo de quatro grandes salas, consoante a necessidade. A dividi-las encontra-se um amplo espaço multifuncional de duplo pé-direito, mencionado anteriormente (piso térreo). A poente é possível encontrar-se também um outro espaço multifuncional, que pode ser transformado em duas generosas salas. Pelo lado poente do núcleo, encontram-se o espaço intergeracional de refeições, apoiado por uma copa, e um amplo espaço de estar (piso térreo), que podem ser transformados num único espaço interior de convívio.

Ambos os núcleos são apoiados por dois pátios cobertos, que assumem funções complementares aos núcleos onde se inserem, tal como referido anteriormente.

Complementar ao programa comunitário, surge a cafetaria inserida no antigo edifício da *casa das caldeiras*, que se destina a servir o miradouro alojado no seu terraço. Aqui, procurou-se concentrar os espaços inerentes ao normal funcionamento da cafetaria no núcleo central da estrutura, deixando livres os espaços a nascente e a poente, assim como a sobreloja e o patamar de ligação à fábrica, para áreas de convívio e refeição.



106. Planta do piso térreo do conjunto (em cima) e plantas do piso 1 e superiores do conjunto (em baixo).

## FÓRUM OCUPACIONAL DO BEATO

*Os ateliers ocupacionais são uma actividade ainda pouco significativa, organizada em modelos de funcionamento “estruturados” ou “flexíveis”. Estas actividades revelam-se de interesse para a reabilitação das capacidades de trabalho, socialização e autonomia dos indivíduos, pelo que importa fomentar a sua criação, num contexto organizado, limitado e acoplado a refeitórios e centros de alojamento temporário.*  
(CML, 2009: 31)

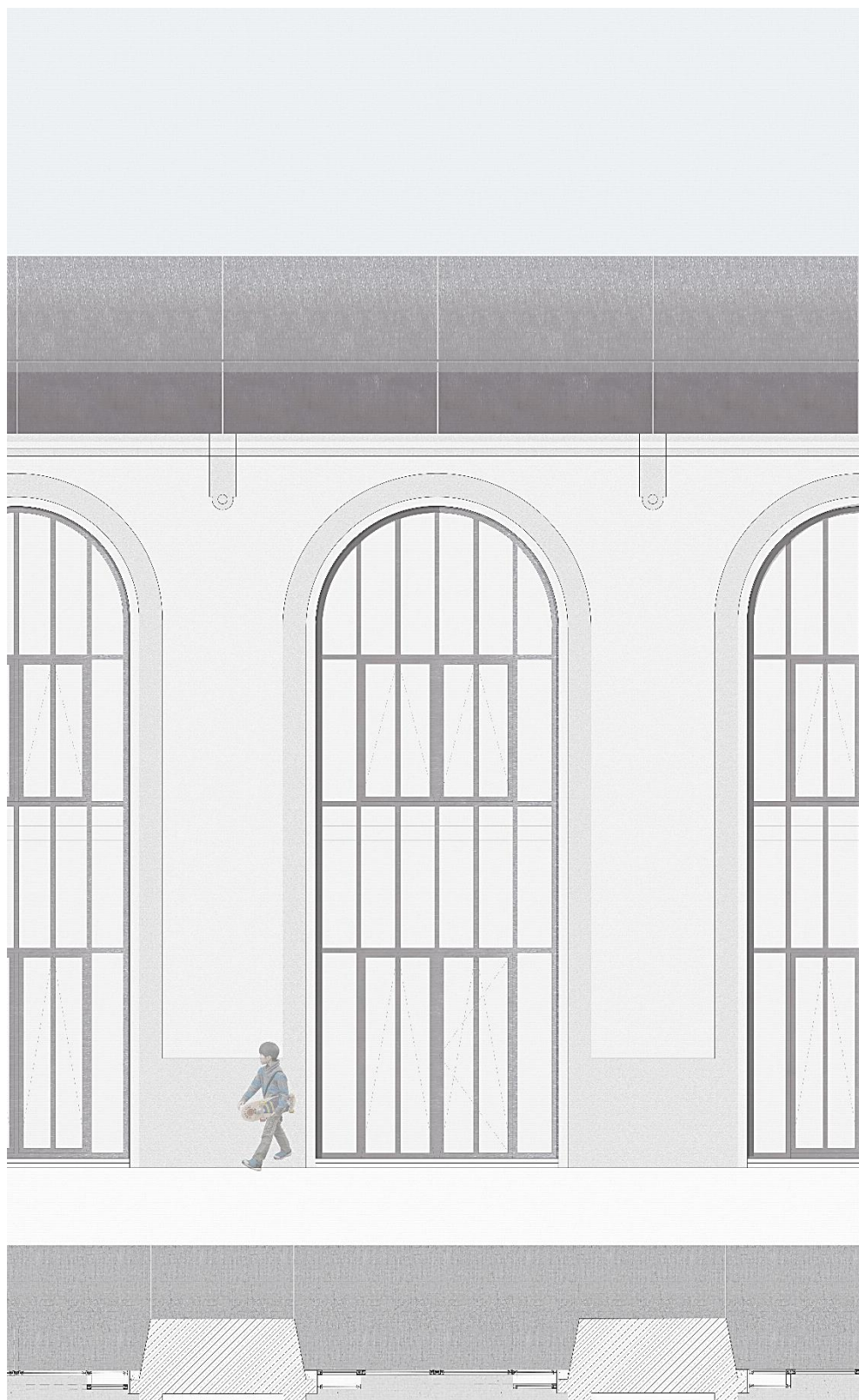
O programa encontra-se repartido em duas partes – o refeitório comunitário e o fórum ocupacional. O refeitório comunitário, acedido tanto pelo pátio como pela antiga azinhaga, insere-se a norte do volume, onde se encontram os espaços inerentes ao normal funcionamento deste, como as zonas de confeção e serviço, e o amplo espaço de refeição. O fórum ocupacional corresponde ao restante corpo volumétrico, e foi desenvolvido do público para o privado, no sentido dos ponteiros do relógio, e voltando os espaços para o interior do pátio.

A entrada principal do fórum localiza-se a nascente do volume, e dá acesso a um amplo *foyer*, onde se encontram os espaços de estar e convívio. Também a nascente do volume, encontram-se os espaços correspondentes aos *ateliers* ocupacionais e à zona administrativa, distribuídos por uma galeria interior contemplativa. Os *ateliers* constituem-se por duas salas, que podem ser transformadas até ao máximo de quatro salas, conforme a necessidade. A zona administrativa separa as salas, e constitui-se por um gabinete e um amplo espaço de trabalho e reunião.

A poente do volume encontram-se os espaços de carácter mais privado, como os balneários feminino e masculino, a lavandaria, o roupeiro, e os espaços inerentes à enfermaria e zona médica, como os gabinetes de clínica geral e o gabinete de saúde mental. A zona médica pode ser acedida diretamente pelo pátio, assim como o gabinete de saúde mental. Este acesso procurou diminuir o estigma social que as pessoas com problemas psiquiátricos ainda sofrem.

Continuando a poente do volume, surgem os espaços relativos aos funcionários, que incluem um pequeno balneário e uma sala de estar e refeição, apoiada por uma pequena copa; assim como dois compartimentos, um que se destina ao armazenamento de material assético, e outro que se destina ao armazenamento de diferentes doações, que pode ser acedido pelo exterior.





107. Alçado parcial nascente e planta parcial da Fábrica – materialização.



## AS MATERIALIDADES

Os materiais e sistemas construtivos selecionados para a intervenção na fábrica e para os novos volumes **procuraram interligar o novo parque verde do Vale de Chelas com o antigo e o novo, através da utilização do aço, do ferro, e do betão.**

Na *Fábrica da Tinturaria Portugália* optou-se pela utilização de materiais que valorizassem a construção original. Assim, a proposta procura preservar as paredes das fachadas exteriores e interiores do conjunto, mantendo os vãos originais, e restaurando a sua alvenaria de pedra e tijolo através de uma argamassa de cal branca, à semelhança do que foi realizado no projeto de referência *Can Framis*. Na *casa das caldeiras*, procurou-se preservar a cor rosa das fachadas. Todas as molduras em cantaria dos vãos preexistentes são também revestidas a argamassa de cal, pigmentada de cinzento.

No interior da fábrica, procurou-se restituir a ideia do ferro como forma de realçar o ambiente industrial. Nesse sentido, toda a nova estrutura do edifício é feita através da implantação de pilares e vigas de aço, de secção I, que suportam um conjunto de painéis em gesso cartonado, assim como uma laje colaborante, revestida com um contraplacado branco, que contrasta não só com as vigas em aço (visíveis sobretudo ao nível do piso térreo), como com o preto das chapas de zinco (utilizadas no revestimento do teto inclinado da galeria interior do piso superior), e com o preto do zinco que reveste a moldura interior das caixilharias de ferro.

Estas, por sua vez, mantiveram, pelo exterior, a estereotomia das caixilharias dos antigos vãos da fábrica. Contudo, por uma questão de isolamento climático, optou-se por instalar junto destas um segundo conjunto de caixilharias, mais simplificado <sup>30</sup>.

As novas coberturas de duas e três águas, assimétricas e simétricas, são suportadas por um conjunto de treliças metálicas, que na maior parte dos espaços interiores do piso superior, se mantêm à vista, assim como os perfis metálicos que sustentam o revestimento em zinco destas <sup>31</sup>.

<sup>30</sup> Ver referência de projeto 3.4. – *Museu Moritzburg*, no anexo III.

<sup>31</sup> Ver referência de projeto 3.5. – *Theatro*, no anexo III.

Ao nível dos pavimentos, é utilizada uma betonilha afagada ao nível do piso térreo interior, e um revestimento em madeira ao nível do piso superior <sup>32</sup>. Nos pátios, é utilizado um pavimento mineral, permeável e rugoso, dividido por faixas constituídas por um mineral mais escuro ao utilizado no restante pátio. Nas zonas onde existem pequenas árvores, é utilizada uma gravilha escurecida, que contrasta com as cores do restante pátio.

As escadas circulares implantadas tanto na antiga fábrica como na sua *casa das caldeiras*, procuram promover um estilo contemporâneo, ao mesmo tempo que apelam à memória industrial do conjunto. Assim, optou-se pela utilização de um aço branco, não só na estrutura, como no revestimento das suas guardas e nas das galerias interiores.

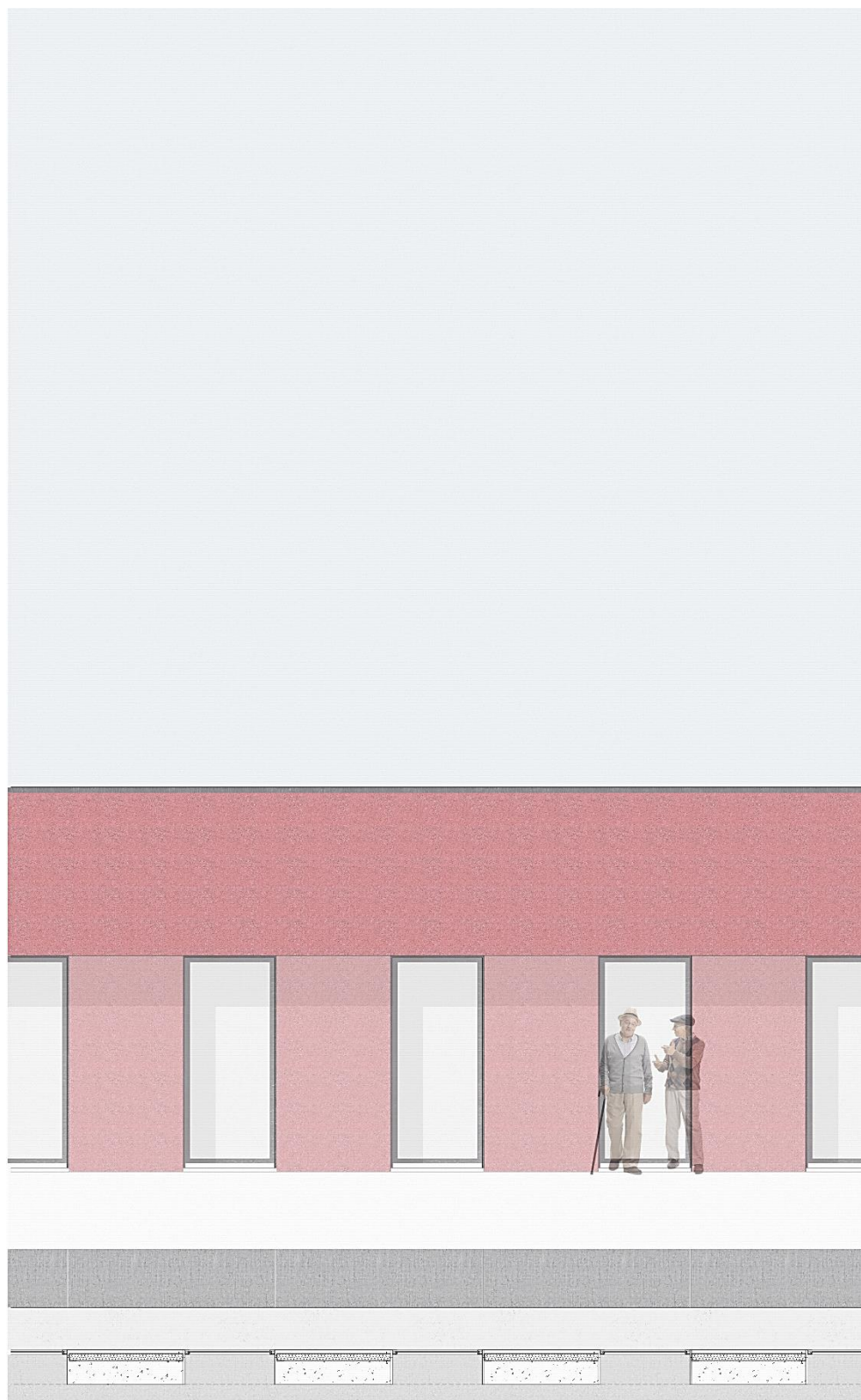
Quanto aos novos volumes de betão, procurou-se não só que estes coexistissem equilibradamente com o resto da estrutura preexistente, como a destacassem de todo o conjunto. Nesse sentido, é utilizado um betão pigmentado com expressão irregular <sup>33</sup>. Esta textura procura remeter à pobreza de materiais utilizados na construção das antigas vilas operárias.

À semelhança do que acontece no antigo conjunto industrial, os vãos de sacada dos novos volumes são revestidos a chapa de zinco, e no pavimento do piso é utilizada a betonilha afagada, com os espaços interiores a serem revestidos a madeira. No pátio do fórum ocupacional é também utilizado um pavimento mineral que, tal como acontece com os pátios cobertos da fábrica, é dividido por faixas de um mineral mais escuro.

---

<sup>32</sup> Ver referência de projeto 3.3. – *Musa Brewery*, no anexo III.

<sup>33</sup> Ver referência de projeto 3.1. – *CIBA*, no anexo III.



108. Alçado parcial nascente e  
planta parcial do Fórum  
Ocupacional do Beato –  
materialização.



## **VI. Considerações Finais**



Lugar rural e morada de conventos, palácios e quintas, a zona oriental da cidade de Lisboa ficou caracterizada, no passado e no presente, pela ocupação industrial e pelo seu consequente abandono progressivo, deixando para trás um conjunto de *vazios urbanos*, do qual faz parte o Vale de Chelas.

O antigo vale de Lisboa apresenta atualmente *pesados* problemas sociais, que cada vez mais tendem a aumentar o isolamento da população local. Associado ao contínuo abandono das estruturas industriais, o Vale de Chelas apresenta-se assim como um lugar expectante e de grande potencialidade. Assim, na procura de reestruturar a vitalidade passada deste território, percebeu-se que este *vazio* poderá novamente ser transformado num novo *centro urbano*, através da *regeneração* dos seus espaços urbanos e arquitetónicos. Para tal, e associado também a políticas de *sustentabilidade social*, percebeu-se que a reconversão do *património industrial* poderia ter um papel fundamental na reintegração física e social do vale na cidade, uma vez que, para além de representarem um meio sustentável de ocupação do solo, permitem restaurar a ligação entre a *memória* do lugar e a população residente.

Na procura de consolidar e interligar a cidade a este território, percebeu-se a importância da valorização da história local, associada sobretudo à indústria, assim como dos atributos naturais do Vale de Chelas, e das pessoas que o habitam, traçando-se um perfil de uma população bastante envelhecida e *esquecida*.

Nesse sentido e com o intuito de promover simultaneamente a valorização do meio ambiente e do património industrial do vale, concebeu-se uma proposta de intervenção que procurou equilibrar estas duas componentes, a fim de se gerar uma revitalização da área sul do vale. Para tal, foi preponderante a análise e estudo dos projetos de referência, onde as intervenções propõem premissas programáticas, arquitetónicas e urbanísticas, de carácter ambiental, patrimonial e social, consistentes com o tipo de intervenção que se procurou desenvolver.

Para a conceção da proposta, procurou-se explorar duas situações – a necessidade de devolver à cidade as características naturais e biológicas do Vale de Chelas, garantindo a sua reintegração na estrutura ecológica Lisboa; e o desenvolvimento de um programa diverso e multidisciplinar, que garantisse a oferta de espaços onde se pudessem estabelecer um conjunto de atividades intergeracionais e de reintegração e reabilitação social.

Assim, surge a conceção de uma proposta urbana que se insere na expansão do Parque Urbano do Vale de Chelas e que procurou restabelecer um pouco da ruralidade do vale, a sua natureza e hidrografia, associando-a à preservação do património industrial através da conceção de um programa multidisciplinar que procurasse não só valorizar estes vestígios do passado, mas que servisse a população num todo.

Nessa linha de pensamento, surgiu a proposta de reconversão da antiga *Fábrica da Tinturaria Portugália* num equipamento de cariz público, cultural e social, que procura reunir a população local em espaços intergeracionais e multifuncionais que auxiliem no desenvolvimento das suas interações sociais. O desenvolvimento de um novo volume a norte desta procurou sobretudo criar um novo espaço de reabilitação da e para a pessoa sem abrigo, presença forte na população local e para a qual não existem respostas suficientes no local, ao nível da sua reintegração social.

Em **Do Vazio ao Centro do Vale** propôs-se perceber como *reabilitar* uma estrutura natural como o é o Vale de Chelas, e de que forma a *reconversão* do seu património industrial poderia se articular com a reintegração social da população, procurando assim melhorar a imagem do vale e, conseqüentemente, da cidade de Lisboa. Tal como se anunciou como princípios e objetivos, o desenvolvimento do trabalho assentou num conjunto de premissas que se acredita serem fundamentais para a evolução futura do Vale de Chelas.







## **BIBLIOGRAFIA**



## BIBLIOGRAFIA

**AGUIAR**, José (2003), *Estudos Cromáticos nas Intervenções de Conservação em Centros Históricos. Bases para a sua Aplicação à Realidade Portuguesa*. Évora: LNEC, ‘pp.’ 119/120.

**BORDE**, Andréa de Lacerda Pessoa (2003), Percorrendo os vazios urbanos. In: *X Encontro Nacional da ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Sessão Temática 4.4 – Re-estruturação intra-urbana: mercado imobiliário e dinâmica sócio-espacial*. Belo Horizonte: ANPUR.

**BRANDI**, Cesare (2006), *Teoria do Restauro*. Lisboa: Edições Orion.

**CHOAY**, Françoise (2017), *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, Lda.

**CML** (2009), *Plano – Cidade para a Pessoa Sem Abrigo – Lisboa 2009*. Rede Social de Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa.

**CML** (2016), *II Diagnóstico Social de Lisboa – 2015-2016*. Rede Social de Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa

**COLANTONIO**, Andrea (2007), *Social Sustainability: An Exploratory Analysis of its Definition, Assessment Methods, Metrics and Tools*. Oxford: Oxford Brookes University.

**COLANTONIO**, Andrea; **DIXON**, Tim (2009), *Measuring Socially Sustainable Urban Regeneration in Europe. Oxford Institute for Sustainable Development*. Oxford: Oxford Brookes University.

**CONSIGLIERI**, C.; **RIBEIRO**, F.; **VARGAS**, J. M.; **ABEL**, M. (1993), *Pelas Freguesias de Lisboa – Volume 2*. Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro da Educação.

**CORDEIRO**, José (2013), Museus e musealização de espaços industriais em Portugal. In: MOREIRA, I., *Edifícios & Vestígios, projeto-ensaio sobre espaços Pós-Industriais*. Guimarães: FCG e INCM, ‘pp.’ 51-57.

**CRESPO**, José L. (2012), Algumas complexidades do bairro no contexto da cidade: o caso do bairro da Bela Vista. In: MENDES, M.; FERREIRA, C.; SÁ, T.; CRESPO, J. (Coords.), *A Cidade entre Bairros*. Lisboa: Caleidoscópio, ‘pp.’ 65-74.

**CUSTÓDIO**, Jorge (1994), Reflexos da Industrialização. In: MOITA, Irisalva, *O livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizontes, 'pp.' 442-492.

**CUSTÓDIO**, Jorge (1990), *O Património Industrial e os Trabalhadores: o caso do Vale de Chelas*. Coimbra, Separata de I. O Encontro Nacional do Património Industrial. Actas e Comunicações.

**FERNANDES**, J.; **SPOSITO**, E.; **FIGHERA**, D. (Coords.) (2015), *Diccionario de Geografía Aplicada y Profesional: terminología de análisis, planificación y gestión del territorio*. León: Universidad de León, 'pp.' 524-525.

**FERREIRA**, Carlos (2012), Projetar a Cidade Entre Bairros. Lisboa, um Projeto de Cidade em Mudança. In: MENDES, M.; FERREIRA, C.; SÁ, T.; CRESPO, J. (Coords.), *A Cidade entre Bairros*. Lisboa: Caleidoscópio, 'pp.' 47-63.

**FERREIRA DE ALMEIDA**, C. A. (1993), Património – Riegl e Hoje. In: MARQUES, J. (Coord.), *Revista da Faculdade de Letras – História*. II Série, vol. X. Porto: Universidade do Porto, 'pp.' 407-416.

**FOLGADO**, Deolinda; **CUSTÓDIO**, Jorge (1999), *Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial*. Lisboa: Livros Horizonte.

**FURTADO**, Mário (1997), *Do Antigo Sítio de Xabregas*. Lisboa: Vega.

**HILLIER**, Bill (1999), *Centrality as a process: accounting for attraction inequalities in deformed grids*. Urban Design International, Vol. 4, No. 3-4., 'pp.' 107-127. DOI:10.1080/135753199350036

**KOVÁCS**, Z. (2008), East-Central Europe. Social sustainability of historic districts: the East-Central European experience. In: UNESCO International Seminar, *Balanced Urban Revitalization For Social Cohesion And Heritage Conservation*. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 'pp.' 55-72

**MCKENZIE**, Stephen (2004), *Social Sustainability: Towards Some Definitions*. Australia: Hawke Research Institute, University of South Australia.

**MOREIRA**, Inês (2013), *Edifícios & Vestígios, projeto-ensaio sobre espaços Pós-Industriais*. Guimarães: FCG e INCM.

**MOURA, D.; GUERRA, I.; SEIXAS, J.; FREITAS, M.J.** (2006), A Revitalização Urbana: Contributos para a Definição de um Conceito Operativo. In: *Cidades - Comunidades e Territórios*, nº12/13, 'pp.' 15-34.

**ODPM** – Office of the Deputy Prime Minister (2005), *Bristol Accord: Conclusions of Ministerial Informal on Sustainable Communities in Europe*. London: ODPM.

**PEREIRA, Álvaro P.; SILVA, Delta S.** (1999), *Os Sem-Abrigo da Cidade de Lisboa: Riscos de Viver (N)a Cidade*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

**PORTAS, Nuno** (2000), Do vazio ao cheio. In: *Vazios Urbanos e o Planeamento das Cidades Caderno Nº 2 - Ano 2000. Cidade Imaginária* [Online], consultado a 02 dezembro 2017. URL: [www.cidadeimaginaria.org/eu/Dovazioaocheio.doc](http://www.cidadeimaginaria.org/eu/Dovazioaocheio.doc)

**ROBERTS, P.** (2006), The Evolution, Definition and Purpose of Urban Regeneration. In: ROBERTS, P.; SYKES, H. (editores), *Urban Regeneration: A Handbook*. London: SAGE Publications, 'pp.' 9-36.

**SERRÃO, Vítor** (2014), Portugal em Ruínas. Uma história cripto-artística do património construído. In: BRITO E SILVA, Gastão de, *Portugal em Ruínas*. Retratos da Fundação. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 'pp.' 7-46.

**SIEVERTS, Thomas** (2003), *Cities Without Cities – An interpretation of the Zwischenstadt*. Londres e Nova Iorque: Sponpress.

**SILVA NUNES, João P.; SEQUEIRA, Ágata D.** (2011), O Fado de Marvila. *Notas sobre a origem citadina e o destino metropolitano de uma antiga zona industrial de Lisboa*. *Forum Sociológico* [Online], consultado a 12 novembro 2017. URL: <http://sociológico.revues.org/382>; DOI: 10.4000/sociológico.382

**SOLÀ-MORALES, Ignasi de** (2002), Terrain Vague. In: *Territórios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

**SP** (2010), *Integrated Urban Regeneration in Europe: Attached Documents*. Toledo Informal Ministerial meeting on Urban Development Declaration, European Union (EU). Spanish Presidency (SP). Espanha: Toledo. [Online], consultado a 21 maio 2018. URL: [http://ec.europa.eu/regional\\_policy/archive/newsroom/pdf/201006\\_toledo\\_declaration\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/regional_policy/archive/newsroom/pdf/201006_toledo_declaration_en.pdf).

**SZYLAK**, A. (2013), Polifonização do Edifício Palimpséstico. In: MOREIRA, I., *Edifícios & Vestígios, projeto-ensaio sobre espaços Pós-Industriais*. Guimarães: FCG e INCM, 'pp.' 43-49.

**TABORDA**, Cláudia (2007), Silêncio Parlante. In: DAVID, Ana (Coord.), *Vazios Urbanos – Urban Voids*. Caleidoscópio, SA, 'pp.' 126-127.

**TEOTÓNIO PEREIRA**, Nuno (1994), Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930: a promoção privada do alojamento operário. In: *Análise Social*, vol. XXIX (127). Lisboa, 'pp.' 509-524.

**TICCIH** (The International Committee For The Conservation Of The Industrial Heritage) (2003), *Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial*.

**WCED** (1987), *Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future*. [Online], consultado a 19 março 2018. URL: <http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf>.

#### Informação Urbana Consultada

**CML** (2012), *Plano Diretor Municipal de Lisboa*. Câmara Municipal de Lisboa.

**CML** (2014), *Documento preliminar de monitorização – Plano de Urbanização do Vale de Chelas*. Câmara Municipal de Lisboa.

**CML** (2015 a), *Proposta N.º 95/2015 – Abertura da Discussão Pública da Proposta de Revogação do Plano de Urbanização do Vale de Chelas*. Câmara Municipal de Lisboa.

**CML** (2015 b), *Enquadramento da Área de Reabilitação Urbana do Vale de Chelas*. Câmara Municipal de Lisboa.



## WEBGRAFIA

*Plano 22@ Barcelona* URL (consultado em Janeiro de 2019):

[http://www.22barcelona.com/documentacio/Dossier22@/Dossier22@English\\_p.pdf](http://www.22barcelona.com/documentacio/Dossier22@/Dossier22@English_p.pdf)

*Cultuurpark Westergasfabriek* URL (consultado em Outubro de 2017):

<http://www.westergasfabriek.nl/en/about/westergasfabriek/>

<http://www.westergasfabriek.nl/en/about/history/>

<http://www.gp-b.com/cultuurpark-westergasfabriek>

*Evergreen Brick Works* URL (consultado em Agosto de 2018):

[https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/241503/evergreen-brick-works-diamond-schmitt-architects?ad_medium=gallery)

<https://dsai.ca/projects/centre-for-green-cities-evergreen-brick-works/>

<http://www.sbd2050.org/project/evergreen-brick-works-3/>

*Fàbrica Can Ribas* URL (consultado em Agosto de 2018):

[https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/386089/can-ribas-jaime-j-ferrer-fores?ad_medium=gallery)

*Museu Can Framis* URL (consultado em Agosto de 2018):

<https://www.archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia>

<https://www.archdaily.com.br/br/01-55733/cam-framis-museum-baas>

<http://baas.cat/proyecto.php?idProyectos=41>



## **Anexos**



## ANEXOS

### I. Cartografia Histórica

### II. Levantamento no Arquivo Municipal de Lisboa

1. Documentação relativa à *Fábrica da Tinturaria Portugália*
2. Iconografia e fotografias históricas de referência

### III. Complementos ao trabalho

1. Entrevista à Doutora Rita Farias da *Associação CRESCER*
2. Registo fotográfico da *Fábrica*
3. Referências projetuais

### IV. Processo

1. Desenhos, esboços e esquemas do projeto
2. Maquetes | 1:2000, 1:500 e 1:200

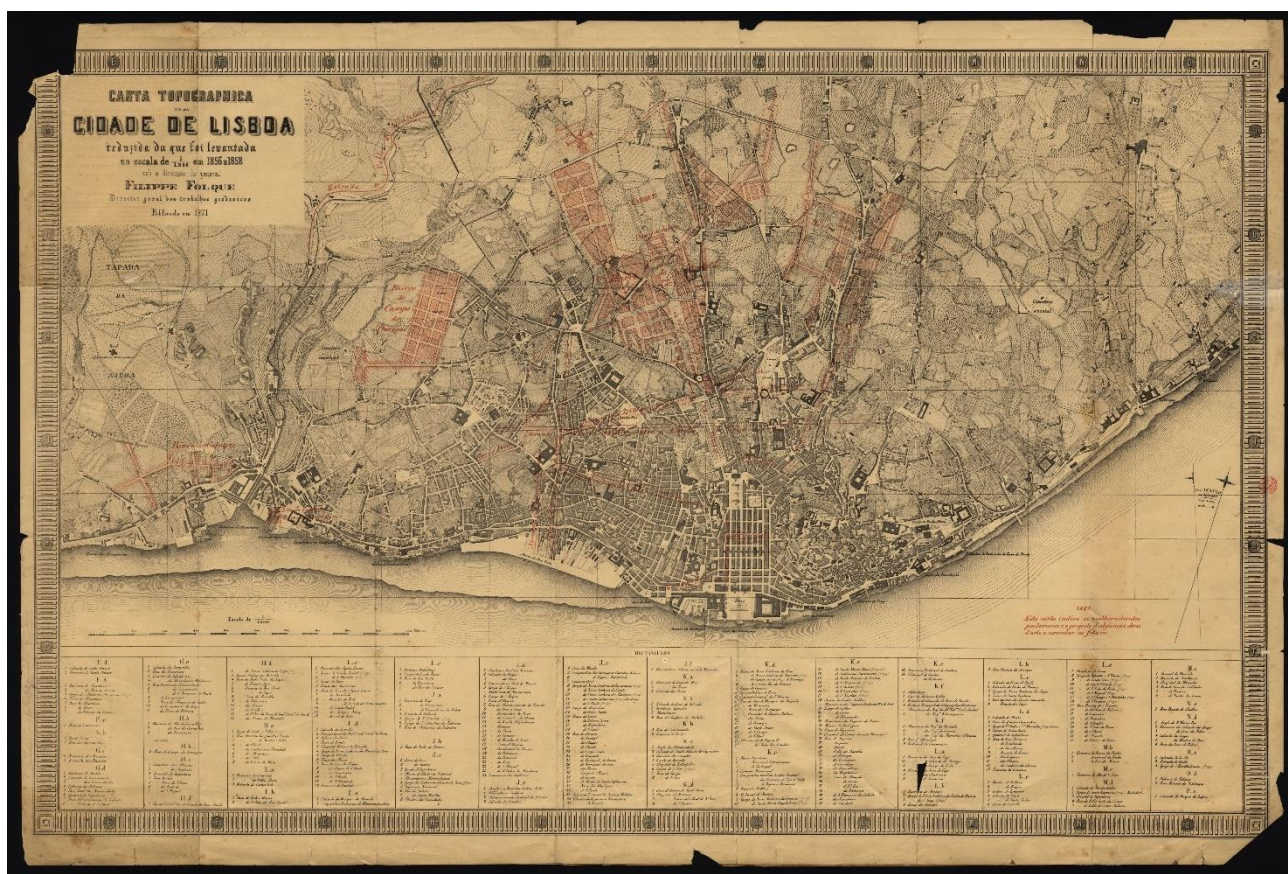
### V. Peças Desenhadas

1. Contexto Urbano | 1:25 000, 1:10 000 e 1:5000
2. Proposta Urbana – Conceito e Programa da Proposta Arquitetónica | 1:750
3. Proposta Arquitetónica – Plantas Piso Térreo e Pisos Superiores | 1:250
4. Proposta Arquitetónica – Alçados e Cortes | 1:250
5. Cortes Construtivos da *Fábrica* e do *Fórum* | 1:50
6. Materialização – Planta, Alçado e Corte Construtivo pela *Fábrica* | 1:20
7. Materialização – Planta, Alçado e Corte Construtivo pelo *Fórum* | 1:20



## I. Cartografia Histórica

*Carta topográfica da cidade de Lisboa, Filipe Folque, 1856 a 1858.  
In Arquivo Municipal de Lisboa.*









Planta da cidade de Lisboa, João Carlos Bon de Souza, 1875.  
In Arquivo Municipal de Lisboa.







*Planta do plano hidrográfico do porto de Lisboa, 1845. In Arquivo Municipal de Lisboa*

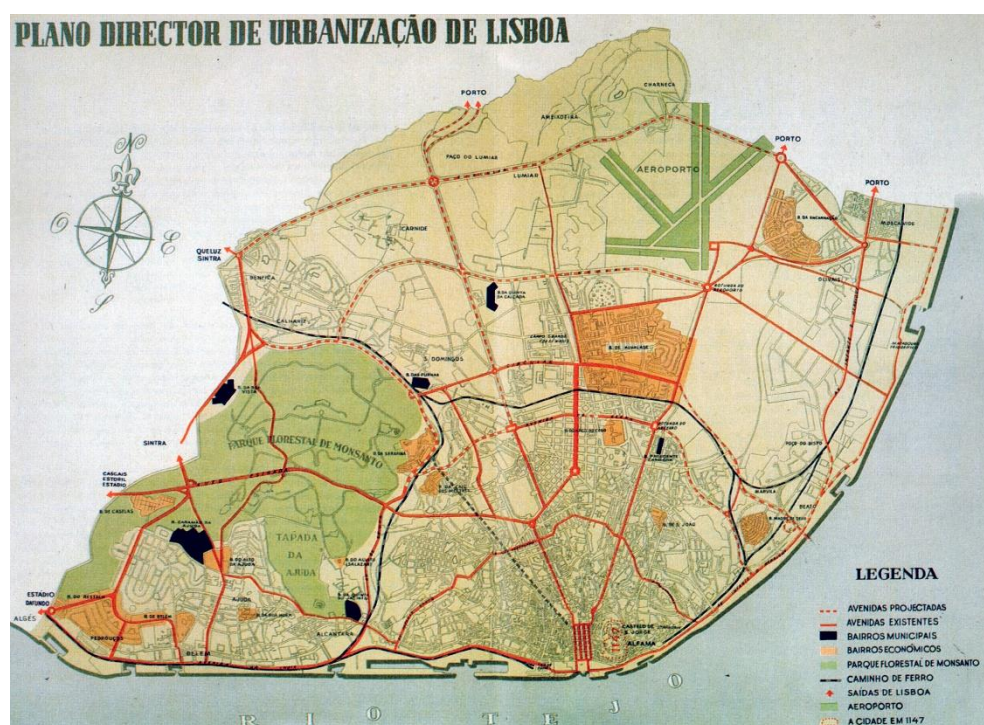


*Planta cartográfica de Lisboa, Júlio A. V. da Silva Pinto, 1911. In Arquivo Municipal de Lisboa*



*Planta da cidade de Lisboa, CML, 1940.  
In Arquivo Municipal de Lisboa.*

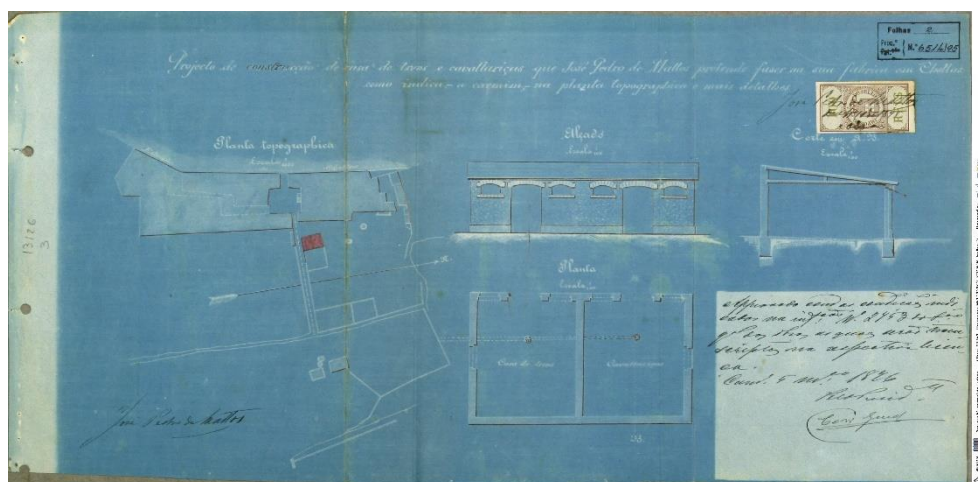
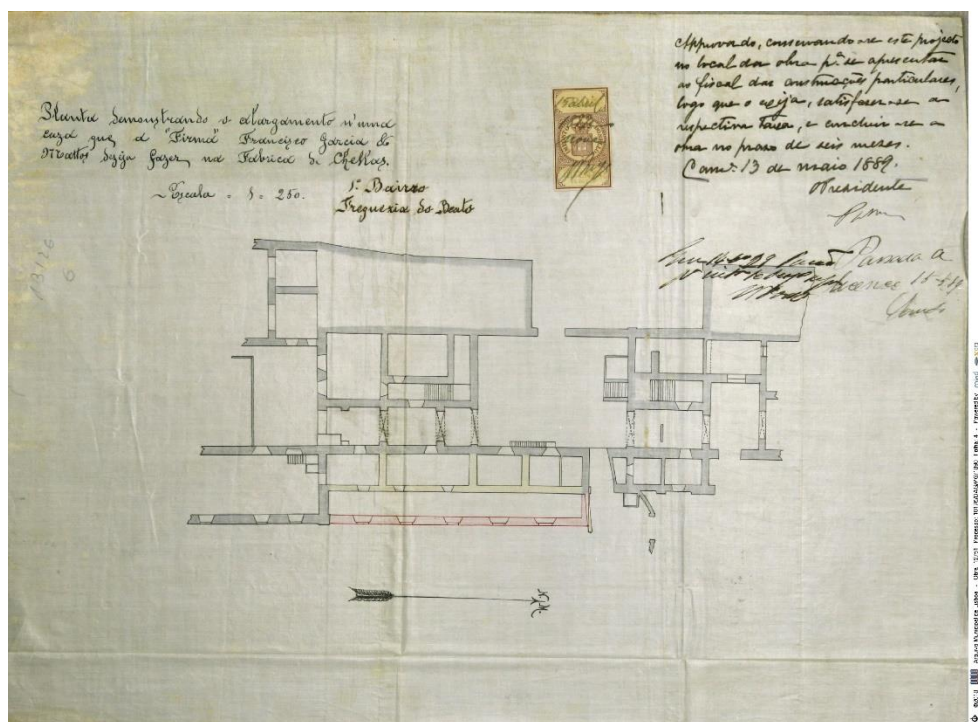
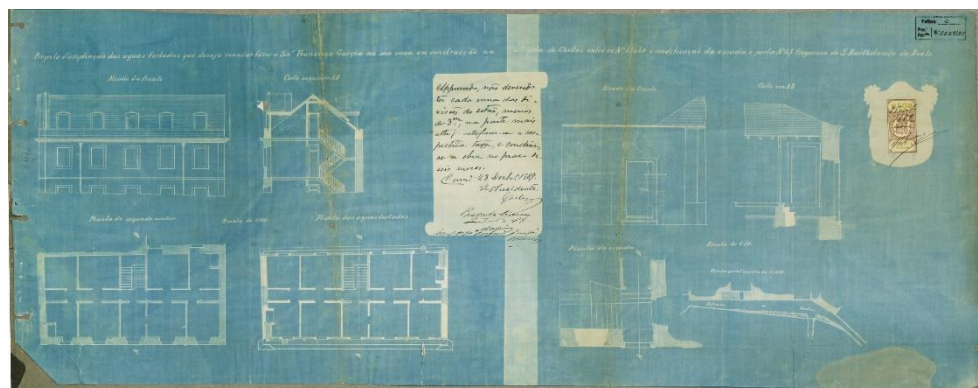




*Plano geral de urbanização e expansão de Lisboa, Etienne Gröer, 1948. In CML*









14633

13. MAI. 1898

13. MAI. 1898

14-5-98

OBRA N.º 12.451

Concluido

José Pedro de Mattos proprietario e industrial nesta cidade de Lisboa, precisando na extensao de 34,35 chãos mais 2,30 o edificio destinado ás fôrças da sua fabrica de lâmpadas, em Chelas, de forma que a sua cobertura atinja o nivelamento do que lhe segue no mesmo predio como se vê indicado no alvará e corte transversal juntos, cujo predio fica na parte inferior d'esta fôça propriedade, lado da Corca, como igualmente mostra a renvidho a plantas topographicas, vem o suppete

T. J. G. se diguem por ceder the a respectiva licença para esta obra.

E. J. M. c.

Lisboa, 14 de Abril de 1898

SECRETARIA DO SERVIÇO CENTRAL

14.4.98

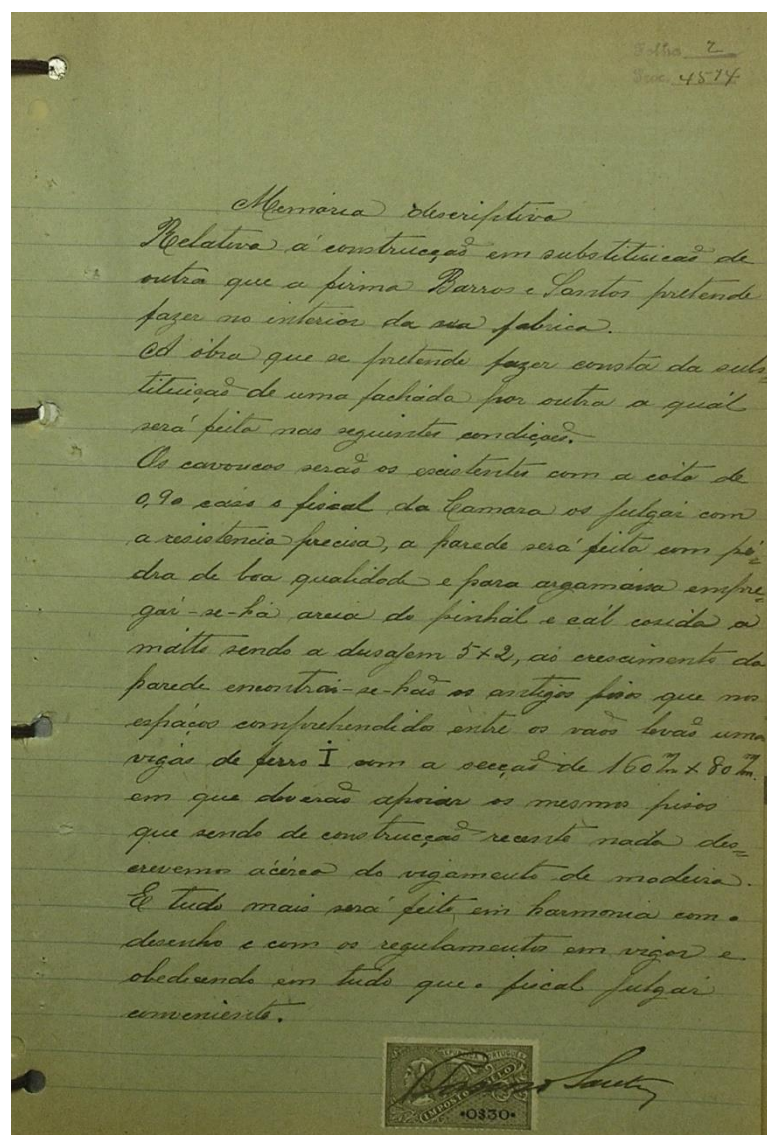
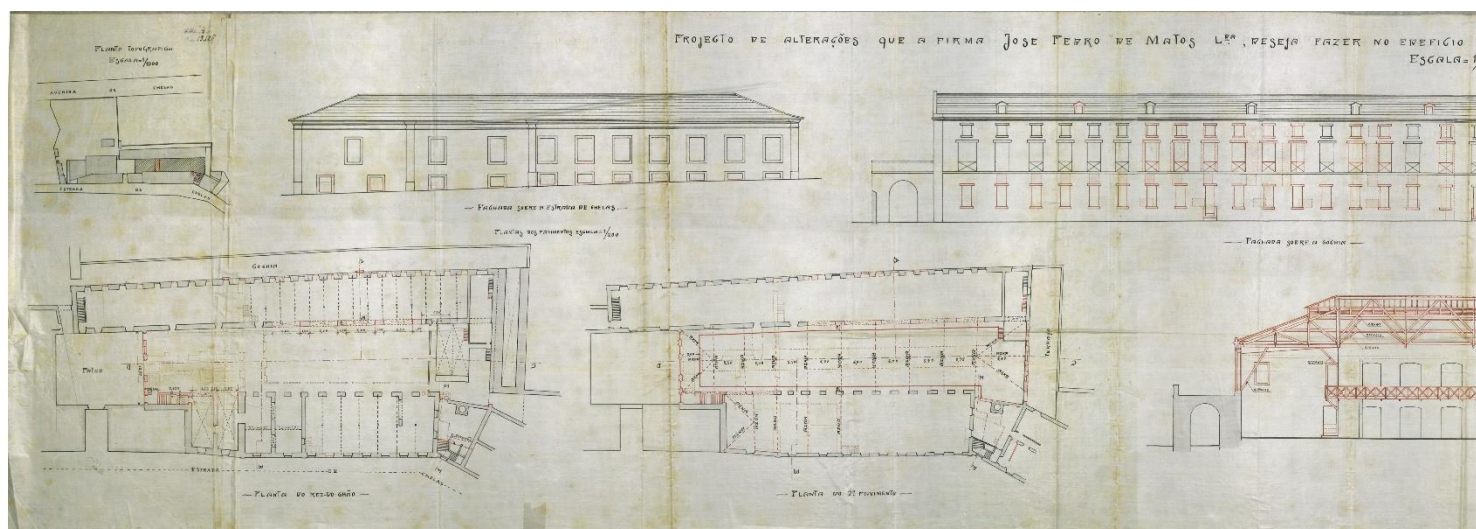
1741

Declaro assumir a responsabilidade da obra a que se refere este refôrço

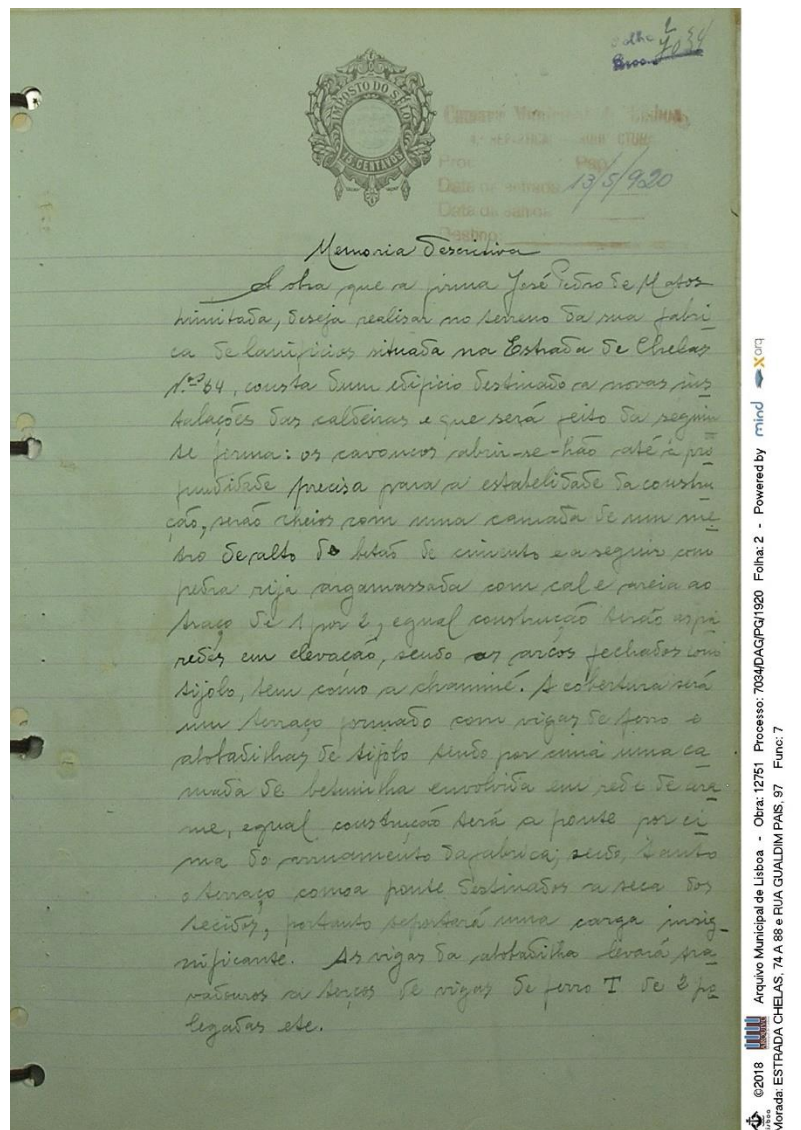
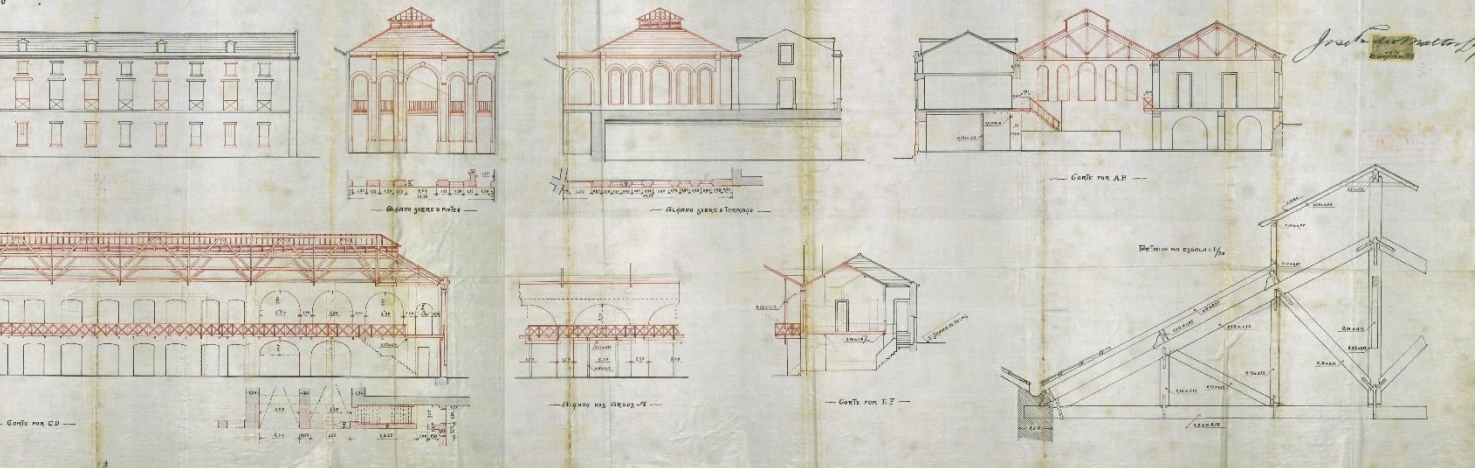
21 de Maio de 1898

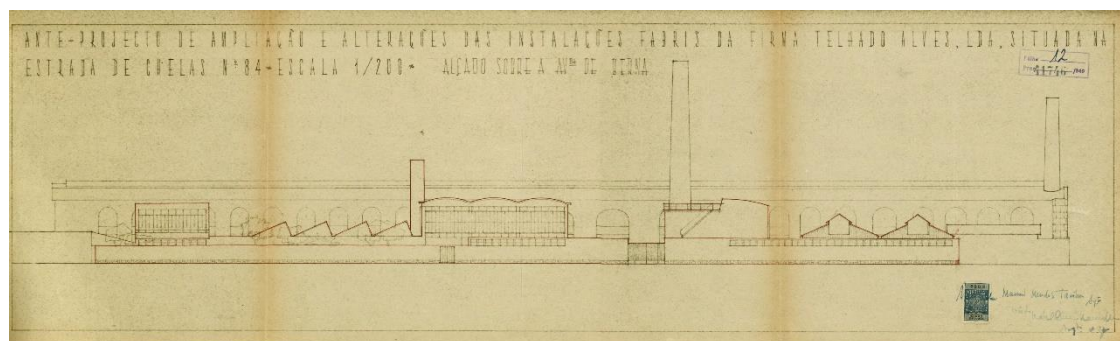
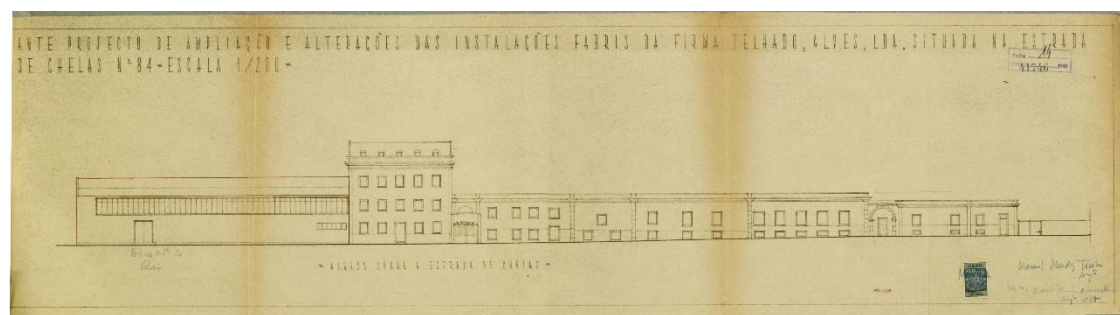
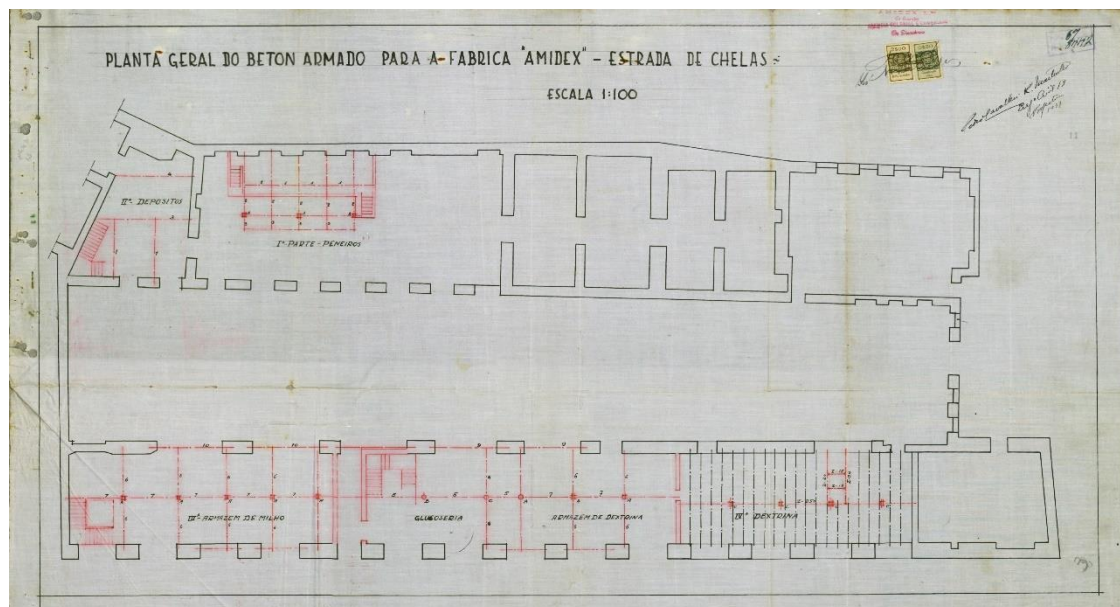
Ante a assinatura do Engenheiro Responsavel

por

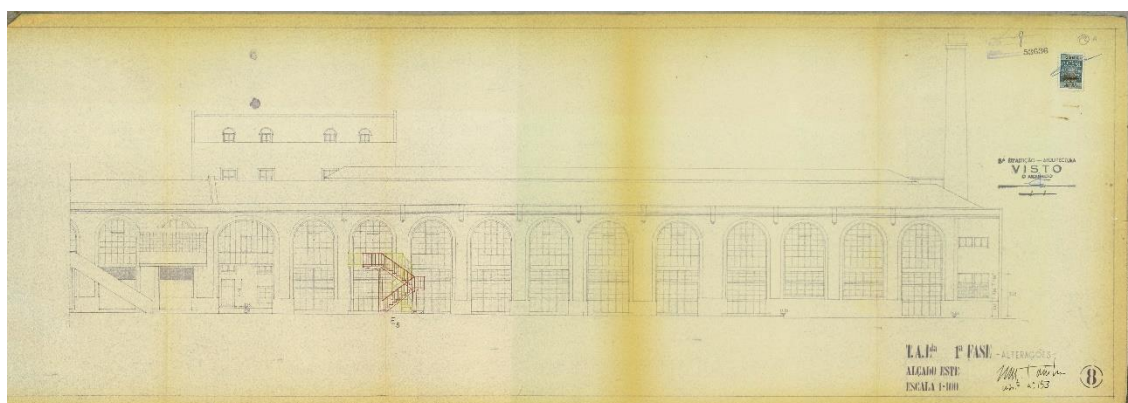
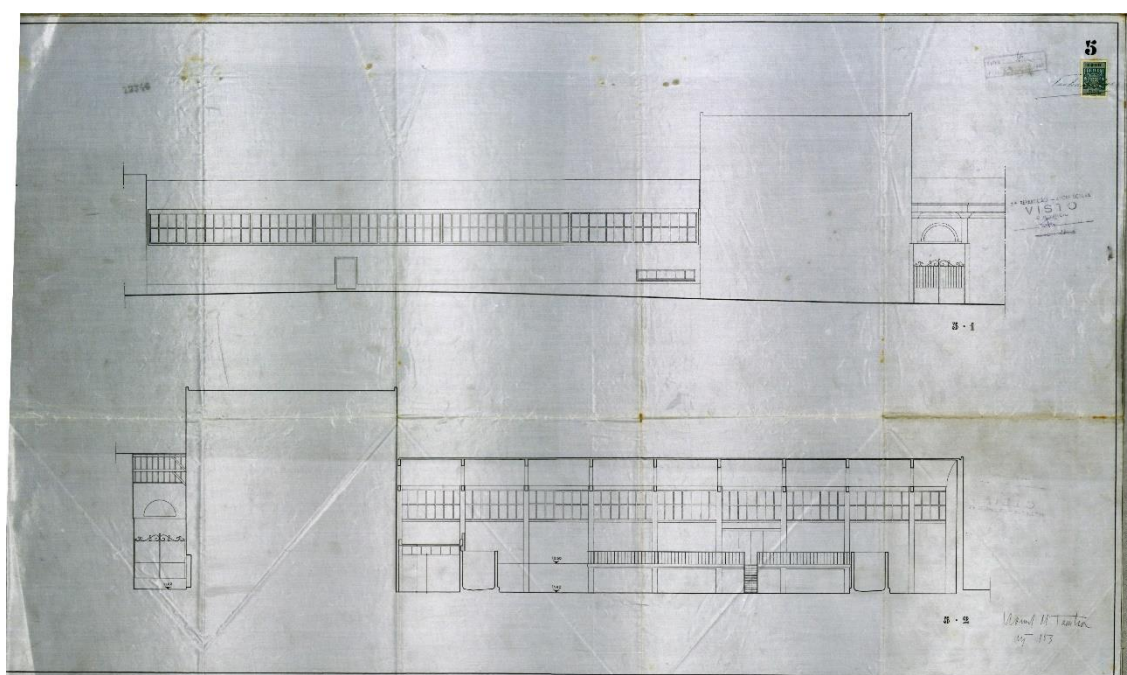


















## 2. Iconografia e fotografias históricas de referência



*Praia de Xabregas, Artur João Goulart, 1960.*

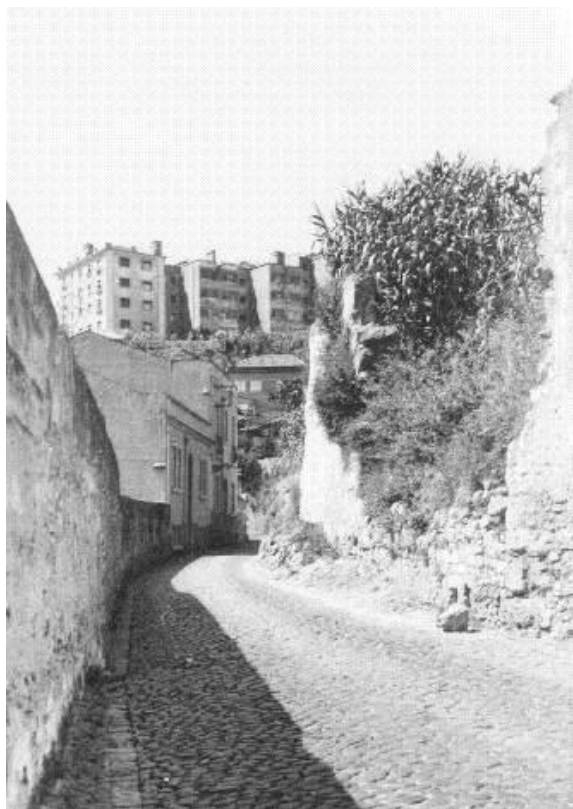


*Viaduto de Chelas, Joshua Benolie, 191?*

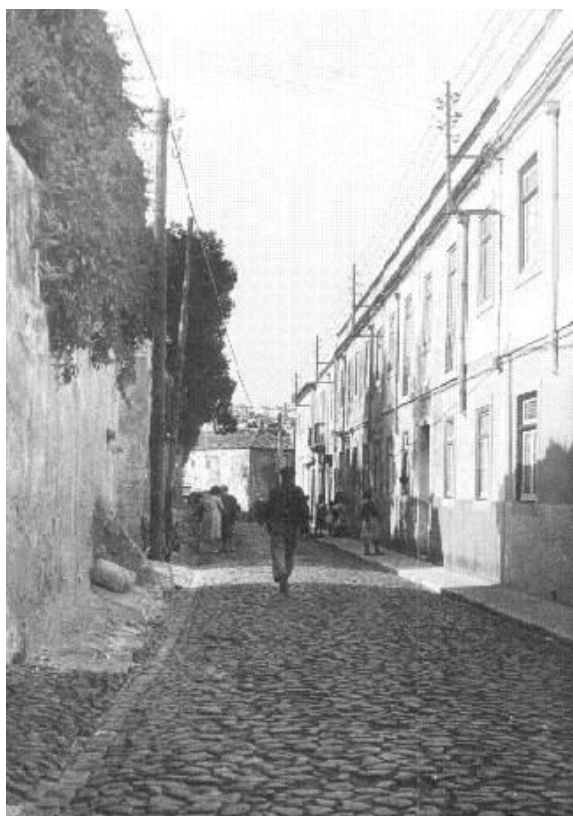


*Estrada de Chelas, Artur João Goulart, 1961*



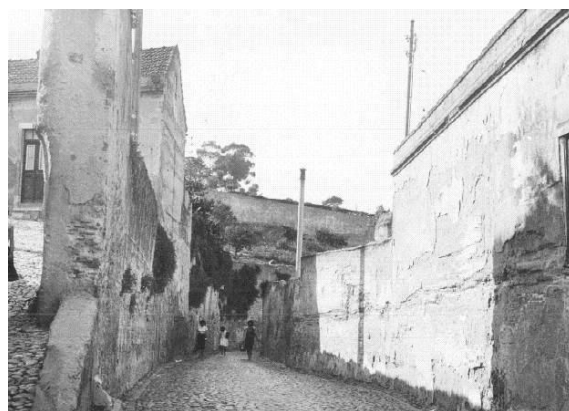


*Estrada de Cbelas, Artur João Goulart, 1961*

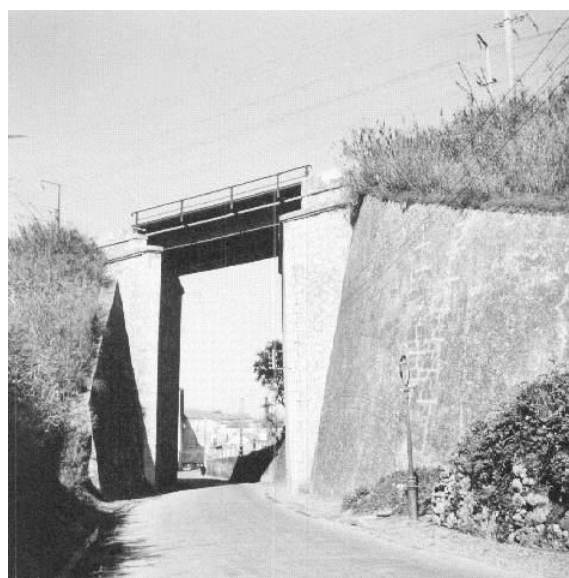


*Estrada de Cbelas, Artur João Goulart, 1961*

*Estrada de Chelas, Artur João Goulart, 1961*



*Viaduto de Chelas, Artur João Goulart, 1961*



*Entre a Estrada de Chelas e a Rua Gualdim  
Pais, Artur João Goulart, 1963*





*Estrada de Chelas junto à fábrica da Tinturaria Portugália, João Hermes Cordeiro Goulart, 1966*



*Estrada de Chelas. Fábrica da Tinturaria Portugália à direita, João Hermes Cordeiro Goulart, 1966*



*Estrada de Chelas. Fábrica da Tinturaria Portugália à direita, João Hermes Cordeiro Goulart, 1966*



*Estrada de Chelas junto à Fonte do Alviela,  
Artur João Goulart, 1967*



*Vista aérea do B.ª da Madre de Deus, 1955.*

### III. Complementos ao trabalho

#### 1. Entrevista à Doutora Rita Farias da *Associação CRESCER*

A entrevista citada a seguir decorreu de uma conversa informal mantida com a Doutora Rita Farias, psicóloga clínica da associação e uma das responsáveis do projeto *É UMA CASA – Lisboa Housing First*. A conversa teve como foco principal a forma de viver da população sem abrigo, nomeadamente o antes e depois da sua inserção no projeto mencionado, a sua adaptação e de que forma a associação intervém junto desta população.

A entrevista revelou-se bastante importante no que ao tipo de equipamento se veio a desenvolver no projeto final, procurando definir um programa de edifício que auxiliasse não apenas a população sem abrigo do Vale de Chelas, como da cidade no seu todo.

A entrevista decorreu nas instalações da Associação CRESCER, junto à Avenida de Ceuta, no Vale de Alcântara, em Lisboa.

*O que é a Associação CRESCER e quais as suas intervenções, seus projetos?*

Fundada em 2001, com o nome Crescer na Maior, por um conjunto de profissionais especializados na área da intervenção comunitária com grupos excluídos e vulneráveis, a Associação CRESCER tem como principal missão ir ao encontro do outro, promovendo a saúde, a redução de riscos e a inclusão da pessoa em situação de vulnerabilidade através de projetos de intervenção na comunidade.

*Sobre o projeto É UMA CASA – Lisboa Housing First:*

*O que é e qual o seu progresso até agora.*

O projeto É UMA CASA nasceu no âmbito do Plano de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria (PDCM) e consiste na atribuição de uma casa a pessoas em situação sem-abrigo crónica. Tem como principal missão contribuir para a erradicação das situações crónicas de sem abrigo da cidade de Lisboa, através da inclusão do grupo alvo na comunidade. O projeto, que beneficia atualmente cerca de 34/35 pessoas, incluindo dois casais (um com bebé), procura ajudar aqueles que se encontram numa situação social crónica, que não têm qualquer tipo de rede de suporte (sem ser as do consumo de álcool/drogas). A seleção dos possíveis beneficiários é feita segundo três critérios específicos e pela seguinte ordem:

- tempo em que estão na rua (quanto mais, maior a prioridade);
- tipo de consumos;
- número de instituições e/ou albergues-pensões onde já permaneceram.

A entrega de uma casa a uma pessoa em situação sem abrigo é feita segundo um contrato assinado entre a pessoa e a associação, no sentido de estabelecer um conjunto de regras e condições que os ajude a integrar-se junto da sociedade. Algumas dessas regras incluem: não poder dividir casa com outros; não poder ter pessoas a pernoitar; receber sempre as visitas do gestor de caso da CRESCER (que, consoante o caso, podem ser diárias, dia sim/dia não, ou semanais). Antes da entrega de uma casa, a equipa da CRESCER faz um trabalho de rua que consiste em conhecer e compreender os hábitos e resistências destas pessoas, de forma a perceber o meio em que vivem e o que resultará melhor para elas – procuram ganhar a sua confiança. Cada caso é trabalhado individualmente e com uma equipa diferente para cada pessoa, para que não exista

qualquer tipo de contaminação na relação de confiança que a equipa da CRESCER procura construir com estas pessoas.

*Exemplo prático* – A psicóloga Rita Farias descreveu um caso de dois rapazes que viviam na Praça da Figueira. Apesar de ajudarem os dois, começaram por trabalhar inicialmente com um, e mais tarde com o outro. Uma primeira casa foi atribuída ao primeiro, no entanto, o segundo rapaz começou a pernoitar na casa do primeiro, levantando suspeitas sobre o tipo de trabalho que a equipa da CRESCER estava a fazer com eles, e destruindo a relação de confiança que a equipa tinha construído com o primeiro rapaz.

*Que tipo de casas têm sido alugadas? (tipologia)*

Através de pesquisa nos sites das imobiliárias, a CRESCER procura arrendar apartamentos T0 ou T1, preferencialmente e quando possível, longe dos sítios de vivência habitual das pessoas beneficiárias. Embora as rendas sejam pagas aos senhorios pela associação – uma vez que é esta que detém os contratos de arrendamento – é estabelecido nos contratos com os beneficiários que estes, para além de terem de cumprir as regras determinadas, comprometem-se a entregar 30% do seu rendimento (seja RSI, PSI ou Pensão Social de Inclusão). O recheio da casa é feito através de mobiliário e outros doados à associação, assim como através de parcerias com empresas de hotelaria, que fornecem camas e colchões que não usam mais.

*Quais os maiores entraves que encontraram nesses alugueres, e como é que este projeto é suportado financeiramente?*

Não tiveram. A associação CRESCER é umas das organizações não-governamentais financiadas pela Câmara Municipal de Lisboa. Todos os anos, o município doa um bolo monetário, e é partir desse bolo e de outros donativos que a associação financia os seus diversos projetos, incluindo o projeto É UMA CASA – *Lisboa Housing First*.

*Onde poderia ser usado esse investimento se existissem casas que pudessem servir de transição durante o processo/duração de cada caso?*

Este tipo de situação não acontece, embora tenha sido dada uma solução semelhante pela CML, à qual a associação se opôs. A CML disponibilizou um prédio de habitação social, que a associação poderia usar dentro do seu projeto É UMA CASA. No entanto, a CRESCER opôs a tal, uma vez que não pretendia (nem pretende!) criar uma espécie



de bairro dos sem-abrigo, visto que tal situação poderia levar a uma maior exclusão destas pessoas, nomeadamente dificultar o processo de integração dos seus beneficiários com possíveis vizinhanças.

*Na comunidade onde estão inseridos, como tem sido feita a (re)integração social?*

Para cada caso, as equipas da CRESCER procuram estabelecer uma rede de contactos nas suas novas vizinhanças, quer seja com os seus novos vizinhos, no local onde bebem o seu café, ou até na mercearia onde fazem as suas compras (ex.: um senhor que ia tomar a medicação que a CRESCER deixava na mercearia onde habitualmente ia). Segundo a psicóloga, os beneficiários, quando integrados numa casa, vêem-se muitas vezes em situações de solidão, sendo um dos principais objetivos das equipas o continuar do contato com eles e entre eles, nomeadamente através de reuniões semanais na associação e até mesmo nas casas uns dos outros. No entanto, ainda encontram alguma resistência nessas reuniões, uma vez que não são de foro obrigatório, mas sim de convívio.

*Em que espaços procuram interagir com a restante comunidade?*

Independente deste projeto, a associação CRESCER suporta um fórum ocupacional – o *Espaço ÂNCORA* – na Rua Passos Manuel, em Lisboa, onde qualquer pessoa sem abrigo pode estar, relaxar, conviver, tratar da sua higiene, entre outros. O espaço oferece zonas de estar e convívio, com sofás, televisão e ainda espaços de refeição, e é apoiado por uma equipa da CRESCER, que inclui uma psicóloga clínica que pode ser consultada por qualquer pessoa sem abrigo.

*Em termos de trabalho, em que tipo de empregos procuram estabelecer-se?*

Estas pessoas que estiveram numa situação de sem abrigo durante muito tempo, não têm qualquer estrutura para manter trabalhos ditos normais, das 9h às 18h (salvo raras exceções). Assim, procuram manter-se ocupadas com tarefas esporádicas, nomeadamente biscates e outros pequenos trabalhos que lhes deem algum tipo de contrapartida, seja económica ou alimentação. (ex.: um senhor que habitualmente ajuda nas compras da casa de uma senhora de cadeira de rodas, que vive num prédio sem elevador e se encontra assim impossibilitada de o fazer).

*Depois do projeto, procuram outras oportunidades (ex.: acabar/continuar os estudos; procuram qualificar-se mais) e/ou mantêm-se no mesmo tipo de trabalho?*

Os beneficiários não procuram ter ou acabar qualquer tipo de qualificação académica. No entanto, existem exceções – a de beneficiários mais jovens que procuram tirar cursos providenciados pelo Instituto de Emprego.

## 2. Registo fotográfico da Fábrica

*Registo da autora.*  
2018





*Registos da autora.  
2017*



*Registos da autora.*  
2017



DO VAZIO AO CENTRO DO VALE  
Reconversão da Tinturaria Portugalã como Centro da Regeneração Urbana



*Registos da autora.*  
2018









### 3. Referências projetuais



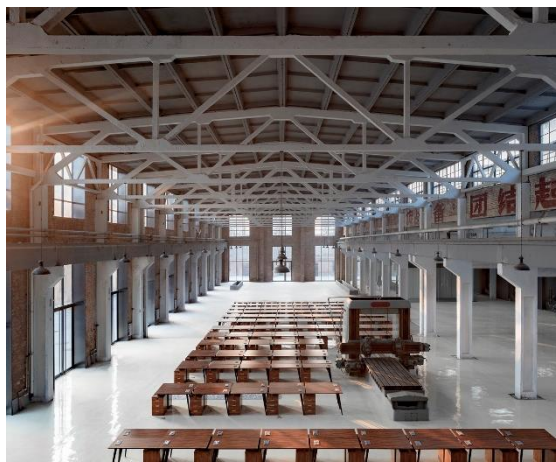
#### 3.1. CIBA (2012)

##### CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA BATALHA DE ATOLEIROS

AUTOR: Gonçalo Byrne Arquitectos e Oficina de Ideias em Linha  
FOTOGRAFIAS: Fernando Guerra | FG + SG  
LOCAL: Fronteira, Portugal

[https://www.archdaily.com/463140/center-for-interpretation-of-the-battle-of-atoleiros-goncalo-byrne-arquitectos-lda-oficina-ideias-em-linha-arquitectura-e-design-lda?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/463140/center-for-interpretation-of-the-battle-of-atoleiros-goncalo-byrne-arquitectos-lda-oficina-ideias-em-linha-arquitectura-e-design-lda?ad_medium=gallery)





### 3.2. FÁBRICA RE-VEIL (2018)

AUTOR: Superimpose Architecture  
FOTOGRAFÍAS: Marc Goodwin, Valentin Racko  
LOCAL: Shanxi, China

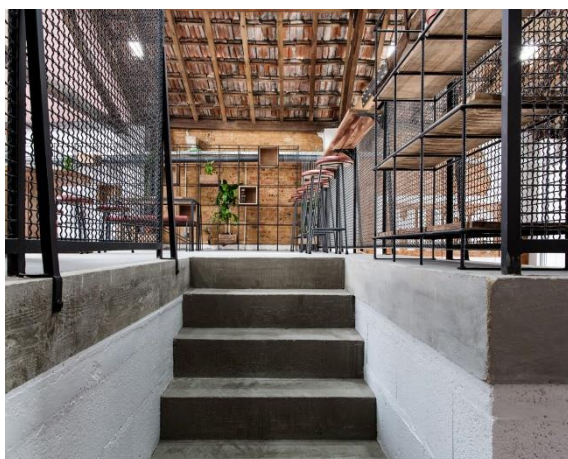
<https://www.archdaily.com/893144/re-veil-factory-regeneration-superimpose-architecture>



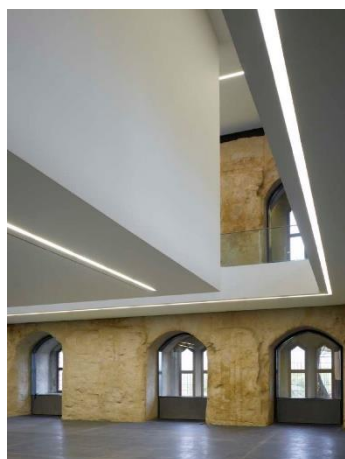
### 3.3. MUSA BREWERY (2017)

AUTOR: Paulo Morei Architectures  
FOTOGRAFIAS: Valter Vinagre  
LOCAL: Marvila, Lisboa, Portugal

<http://www.paulomoreira.net/projects/musa-brewery/>







### 3.4. MUSEU MORITZBURG (2008)

AUTOR: Nieto Sobejano Arquitectos  
FOTOGRAFIAS: Roland Halbe Fotografie  
LOCAL: Halle, Alemanha

<https://www.archdaily.com/132838/moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos>

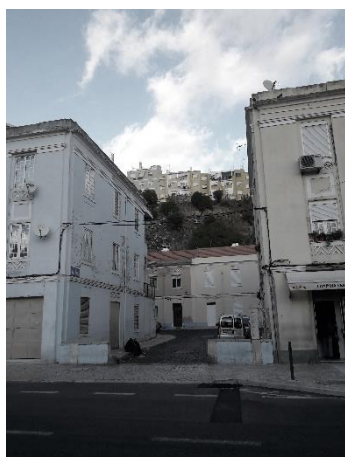


### 3.5. THEATRO (2017)

AUTOR: MiMool Arquitectura & Design de Interiores  
FOTOGRAFIAS: ITS – Ivo Tavares Studio  
LOCAL: Póvoa de Varzim, Portugal

<https://www.archdaily.com/878145/theatro-mimool-arquitectura-and-design-de-interiores>





### 3.6. VILAS OPERÁRIAS (SÉC. XIX)

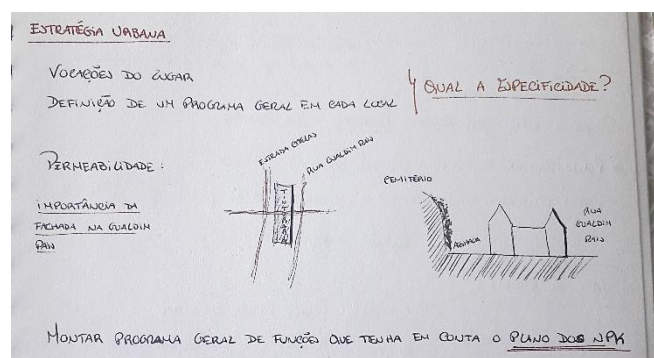
VILA FLÂMIANO (em cima)  
VILA EMÍLIA (à esquerda)

FOTOGRAFIAS: Da autora  
LOCAL: Rua Gualdim Pais, Lisboa

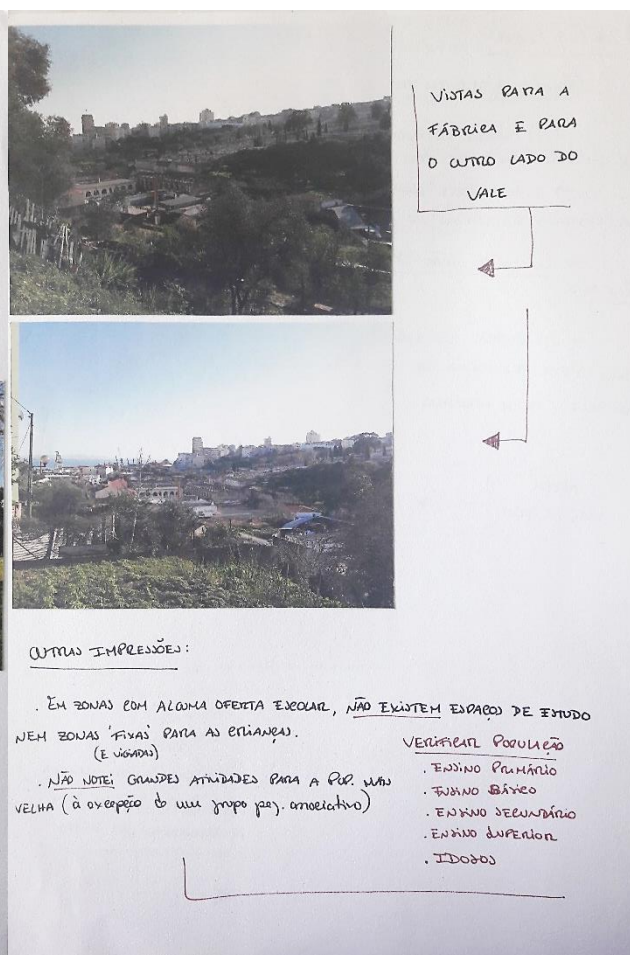
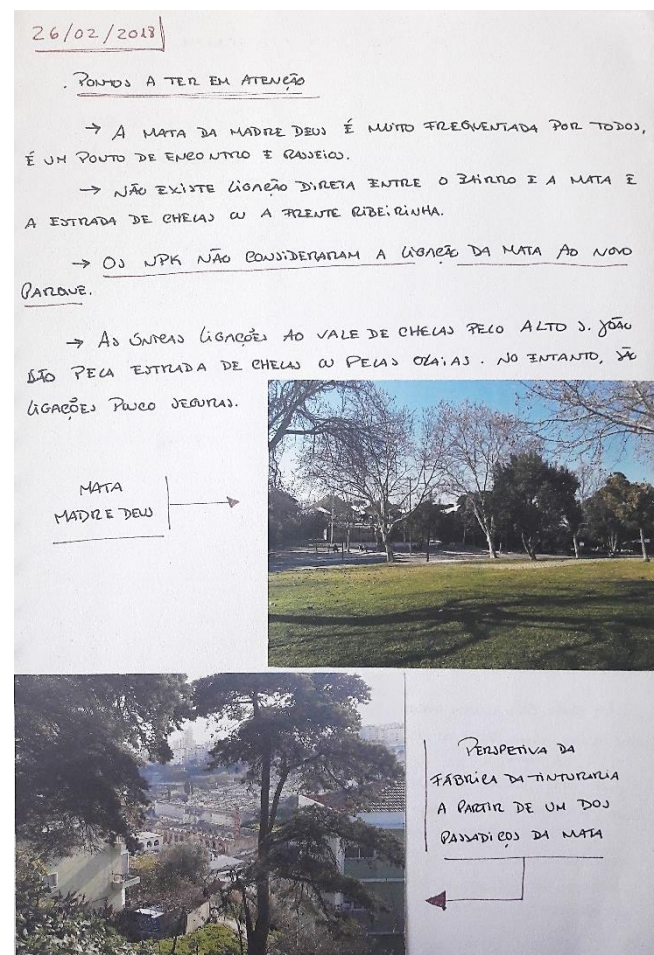


## IV. Processo

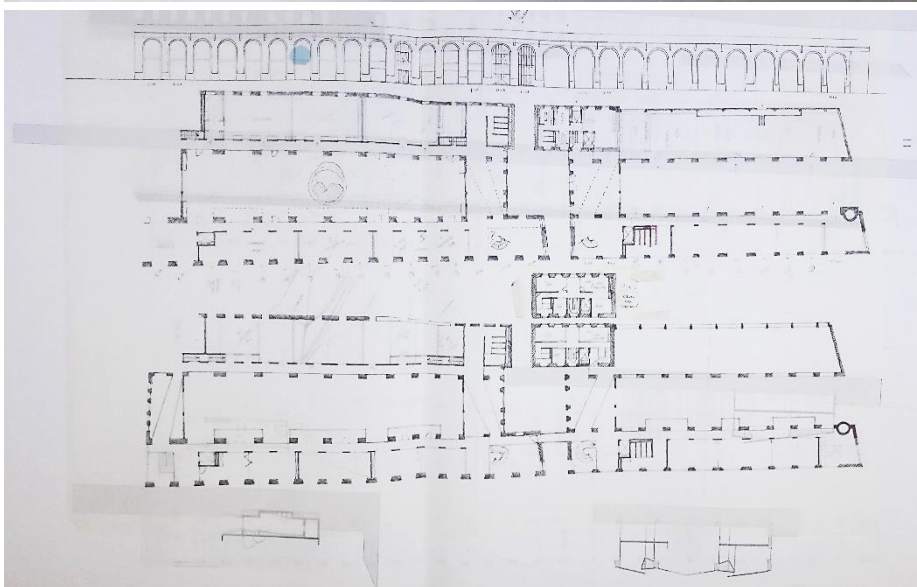
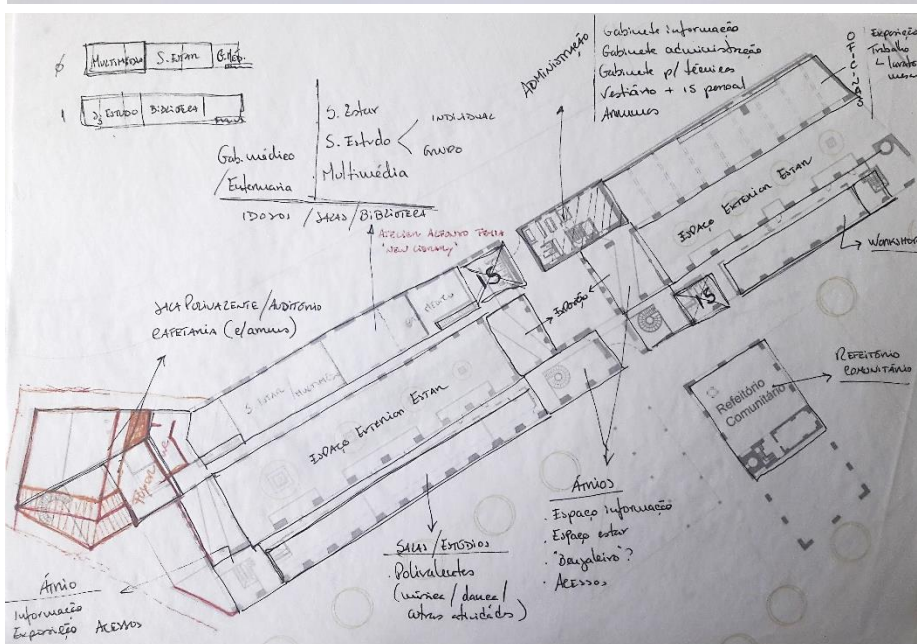
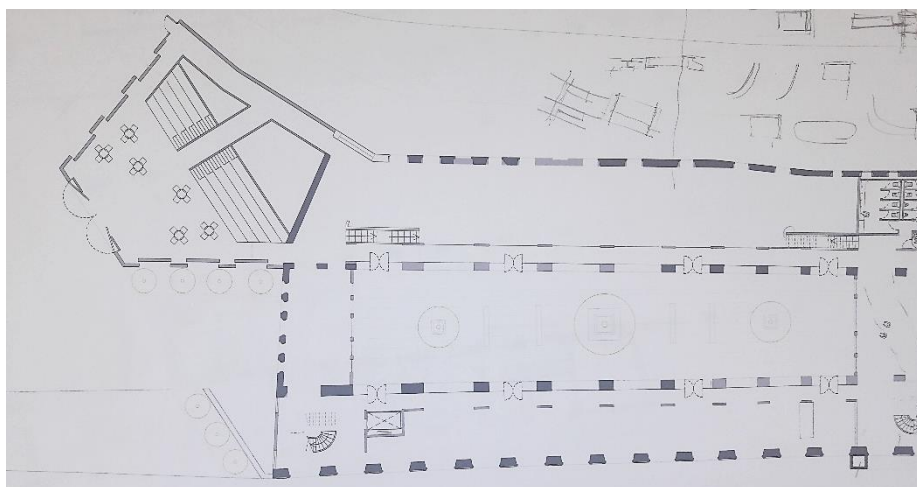
### 1. Desenhos, esboços e esquemas do projeto



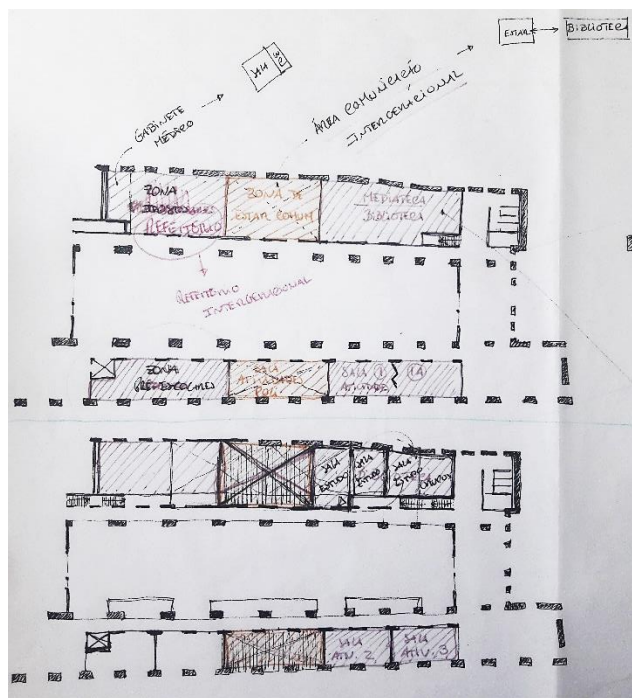
Registos do e sobre o local.  
Fevereiro de 2018



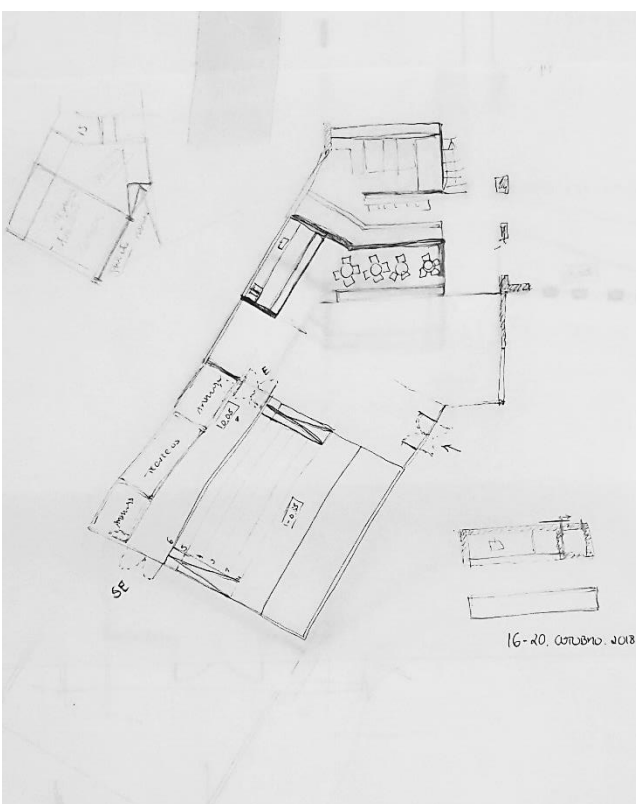
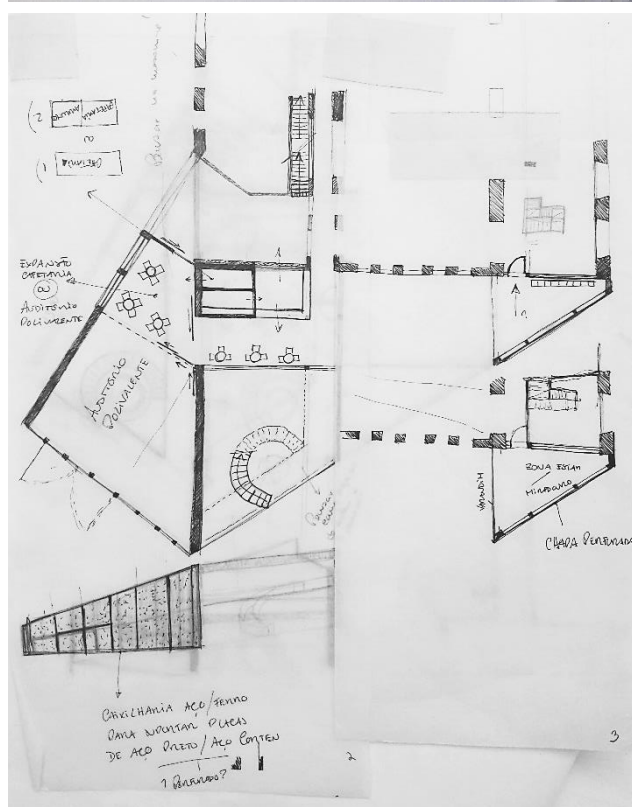
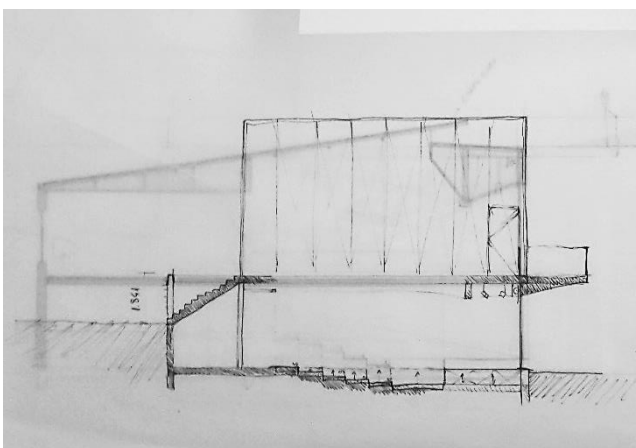


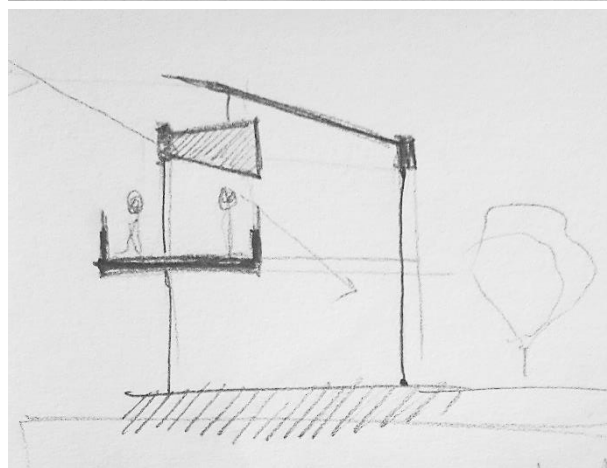
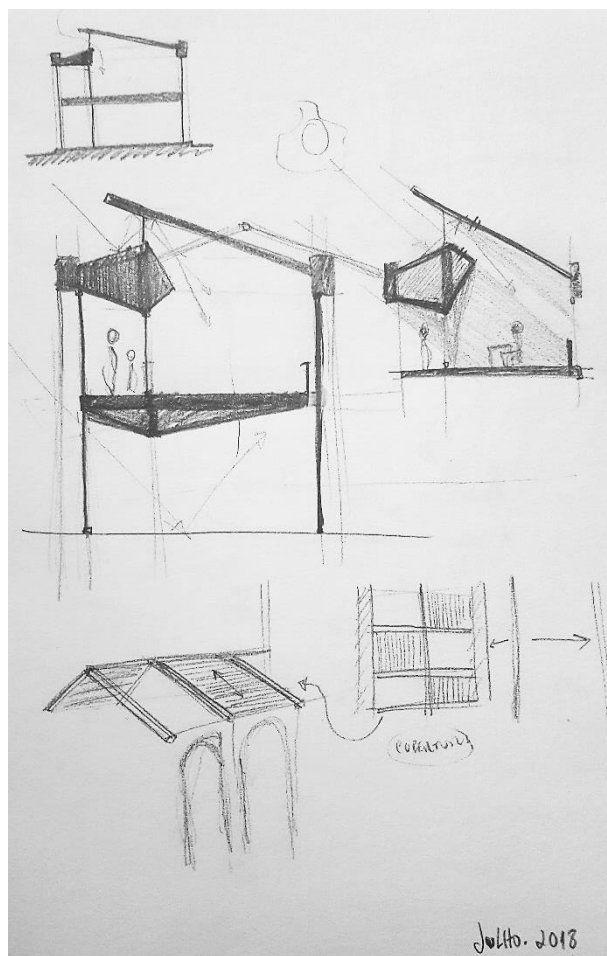


*Estudos programáticos do projeto.*  
*Estudos funcionais e de alçados do projeto.*  
2018



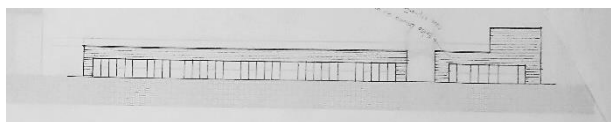
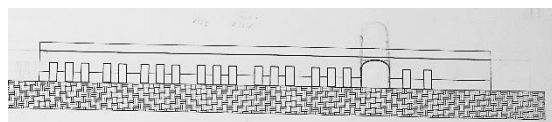
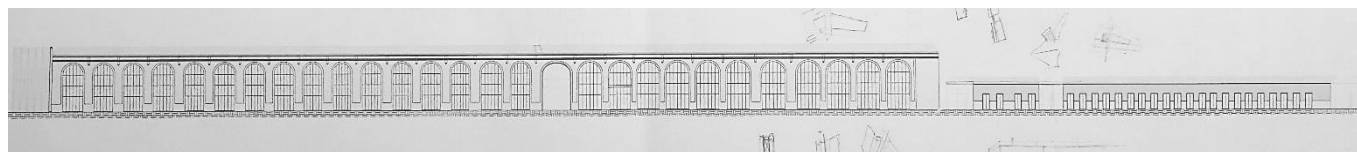
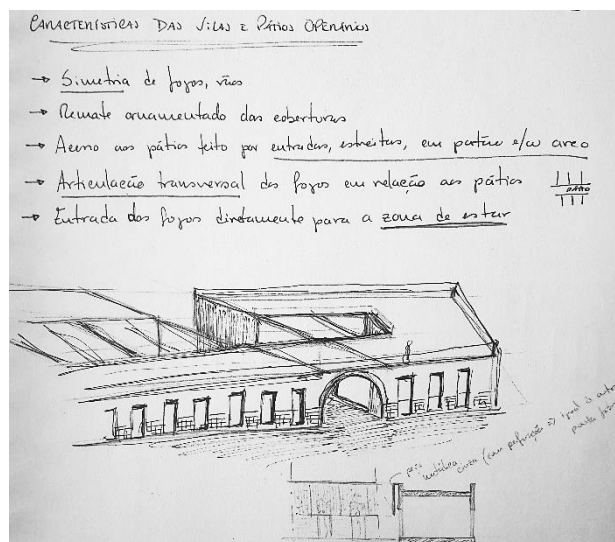
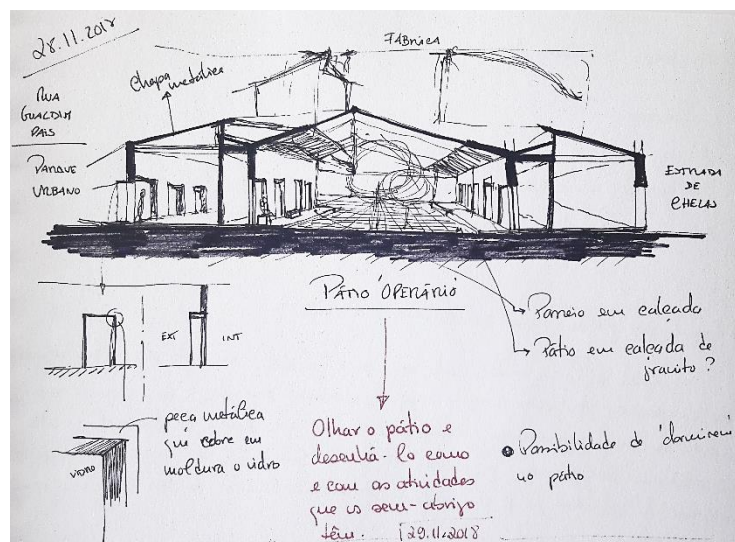
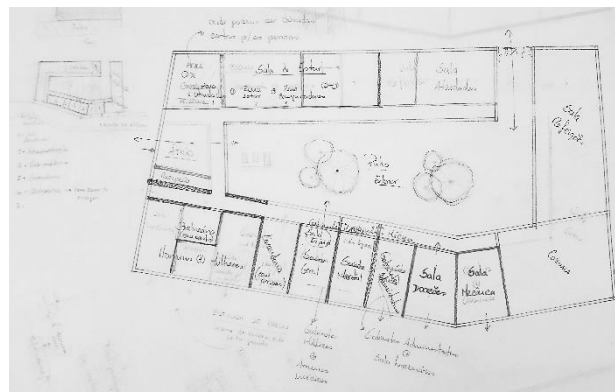
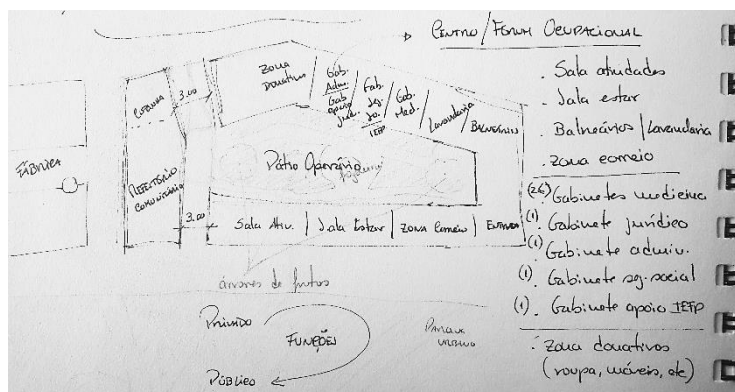
Estudos funcionais.  
Estudos de evolução do auditório-miradouro.  
2018





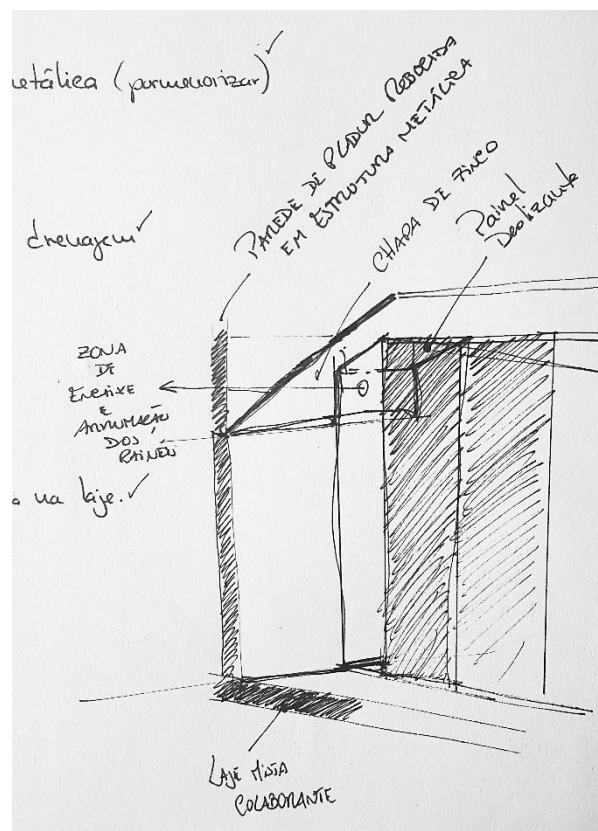
*Estudos em corte de cobertura, entradas de luz, e pés-direito.*  
*Julho de 2018.*





À esquerda:  
Estudos programáticos e funcionais, de coberturas e  
alçados do Fórum Ocupacional.  
2018

À direita:  
Corte em perspectiva da relação cobertura-parede,  
com ênfase nas ligações com os painéis deslizantes  
das salas multifuncionais.  
2018

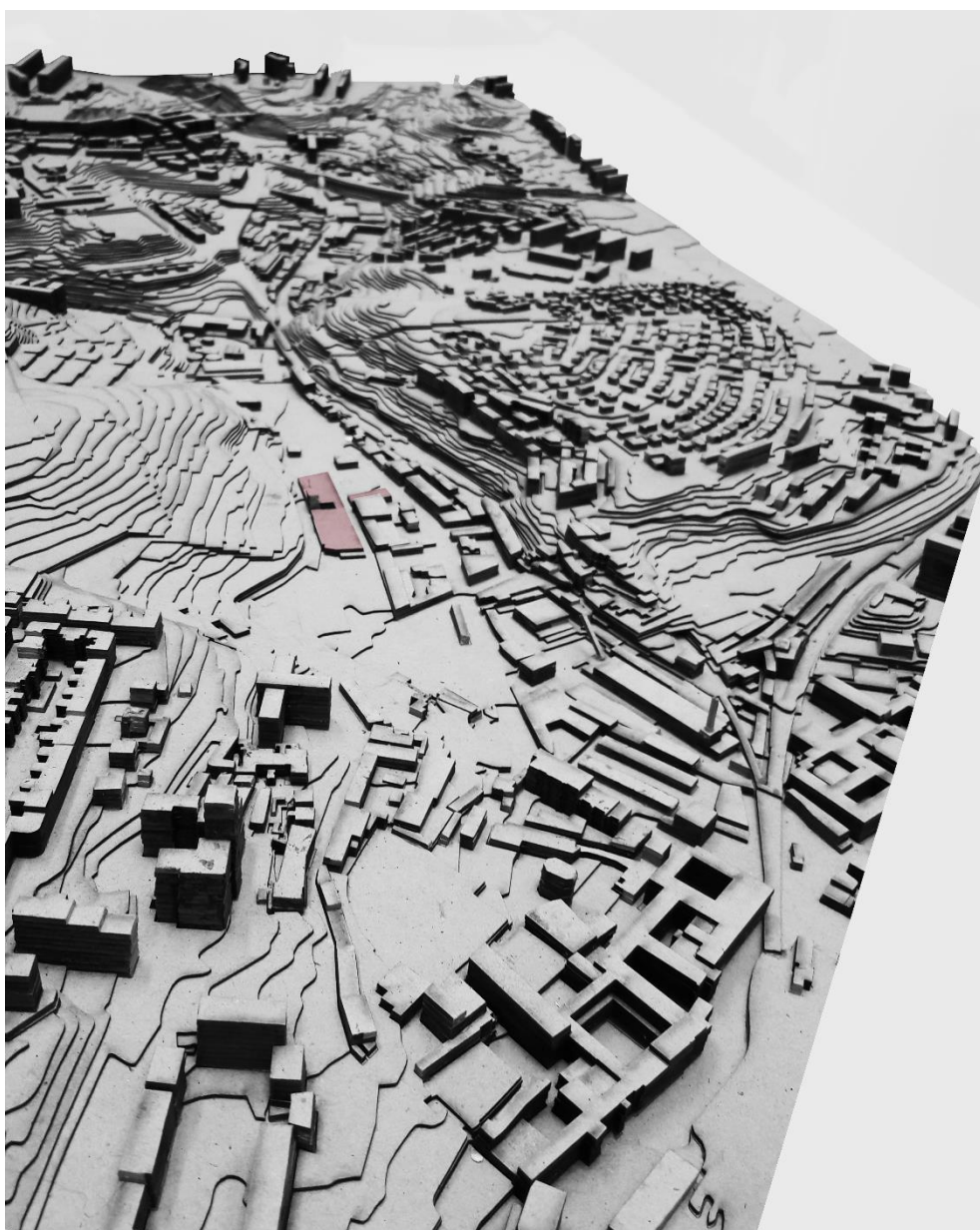


2. Maquetes | 1:2000, 1:500 e 1:200

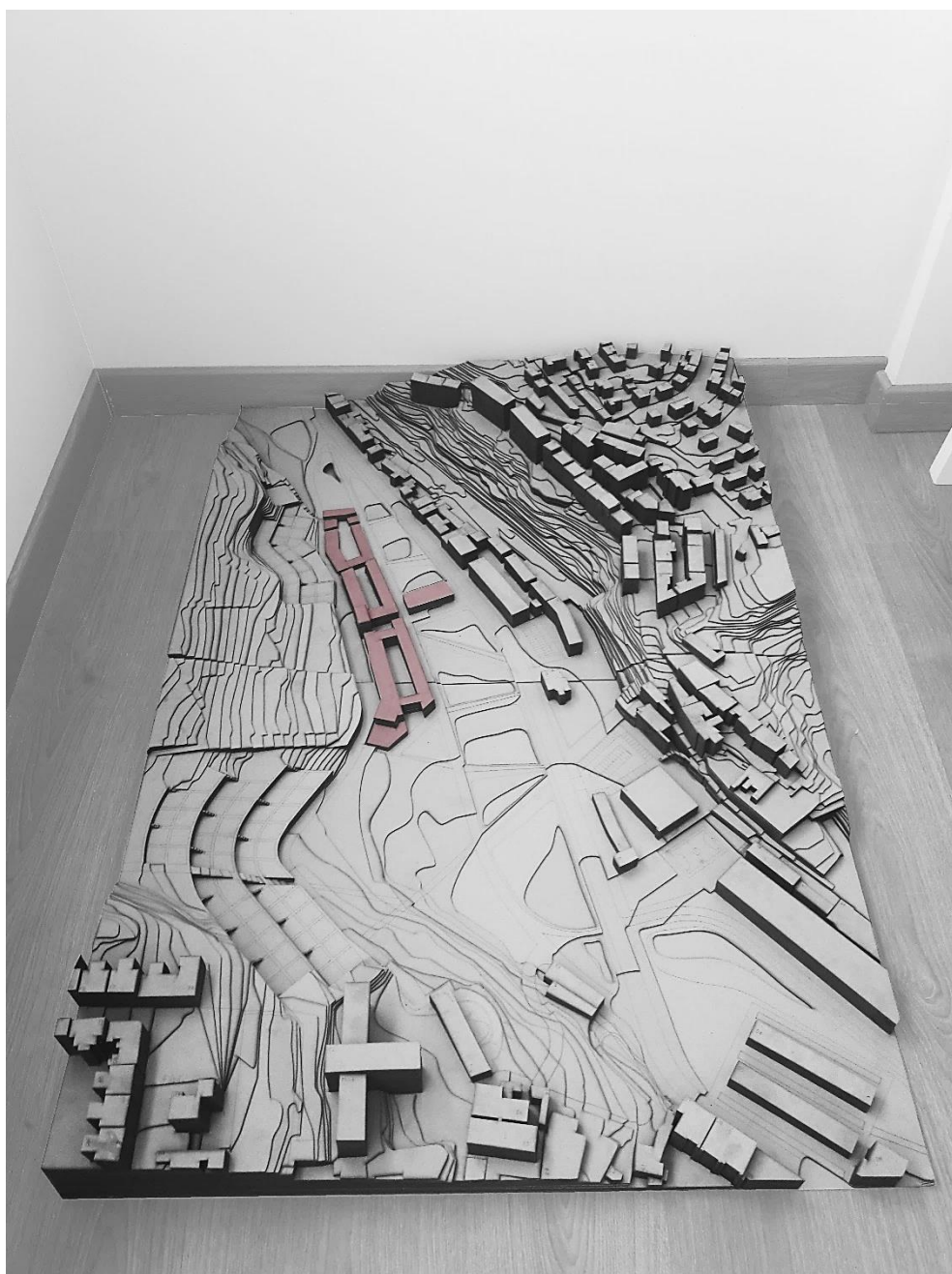


*Maquete do local.. Esc.: 1:2000  
Elaborada por MLARQ B 2017/18*





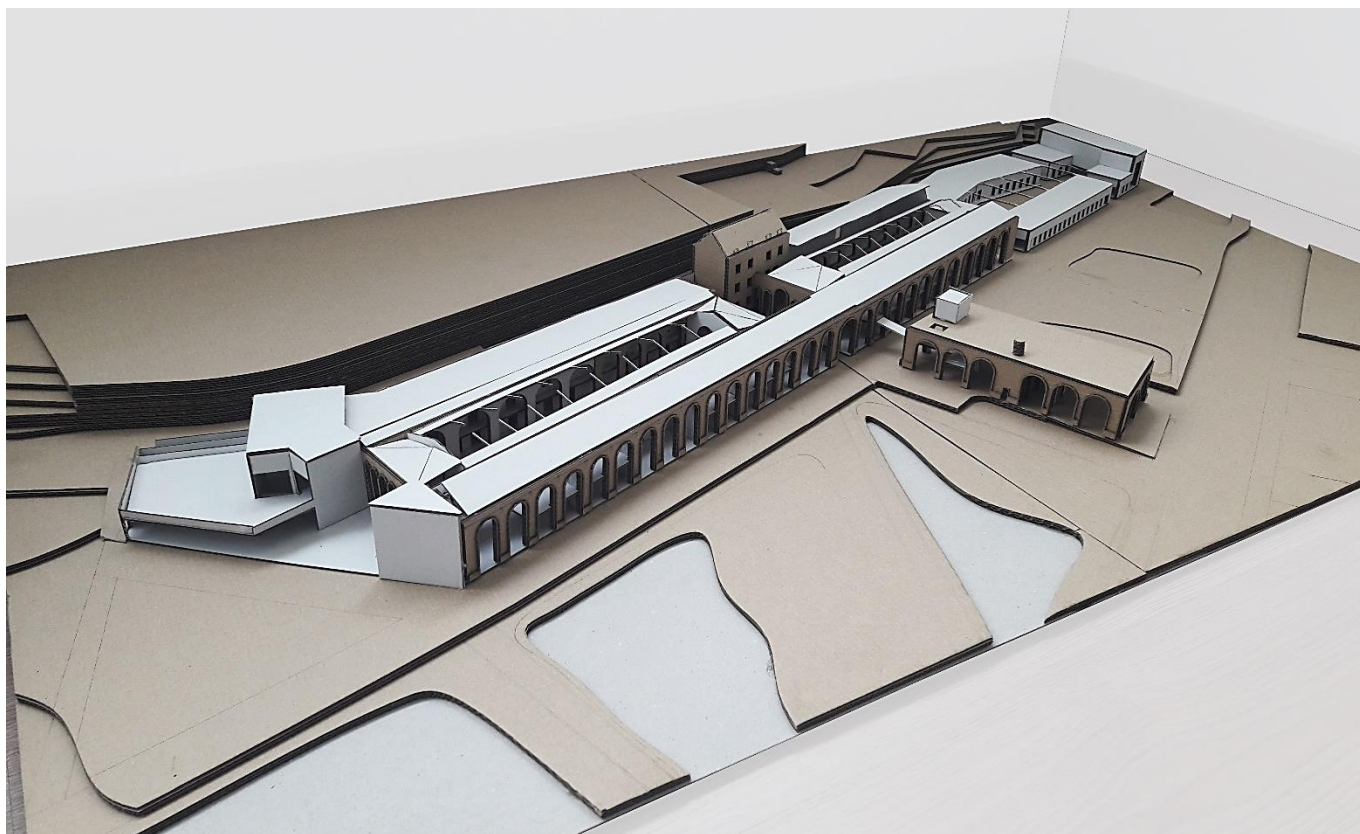
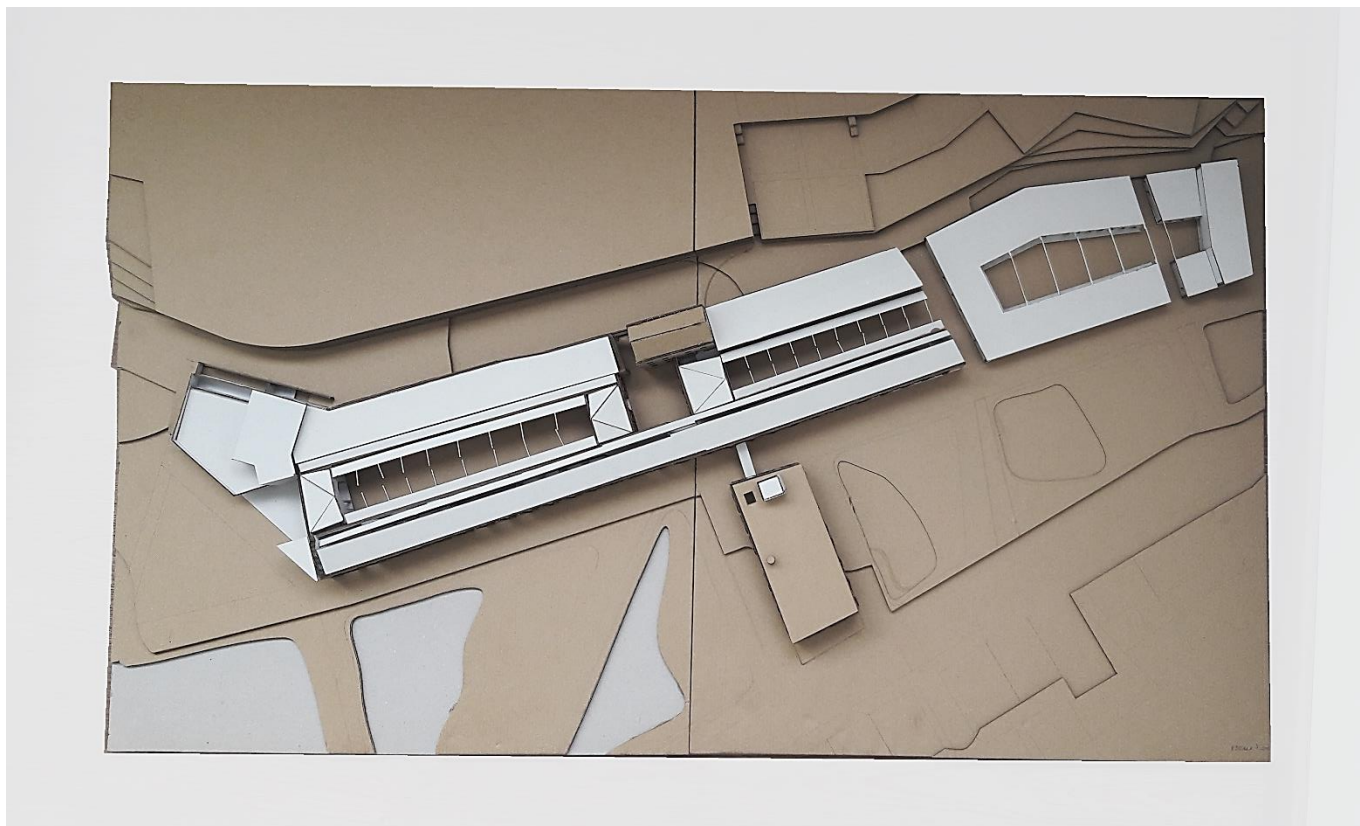




*Maquete da proposta urbana. Esc.: 1:500*







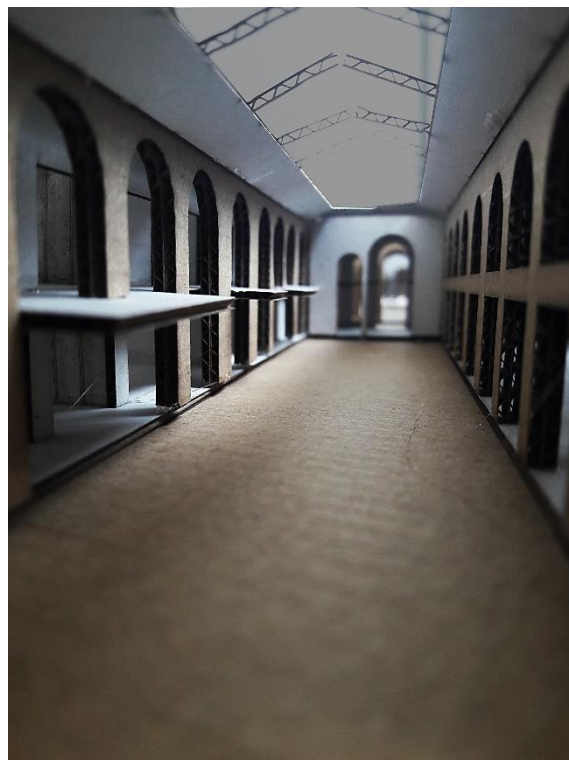


*Maquete da Proposta Arquitetônica.  
Esc.: 1:200*



*Maquete da proposta  
arquitetónica – em cima,  
pela Estrada de Chelas;  
em baixo, pela Rua  
Gualdim Pais.  
Esc.: 1:200*





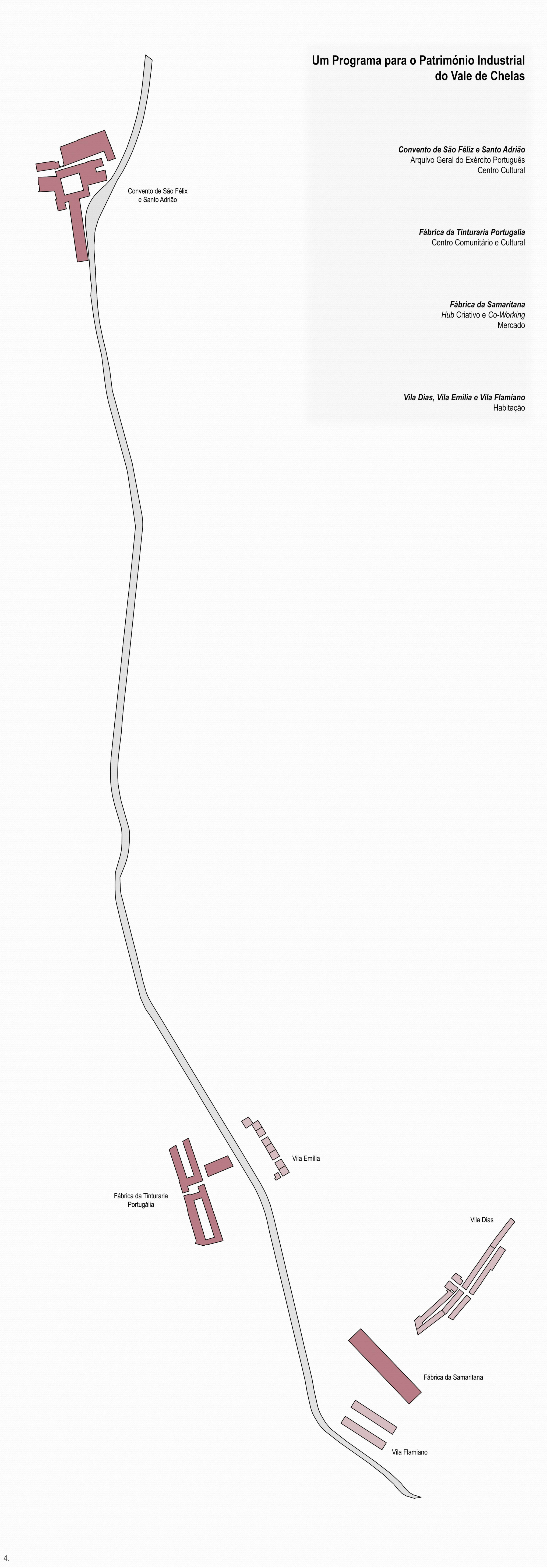
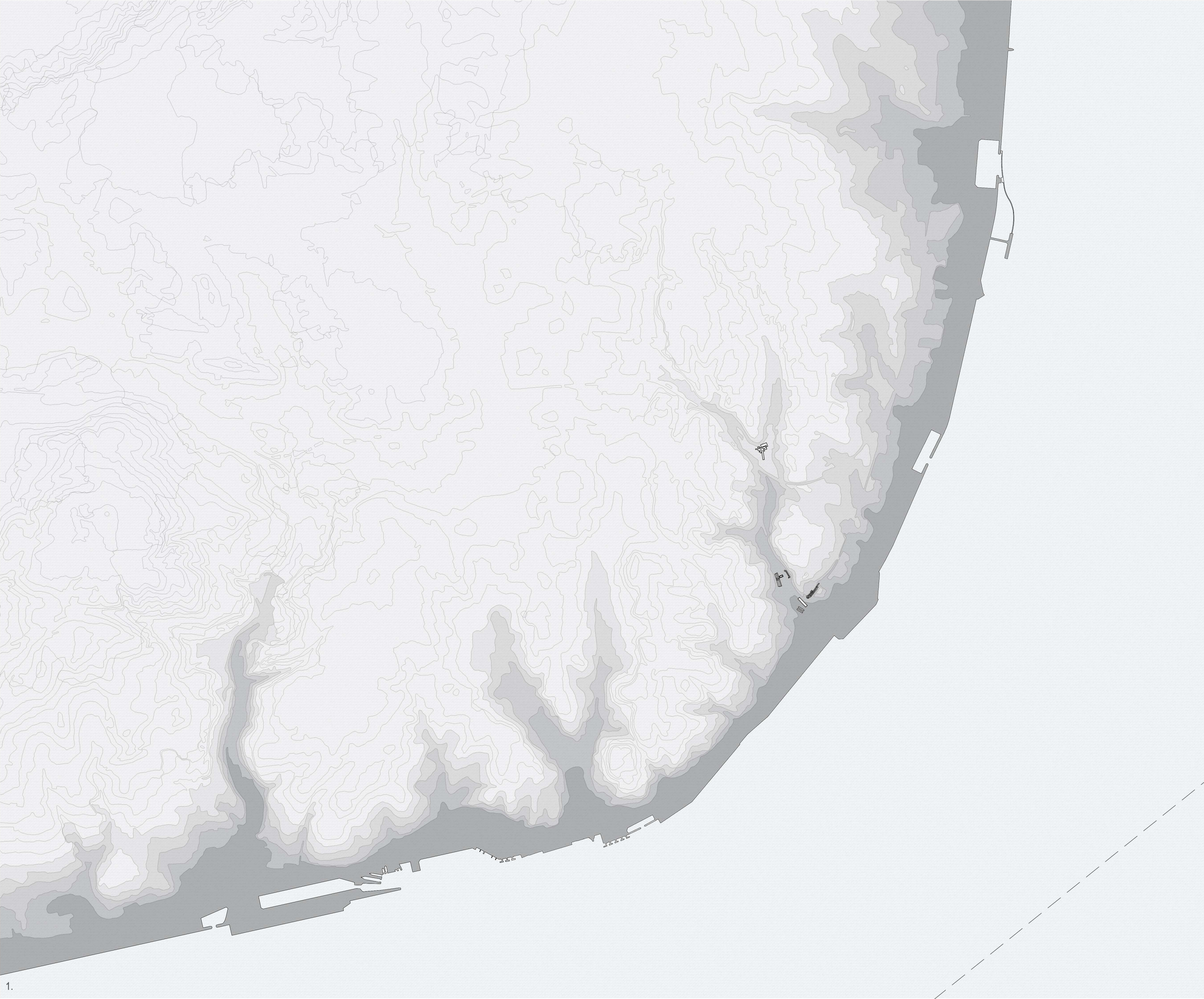
*Maquete da proposta arquitetônica. – interior dos pátios.  
Esc.: 1:200*



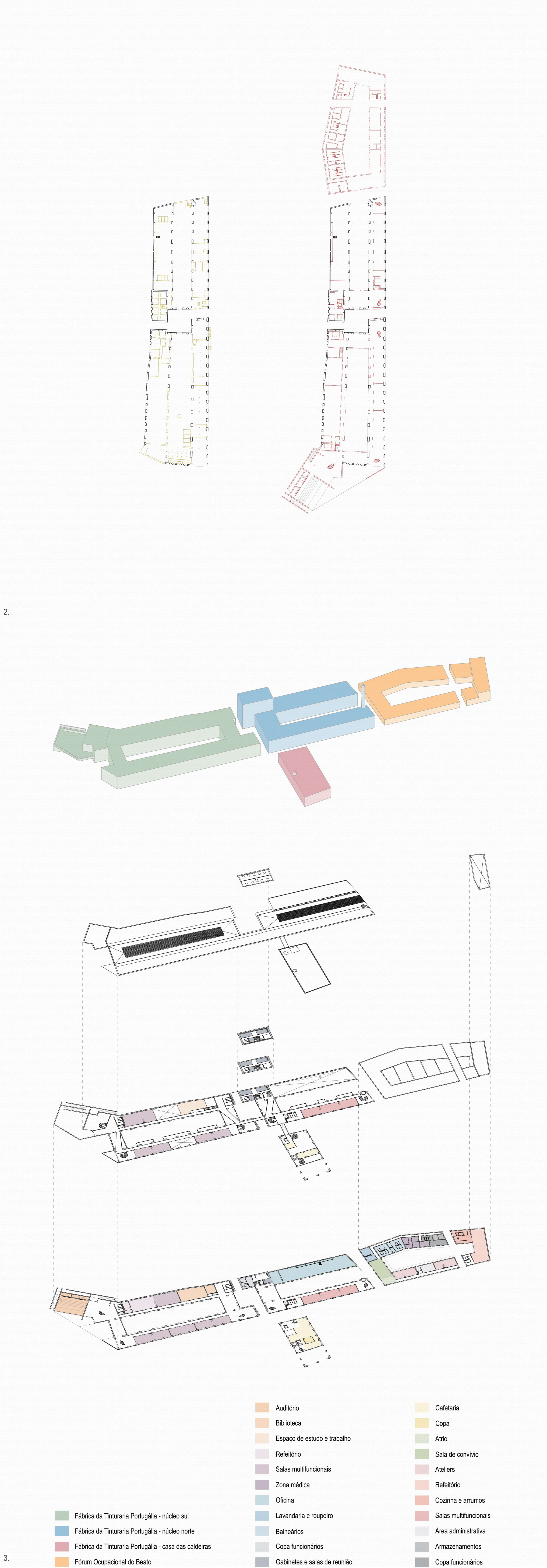
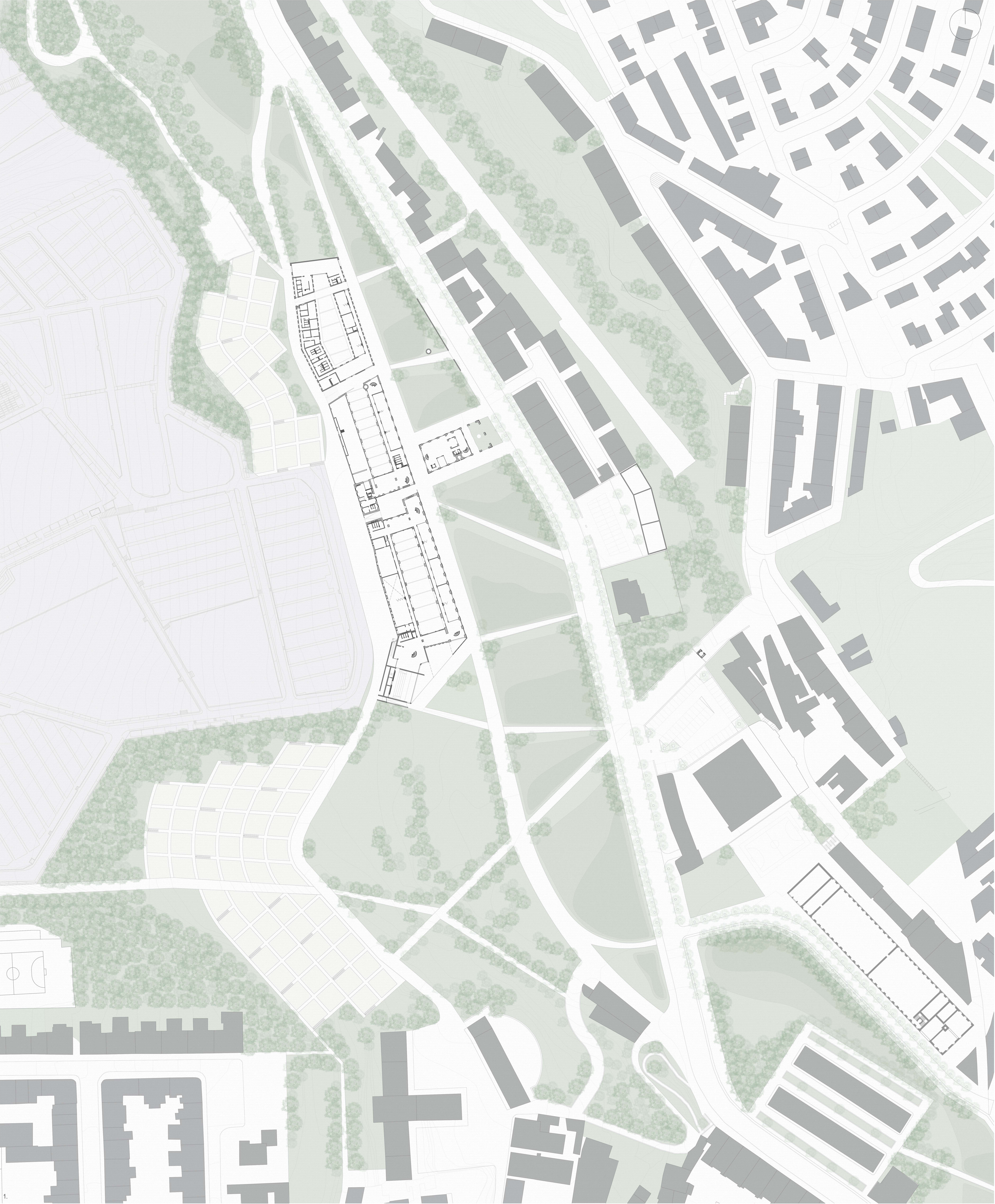


## **V. Peças Desenhadas**

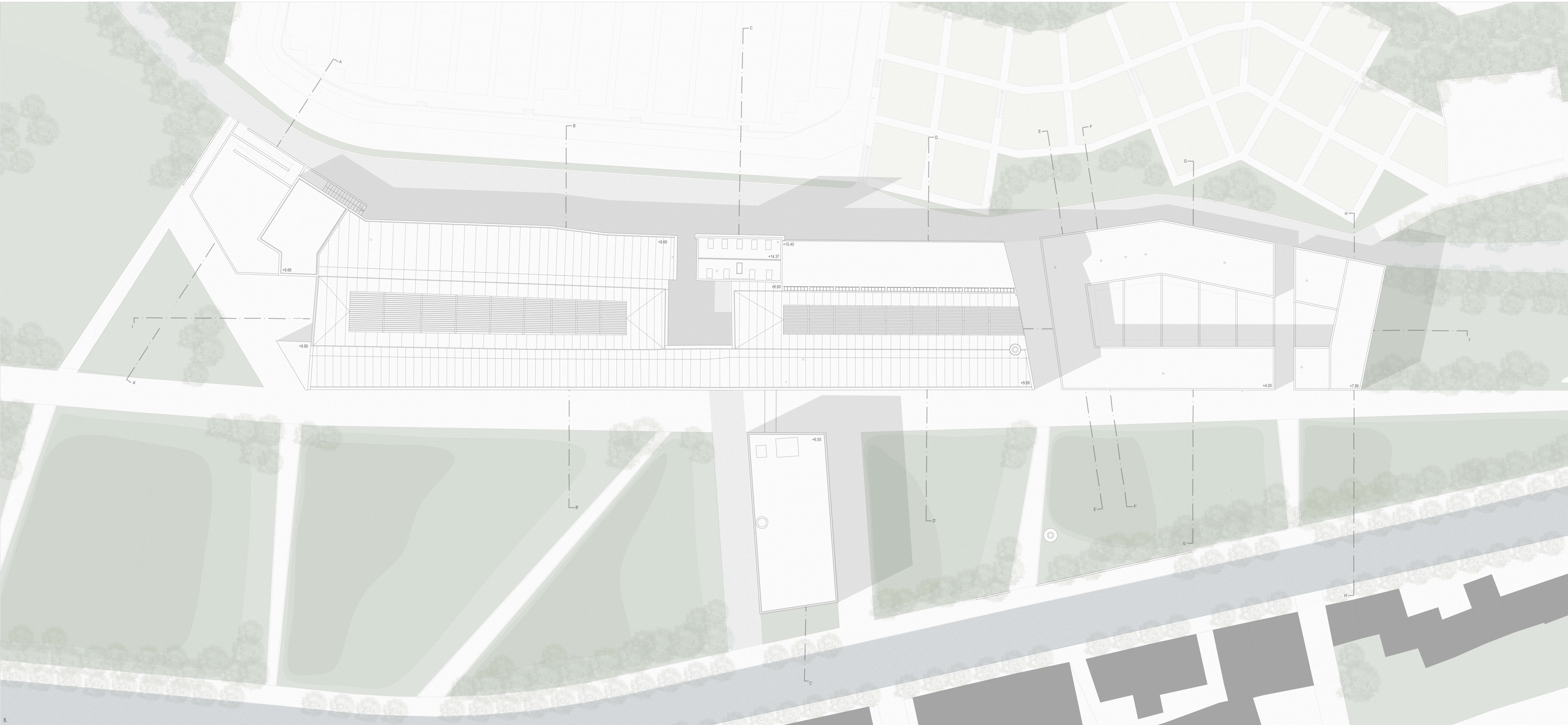
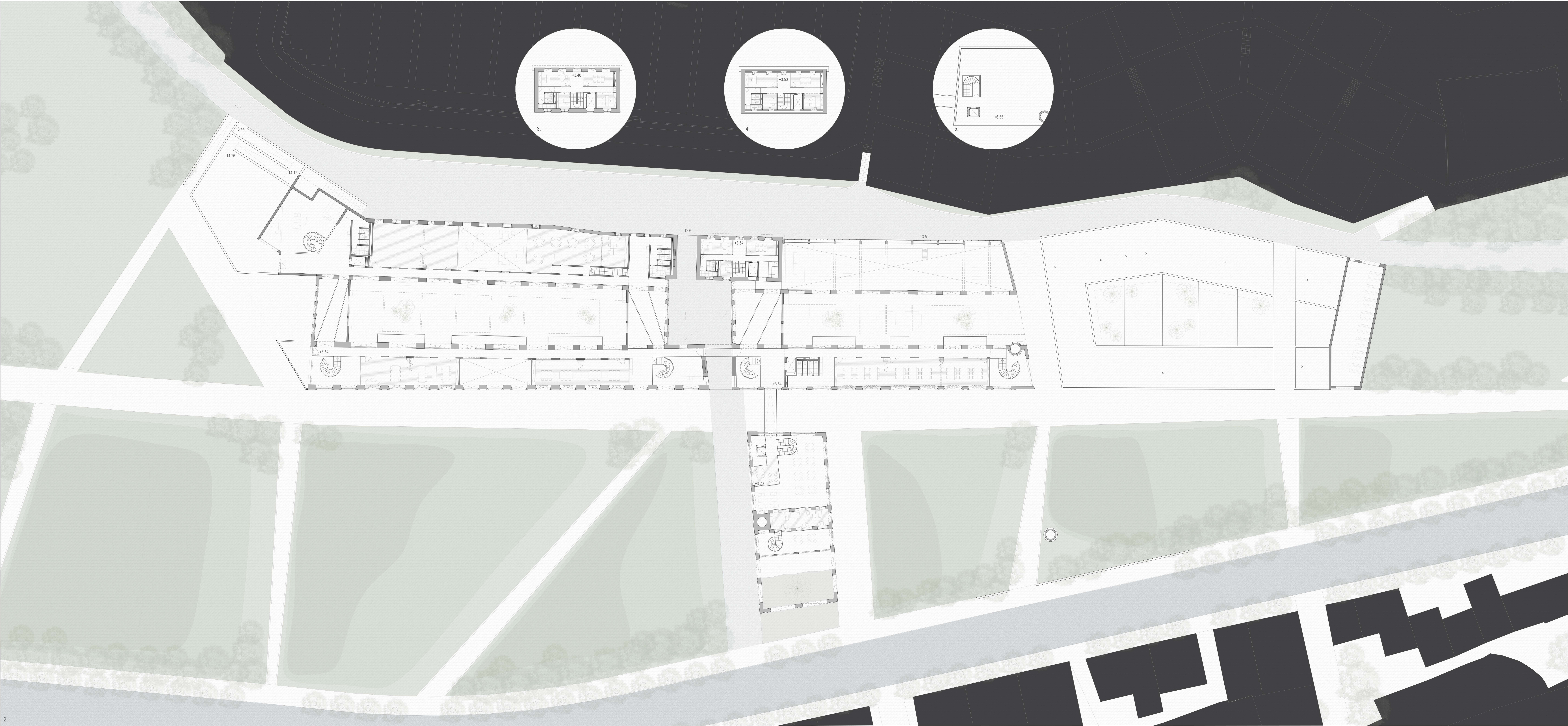




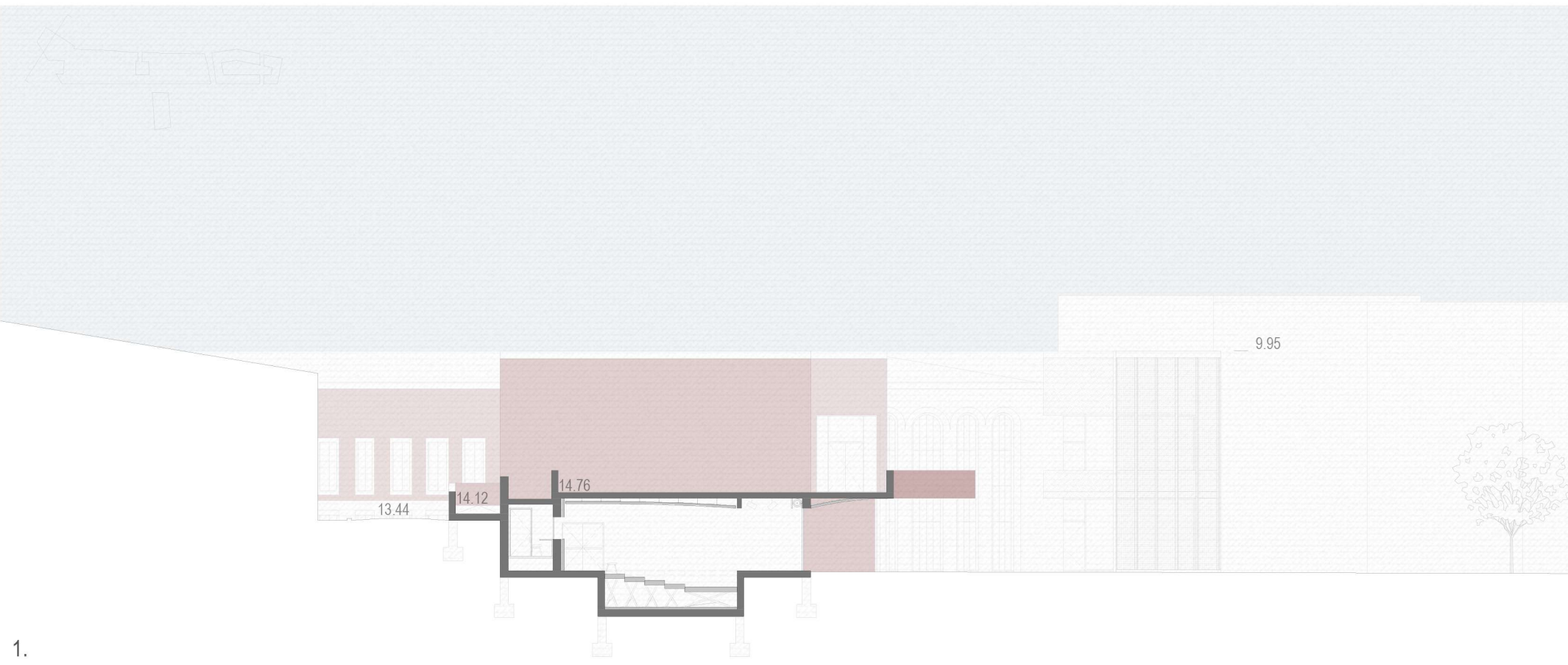




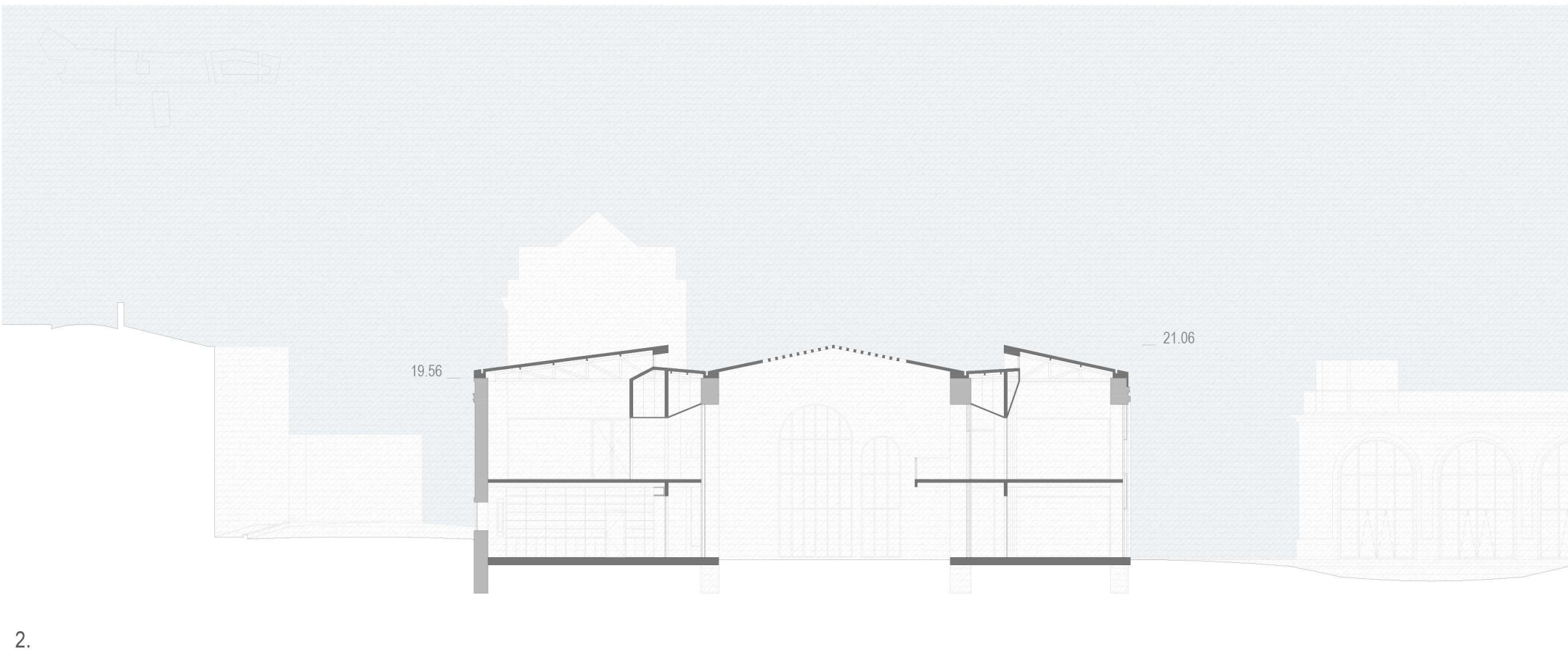




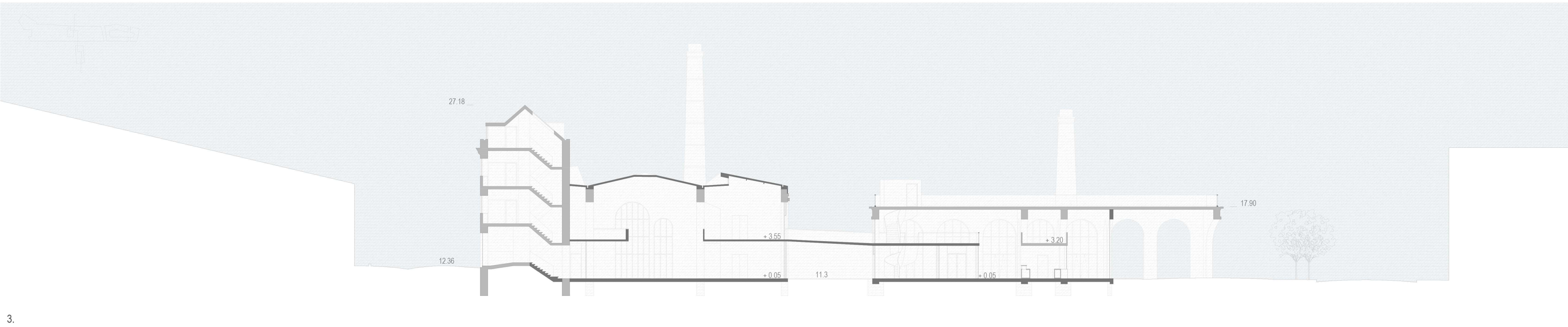




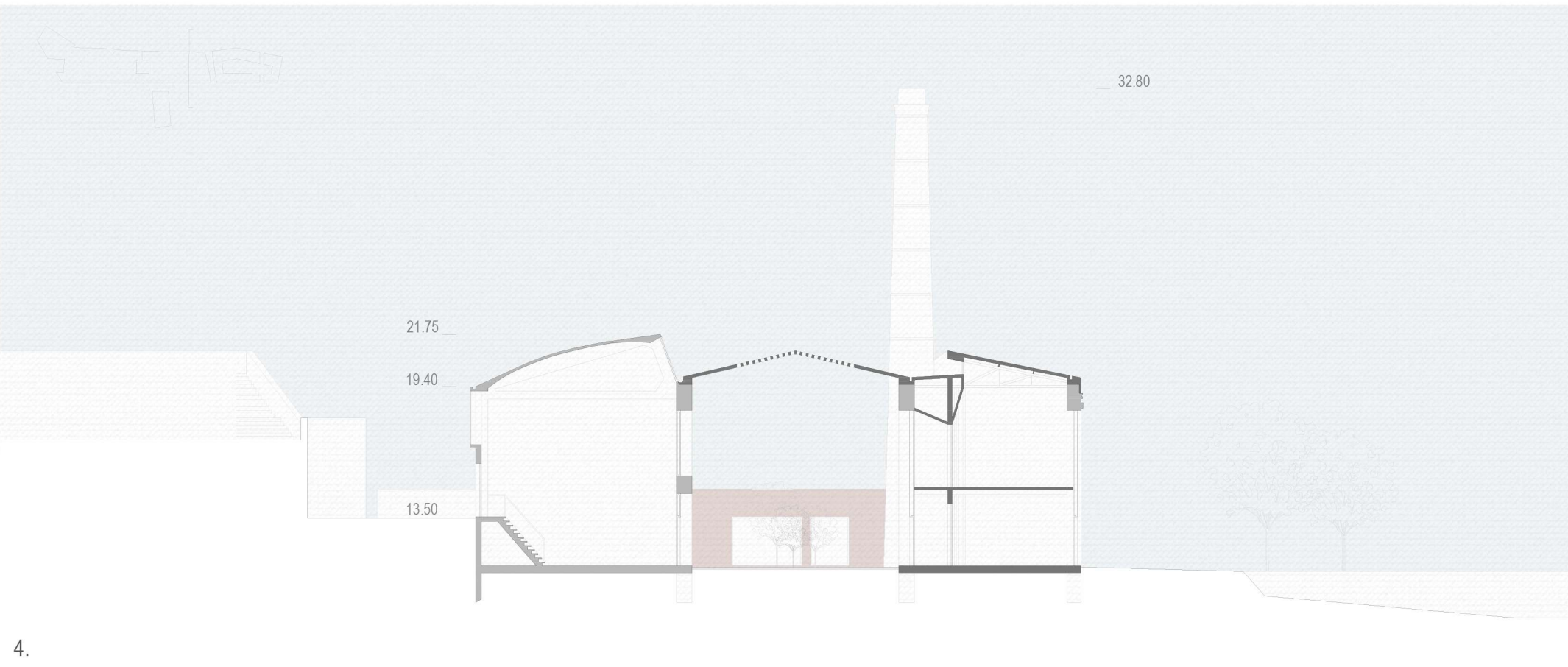
1.



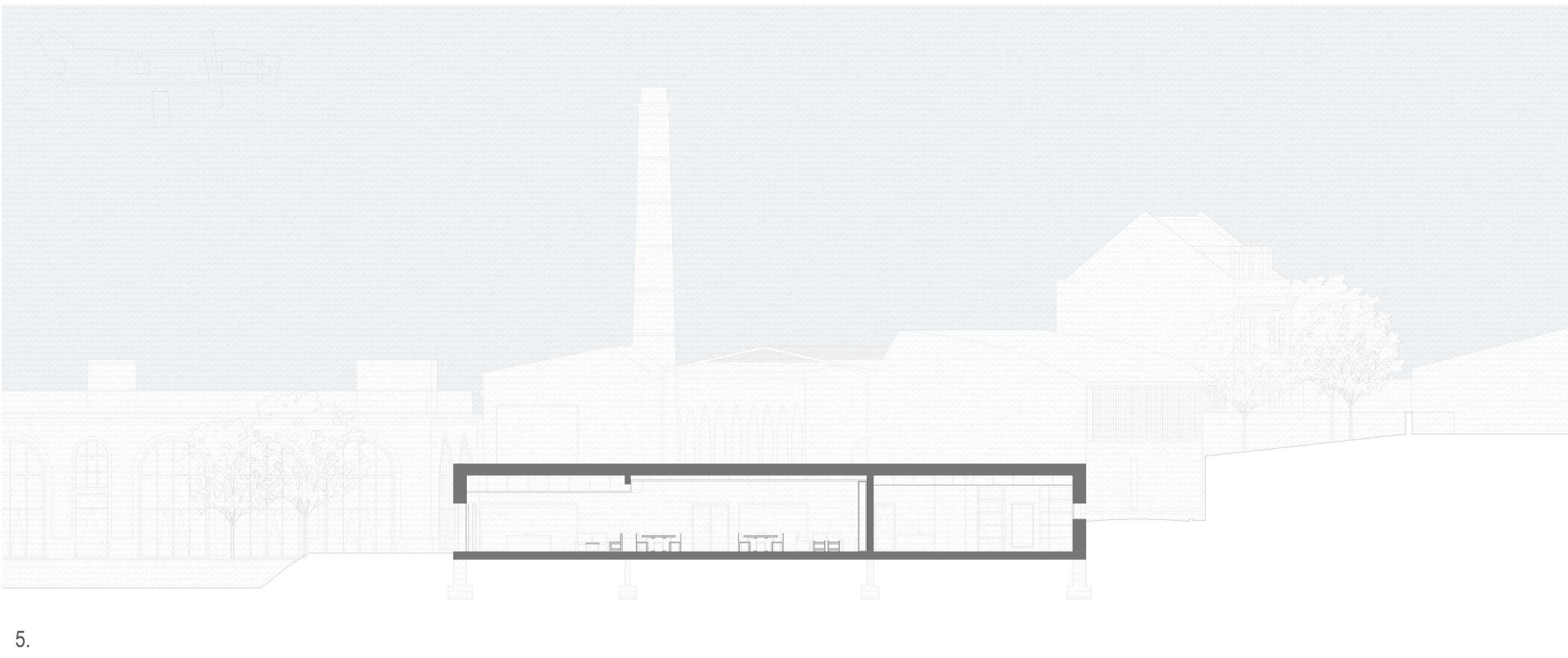
2.



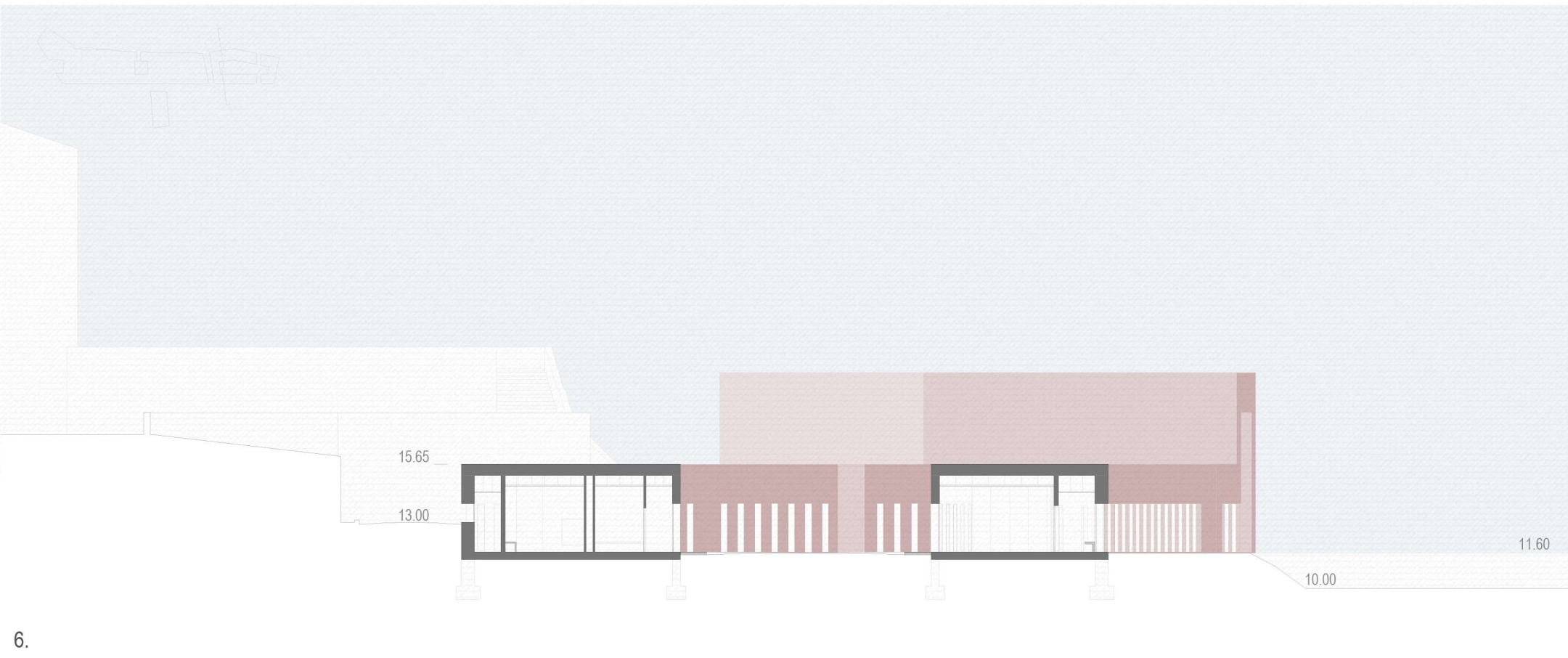
3.



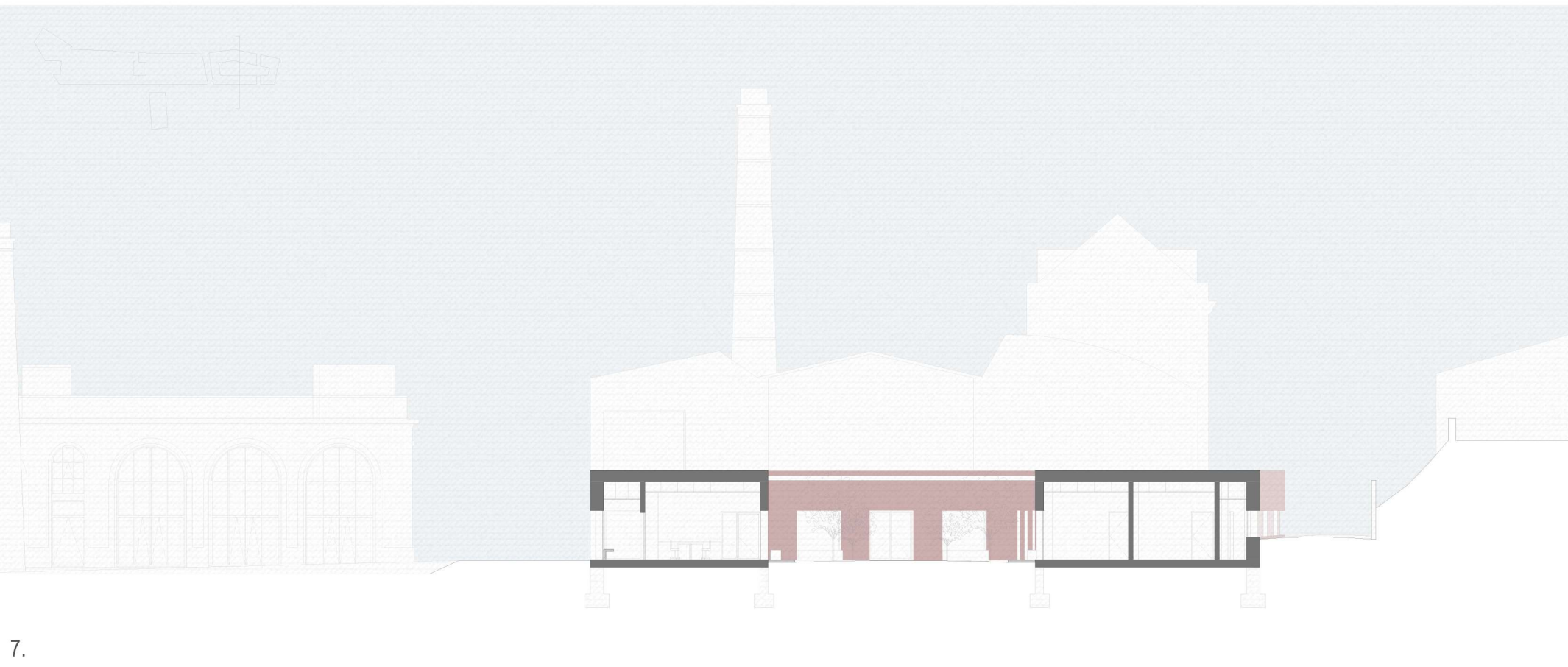
4.



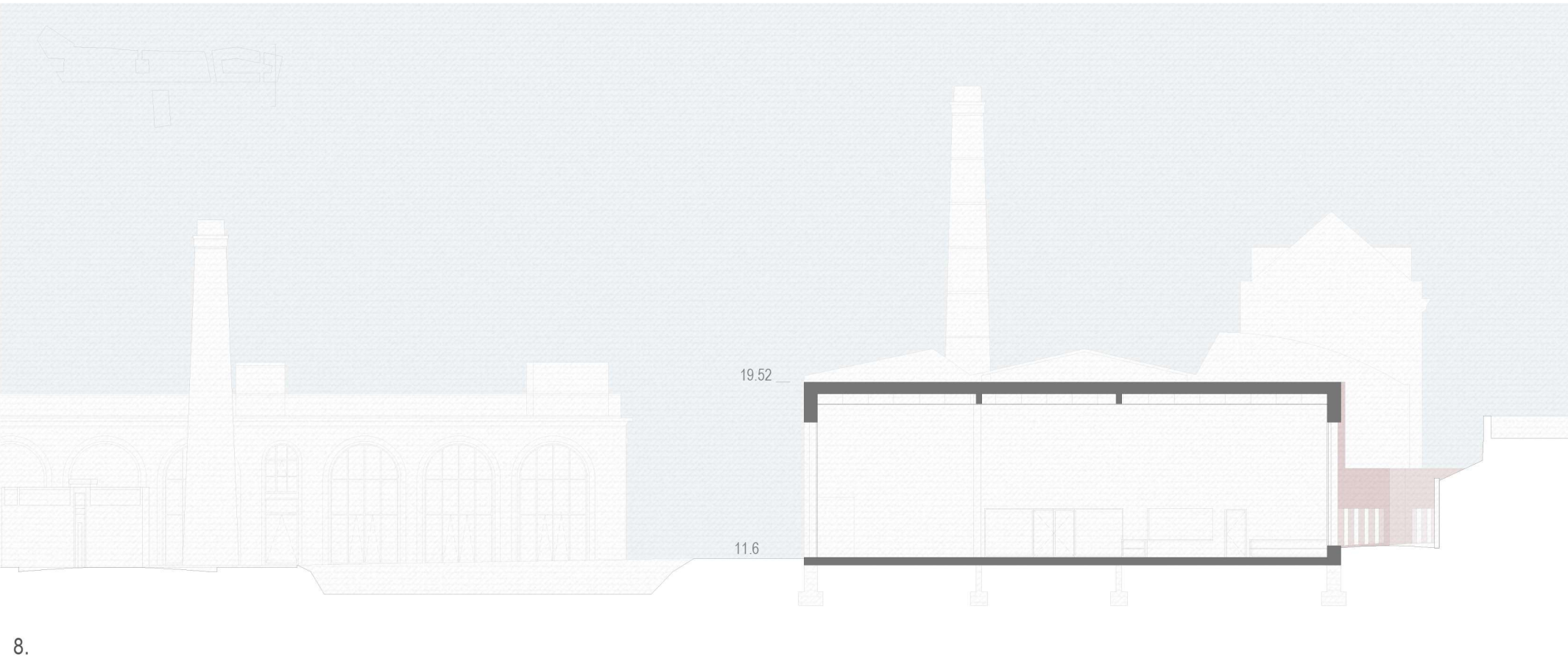
5.



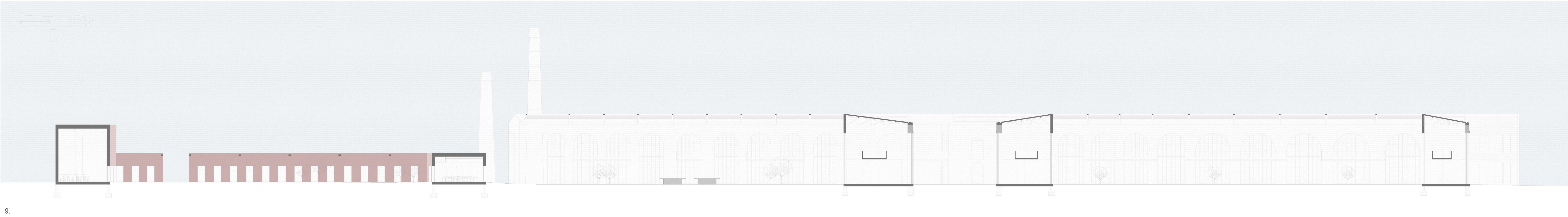
6.



7.



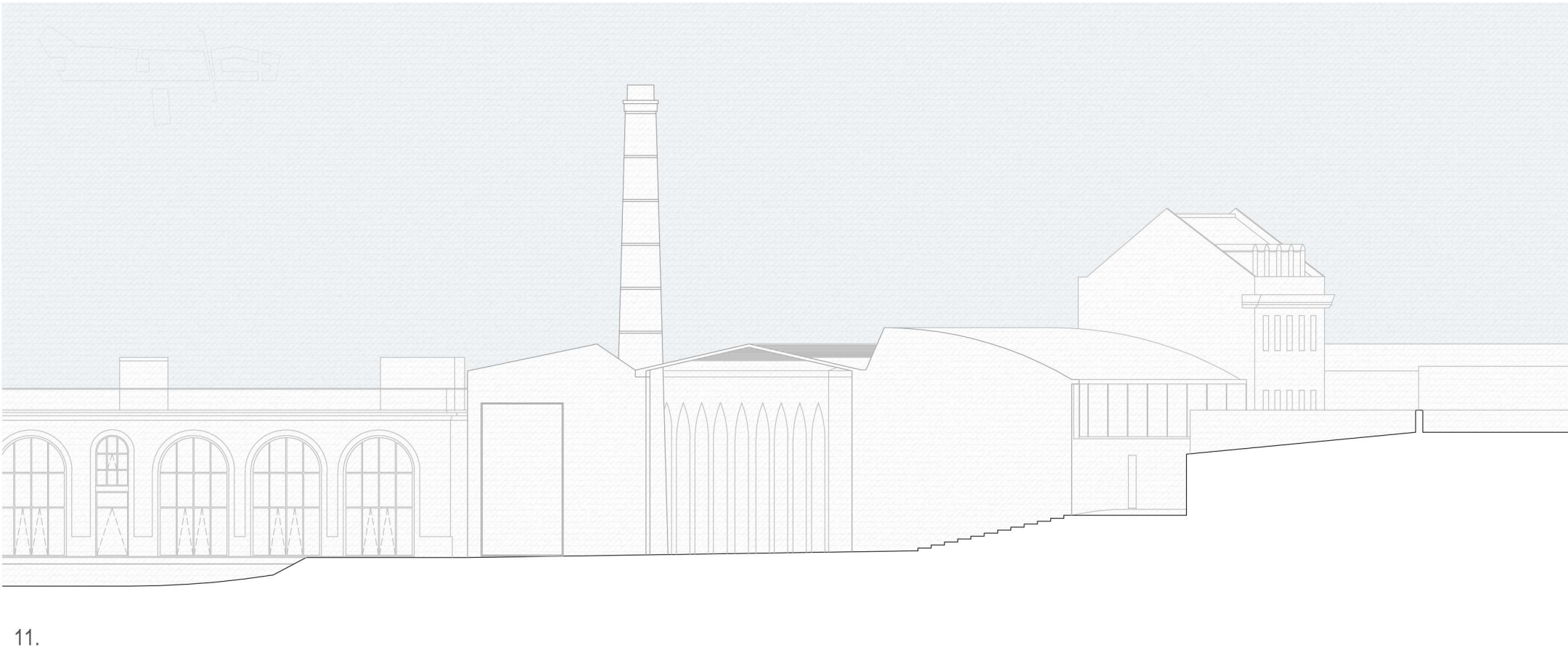
8.



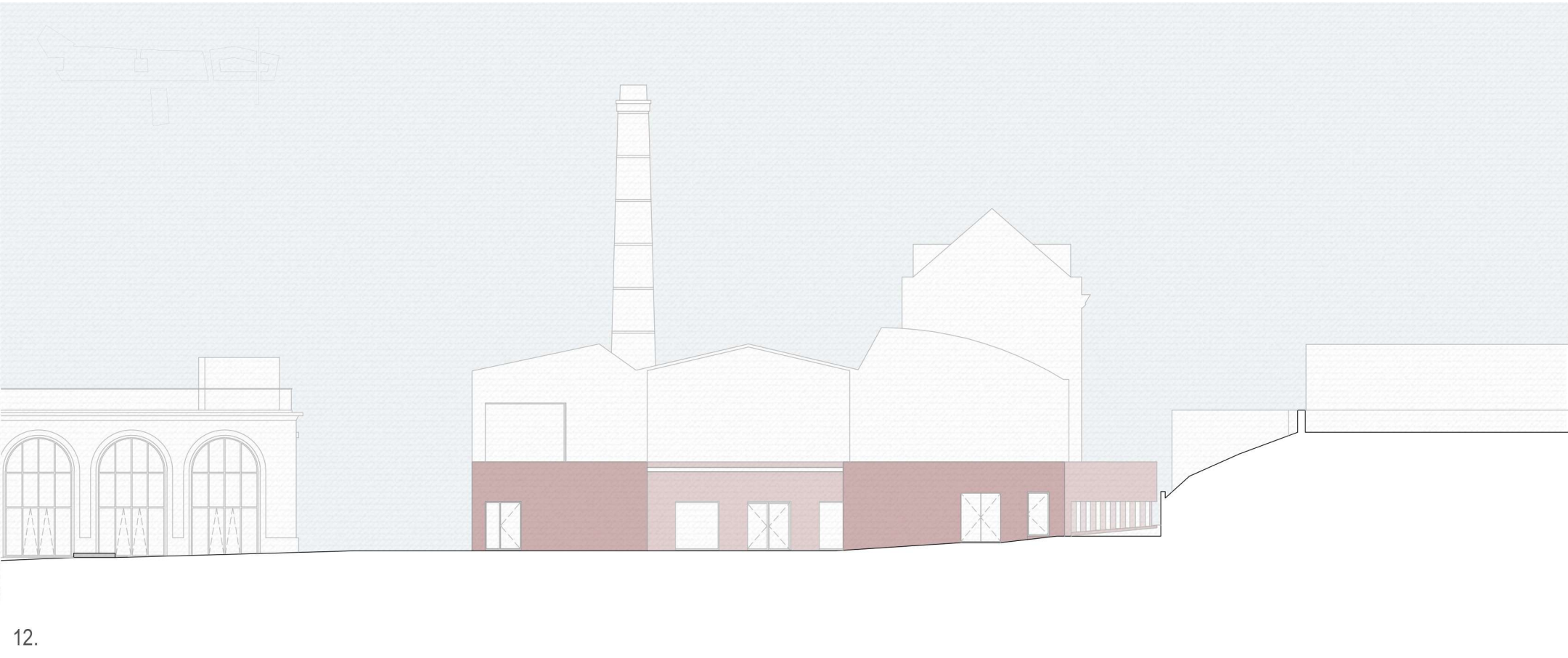
9.



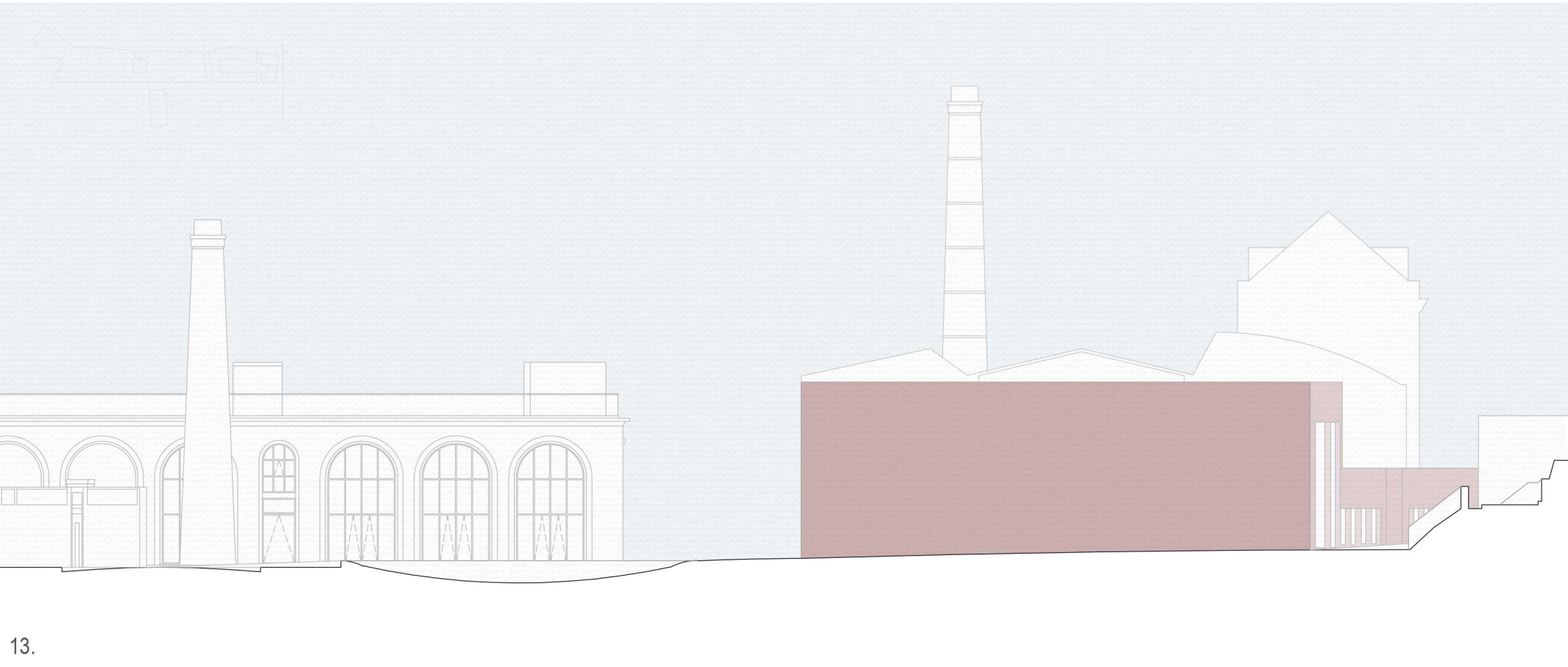
10.



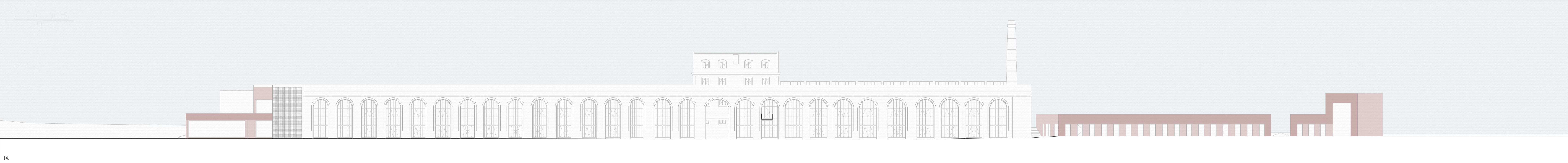
11.



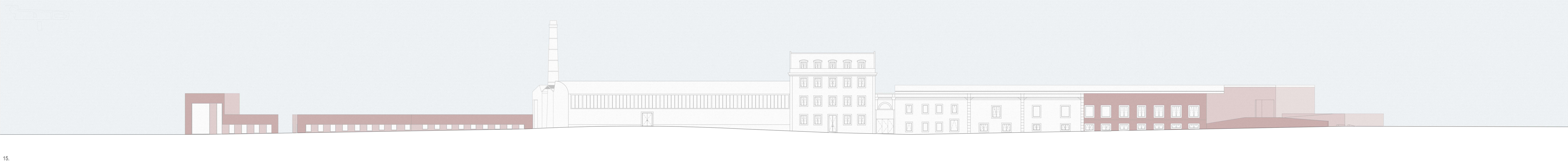
12.



13.



14.



15.





1. Corte Transversal pelo Núcleo Sul da Fábrica

2. Corte Transversal pelo Fórum Ocupacional



